



**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SUL-RIO-GRANDENSE**
Câmpus Pelotas

**BIOGRAFEMÁTICA E ESQUIZOANÁLISE:
procedimentos de escrita de uma vida docente**

Márcia Leão de Lima

Pelotas

2015

**BIOGRAFEMÁTICA E ESQUIZOANÁLISE:
procedimentos de escrita de uma vida docente**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação do Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, pelo Instituto Federal Sul-riograndense – Campus Pelotas.
Orientador: Prof. Dr. Róger Albernaz De Araujo.

PELOTAS

2015

Ficha Catalográfica

L732b Lima, Márcia Leão de.
Biografemática e esquizoanálise : procedimentos de escrita de uma
vida docente / por Márcia Leão de Lima. – 2015.
138 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Róger Albernaz de Araujo.
Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2015.

1. Educação. 2. Psicologia. 3. Saúde docente. 4. Biografemática.
5. Esquizoanálise. I. Araujo, Róger Albernaz de. II. Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul. III. Título.

CDD 370

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Rosana Machado Azambuja CRB 10/1576
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

MARCIA LEÃO DE LIMA

**BIOGRAFEMÁTICA E ESQUIZOANÁLISE:
procedimentos de escrita de uma vida docente**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação do Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, pelo Instituto Federal Sul-riograndense – Campus Pelotas.
Orientador: Prof. Dr. Róger Albernaz De Araujo.

Aprovada pela banca examinadora em ___/___/___

Prof. Dr. Róger Albernaz De Araujo (IFSul)

Orientador

Prof. Dr. André Prietsch Lima (UFPR)

Prof. Dra. Angela Bicca (IFSul)

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

À minha família – obrigada pelo apoio em todas as situações difíceis pelas quais passei nos últimos meses.

Obrigada mãe, pelos ensinamentos, pelo amor incondicional e pelo incentivo constante.

À minha irmã Arlete, pelo carinho, serenidade e pelo cuidado sempre demonstrados.

Obrigada Róger, por acompanhar-me como intercessor no percurso desta escrita. Pela paciência, pelo cuidado e pelo respeito que demonstrou ao longo da caminhada e, principalmente, por ensinar-me que não existe um caminho pronto, mas que ele se faz no “entre” e que, apesar dos muitos que nos preenchem, ele é singular e único.

Obrigada aos colegas do grupo de pesquisa GEISSO pelas trocas efetivas e pelas contribuições para o meu crescimento como pesquisadora.

Obrigada a todos que encontrei ao longo deste processo investigativo, considerando os bons encontros que me trouxeram alegria, bem como, os maus encontros que me tornaram mais fortalecida.

Obrigada aos amigos pelas escutas e contribuições na minha constante e mutante construção.

“Que esperava com a mão pronta?
Pois tinha uma experiência, um lápis
e um papel, tinha a intenção e o desejo-
ninguém nunca teve mas que isto”.

Clarice Lispector

RESUMO

LIMA, Márcia Leão de. **BIOGRAFEMÁTICA E ESQUIZOANÁLISE**: procedimentos de escrita de uma vida docente. 2015. 138 f. Defesa Final Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas, Pelotas – RS.

O presente percurso investigativo se produz pelo desejo de aproximar uma idéia de como e por que acontecem os procedimentos de produção da estética de uma saúde e de um adoecimento docente, na perspectiva da ocupação do espaço-tempo do trabalho na contemporaneidade. Pretende-se problematizar o pressuposto de uma situação de sofrimento, que atinge os profissionais de ensino, como condição de possibilidade de se poder arriscar um rabisco do conceito de uma máquina-saúde, que pode criar-se a partir do mapeamento das intensidades de forças implicadas no encontro das relações docentes com o trabalho. Para tanto, convida-se Nietzsche, Deleuze, Guattari, Foucault e Roland Barthes, como vozes que podem erguer-se ao longo de um percurso revoltado em movimentos imprevisíveis, como uma embarcação sem bússola em alto mar, na tentativa de escrever vidas e produzir encontros possíveis. Pela experimentação de uma prática biografemática e de agenciamentos esquizoanalíticos, deseja-se estabelecer conexões maquínicas, que possam fugir à ordem cotidiana, romper com os saberes instituídos sobre o conceito de saúde docente e, quiçá, saborear rastros de um percurso rizomático e subterrâneo, que possa tornar efeito no inventário de novas marcas sensíveis, de afectos indizíveis e, com isso, poder propor novas paisagens contemporâneas de um vir a ser docente. Produzir uma micropolítica impulsionada pelo desejo de potência de criação, que possa preencher a vida no percurso da produção de um programa de procedimentos afirmativos de um viver.

Palavras Chave: Educação. Saúde docente. Esquizoanálise. Biografemática. Psicologia.

ABSTRACT

LIMA, Márcia Leão de. **BIOGRAPHEMATIC AND SCHIZOANALYTICAL**: writing on a teaching life. 2015. 138 f. Professional Master in Education and Technology of Instituto Federal Sul-rio-grandense Qualification – Pelotas *Campus*, Pelotas, RS.

This study was based on the willing of approximating an idea of how and why the procedures of production of the idea of health and teaching sickness happen, in the perspective of space-time working occupation in contemporary time. It aims at bringing out the assumption of a suffering situation which affects the teaching professionals, as a possible condition of building up a health-machine initial concept, which may be established from the mapping of the power intensities implied in the relation of teaching relationships with work. For such, we invite Nietzsche, Deleuze, Guattari, Foucault and Roland Barthes, as voices that may rise themselves along an uneasy track of unpredictable movements, searching to produce possible subjectivities. By the experimentation of a biographematic practice and schizoanalytical managements, it was intent to establish inter and extra connections, which may be dissociated from an ordinary day life, breaking up with the established knowledge about teaching health concept, and maybe, identifying traces of a rhizomatic and unrevealed track. Therefore, having an effect in an inventory of new sensitive marks, of unsaid affects and, thus, may propose new contemporary landscapes of a come-to-be teaching. Finally, producing a micro-politic moved by the will of having a creation power, that may fulfill life in the track of the production of a program of affirmative procedures of a living.

Keywords: Education. Teaching Health. Schizoanalysis. Biographematics. Psychology.

SUMÁRIO

1. DESEJOS QUE MOVEM A ESCRITA: Navegar. Aproximar. Encontrar. Abandonar. Partir.	10
2. PORTO DE PARTIDA: velas ao vento.....	16
3. MAL-ESTAR DOCENTE: Que máquina é essa?.....	27
4. ESTÉTICA DE PRODUÇÃO DA SAÚDE E DE SUBJETIVIDADES: No-entre, ficção e devires.....	39
5. TERRITÓRIOS DA PESQUISA: folhas ao vento num continuum mar.....	43
5.1 1º PLANO DE REFERÊNCIA: subverter a direção das velas.....	49
5.2 2º PLANO DE CRIAÇÃO: sou fora/sou dentro/sou puro desejo.....	51
5.3 3º PLANO DE RECURSIVIDADE: um eterno retorno à Nietzsche.....	53
6. PROGRAMA DE PRODUÇÃO DE UM PLANO DE CRIAÇÃO: Procedimentos por entre a Esquizoanálise e a Biografemática.....	55
7. BIOGRAFEMÁTICA: Borrões de fuxicos.....	60
8. MAPEAR OS PERSONAGENS: O desenho de um arquipélago.....	66
9. FICÇÃO DE UMA VIDA: como escrevê-la?.....	70
10. O NILLISMO E O CONTEMPORÂNEO: Mar de dor e/ou alegria?.....	88
11. TERRA Á VISTA! Ainda algumas palavras antes do desembarque.....	102
REFERÊNCIAS.....	108
ANEXOS.....	118

1. DESEJOS QUE MOVEM A ESCRITA: Navegar. Aproximar. Encontrar. Abandonar. Partir

Como num lance de dados, a incerteza de uma escrita que está por vir e que se produz, aos poucos, em movimentos criativos de um devir biografemático. Eis um texto que se compõe por borrões, amores, conflitos, certezas momentâneas, abandonos, encontros, por afetos e por perceptos, dentre tantos outros sentimentos indescritíveis e imensuráveis.

Um lançar-se ao mar. Movida pelo movimento do vento e das velas. Em cada porto, segurança. Tranquilidade. Em cada partida, perdas. Descobertas. Sonhos. Desejos. Curiosidades. Rabiscando o desenho de um mapa. Em alguns momentos, retornos. Reinícios. Desapegos. O desenho se refaz.

Como acrescenta Deleuze (2006), o homem, ao se aventurar no mar pode deparar-se com ilhas desertas. É o caso do naufrago, que precisa estar à deriva para encontrar a ilha. Mas para habitar a ilha precisa recriar o próprio movimento de formação, de criação, ou então, ele entrará, mas não a habitará. A ilha será somente um prolongamento do continente. O homem separa-se, coloca-se distante e sozinho, mas é preciso empreender uma prática de criação quando se está separado, pois criação e separação estão juntas no processo de habitação das ilhas.

Um retorno ao porto, na tentativa de possíveis reencontros, afirma a importância do coletivo no processo de desconstrução e reconstrução. Mas a solidão também é fundamental para a criação. A ilha deserta é o espaço da separação como condição para o movimento de reinvenção. O isolamento que toda ilha proporciona possibilitando a criação de um espaço autêntico. Ponto imaginário onde a literatura e a filosofia se conectam pela diferença, repetição e singularidade. Uma ilha à deriva, porém ligada ao continente.

A escrita produz-se pela solidão das ilhas habitadas, das vivências em portos atracados, dos mares navegados, de lugares visitados, das múltiplas outras que compõem quem escreve; que se entrelaçam, por alquimia, aos personagens espalhados pelo percurso e que compõem essa escrita. Um corpo de passagem, que é compartilhado, que se encontra com as histórias de outros corpos; é afetado, afeta e desmancha-se, reconstrói-se e desfaz-se. Os fragmentos empregados para compor a escrita foram sendo pinçados, pouco a pouco, durante o tecer de uma colcha fabulatória de fuxicos.

O movimento é impulsionado por um desejo de produzir uma pesquisa que escreva vidas, que permita que histórias passem, tomem lugar em um corpo, e voem para outros

vários lugares. Como acrescenta o poeta: “escrever poesia é voar na asa da borboleta.” (BARROS, 2009, p.21).

Uma pesquisa descontínua, que se produz como uma máquina de criação. Que se constrói movida por forças em todas as direções. Pelo movimento de espreita, de inquietude e que acredita que tudo é provisório no campo da investigação. Corpos que pedem por novos caminhos – novas formas de ouvir e dizer, de sentir e pensar.

A escrita como encontro com a alteridade, como um desmanchar do Idêntico, a escrita como uma estranheza. “Eu não sou eu nem sou outro, sou qualquer coisa de intermédio”. Um outro de si, um outro de outro e, no entanto, não há nenhum ‘eu’ e nem nenhum outro, somente um ‘entre’. “Não ser eu, toda gente, toda parte”. A escrita percorrida por algo que não nos diz respeito e nos é próximo, por algo que se relaciona a nós e nos é distante. Algo que é o próprio desmanchar de mim mesmo. Algo que nos incita a inventar outras formas ao conjugarmos os tantos verbos da nossa vida. Um desafio uma provocação (MACHADO, 2004, p.146).

A formação em Psicologia e a experiência como pesquisadora no campo da educação proporcionaram um trânsito pelos territórios da saúde e da Educação. Hoje não é mais possível pensar uma área desvinculada da outra, mas pelo agenciamento entre as duas. É um olhar que foca no homem com todas as suas potencialidades e limitações. Trata-se, sobretudo, da possibilidade de um encontro – consigo mesmo, com o outro e com a multiplicidade.

Ao longo de uma trajetória de trabalho em instituições diversificadas de ensino, a queixa dos docentes constituía-se como uma constante nos discursos. A fala repetitiva pode provocar em quem escuta certa inquietação; trazer à tona uma sensação desagradável de impotência e, às vezes, indignação, pela voz docente que ecoa. É possível que tenhamos implícita na “queixa” uma possível vontade de nada. Tons de cinza com nuances de preto. E, somente hoje, encontra-se em Nietzsche um modo de dizer dessa possível anestesia frente à vida: Nihilismo. Com Deleuze, a descoberta de que a queixa pode falar de algo que incomoda e aparece como um pedido de ajuda.

Diante deste chamamento, a decisão pelo mapeamento do que havia de produção científica sobre a temática – mal-estar docente. O levantamento informal foi realizado junto ao Banco de Teses da CAPES¹. A produção de pesquisa sobre o tema é crescente, demonstrando a relevância do assunto na contemporaneidade. Em algumas pesquisas de caráter quantitativo sobre saúde docente deparou-se com números exorbitantes de uso abusivo

¹<http://bancodeteses.capes.gov.br/>

de medicação, afastamentos do trabalho por motivo de saúde, aposentadorias motivadas por doenças laborais e quadros patológicos diversos.

A partir do levantamento realizado, identificou-se que os estudos neste campo focam a doença e o desconforto docente. O acesso às pesquisas serviu também para a descoberta de que não havia o desejo de pesquisar a doença, mas sim, a saúde, partindo dos conceitos de saúde e de doença até então conhecidos. A queixa, portanto, foi o ponto de entrada neste território investigativo; acompanhada de uma intensa vontade em pesquisar as possibilidades de transformação dessa demanda.

E então, veio um mergulho no projeto de pesquisa que também se ousou chamar de viagem: preenchida pelo ímpeto da vida e disposta a arriscar uma transvaloração da “queixa”: o desejo que pulsa, movimenta e transforma. Transformação em potência, vivenciada e manifestada pela produção da diferença. Tons de vermelho com nuances multicoloridas. Talvez uma utopia. Talvez algo impossível. Talvez algo possível. Arriscar. Jogar-se. Ficar à espreita. Entregar-se. Deixar fluir. Cuidar de si. Cuidar do entorno. Para escrever uma vida é preciso debruçar-se sobre ela.

Uma viagem movida pelo inesperado, sem a pretensão de respostas definitivas ou verdades determinantes. Trajetos possíveis a partir dos movimentos que vamos reinventando no campo da pesquisa. Arranjos provisórios diante das linhas múltiplas que se atravessam e que compõem a geografia, também provisória, de uma existência.

Inicialmente uma grande identificação com a filosofia da diferença. Desejo de trabalhar com a esquizoanálise. Que conceito é esse? O que é isso? De repente percebe-se o quanto a metodologia do “diagnóstico” pode afetar um olhar. São raízes de uma formação como profissional da área da saúde. Querer, mas não conseguir. Escrever muitas linhas. Deletar todas em alguns minutos. Escrever novamente. Uma ida até a cozinha para comer algo. Retornar. Não! Agora é sede. Percorrer corredores. Que difícil essa tal de esquizoanálise. Difícil de compreender? Não. Difícil de praticá-la. De vivenciá-la. Apaixonante e desafiante.

Noites em claro saboreando textos de Deleuze, Nietzsche, Guatarri. Que paixão! Que escrita. É isso. Escrever na tentativa de falar tudo que gostaria. As palavras não dão conta. Há um mundo dentro do peito. Espaços que se esvaziam. Uma grande desterritorialização. Mudanças de rota. Novas possibilidades de escrita. Aos poucos a esquizoanálise preenche um espaço que, a priori, foi preciso esvaziar. Espaço que podemos comparar às roupas que já não servem mais. A sobrecarga que preciso lançar ao mar.

No percurso enquanto pesquisadora, enquanto tentava entrar na problemática de pesquisa, produzia um plano de referência de saúde e de doença docente. Enquanto voltava o olhar a uma saúde e uma doença, de alguma maneira estava construindo um vir a ser. Não é o signo que interessa, mas as relações éticas e políticas que são atravessadas pela doença e pela saúde. São os dois limites da esquizofrenia e do capitalismo.

Como e por que os docentes produzem para si uma estética de saúde ou de doença? A doença e a saúde são dois sólidos. São dois processos de produção de saúde e de produção de doença. Tanto uma estética como a outra é efeito das relações. O que estava por acontecer era da ordem do inusitado, sem possibilidades de antecipação.

E o que falar da profissão docente, considerando que, na contemporaneidade, há uma grande demanda sobre este profissional? A aproximação com o passado e o presente dessa profissão se faz necessária para que se possa compreender melhor como e por que ser docente? Que afetos o movem? Que dores o paralisam? “O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor” NIAS (1991, apud Nóvoa, 2000, p. 09).

A viagem segue, as paisagens se modificam e, aos poucos, a tranquilidade da chegada ao porto foi sendo substituída pelo prazer de lançar-me ao mar, na espera pela viagem, sempre possível, e pela possibilidade das descobertas que proporcionavam, muitas vezes, mudar de rota e vislumbrar territórios inimagináveis.

Em uma dessas mudanças de percurso, surge Roland Barthes, um novo intercessor. “O essencial para a criação são os intercessores” (DELEUZE, 1988, p. 156), que potencializa o fragmento de uma escrita fornecendo novas possibilidades semânticas, outros olhares, uma singularidade em uma pluralidade. Paixão. Curiosidade. Perplexidade. O biografema fisgou. Diante da busca na criação de uma vida, veio a biografemática e tantos outros intercessores. Referenciais teóricos que enriqueceram a escrita quanto à criação dos personagens e na escrita de uma vida docente. Quem faz uma viagem sempre tem algo a dizer do que viu, do que sentiu e dos encontros possíveis. Já não é mais possível reconhecer-se. Tudo se tornou leve. Um acontecimento²!

Aos poucos, o texto vai ganhando corpo que se tenta colocar em palavras, como urgência. Numa contemporaneidade em que a depressão assume lugar de destaque, a doença se sobrepõe à saúde. A dor e o sofrimento passam a constituir domínios e, ao mesmo tempo, fantasmas, dos quais todos fogem. Dos quais todos tentam fugir. O que aqui escrevo é da

²Deleuze, G. 1976, p. 6.

ordem da necessidade: demanda de rupturas de verdades dominantes sobre os conceitos de saúde e de doença.

Aprendemos: Sofremos. Queixamo-nos, lamentamo-nos. Mas aquele que se queixa não é triste – sofrimento não se opõe à alegria, e por isso não deveria causar paralisia. O que se ouviu foram vozes até então silenciadas, que ora alegraram-se por poder falar, dividir, experimentar, produzir diferença; ora, sofriam pela exposição. No percurso que desenha a trajetória da uma vida, foram muitas experiências. Afetar. Ser afetada. Mudar de foco. Mudar de roupa. Mudar de alma. Mudar! E tudo isso permitiu escrever. “Na escrita não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever, não se trata da sujeição de um sujeito à linguagem: se trata da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não deixa de desaparecer” (FOUCAULT, 2001, p. 268-269).

Há muitos anos carrego uma sobrecarga de trabalho. Falo de um burro de carga, um camelo ou um homem? Falo de peso? Ou de vida? Nunca parei para pensar sobre isso. Não sobrou tempo. E foram muitos os sintomas e as patologias: perda de cabelo, estresse, má alimentação, excesso de peso, medicamentos, drogas em demasia. Hoje, o pânico e a cobrança excessiva são meus companheiros. Sou fraco. Na adolescência eu não tinha relógio. Mas lembro que costumava contar centenas de estrelas no céu e desejar um dia vir a ser.

Maturidade. Relógio. Trabalho. Correria. Relógio. Trabalho. Correria. Nem percebi, quando entre um ponto e outro, não havia espaço para família, os amigos, Mas tive êxito e tornei-me um professor universitário. Viagens. Congressos. Estudos. Títulos. Artigos. Publicações. Viagens, congressos. Artigos. Publicações. Mas parece cíclico? É o movimento do homem contemporâneo. E novamente não sobrou tempo para a família e amigos. Mas são muitas as cobranças e elas nunca cessam. Multiplicam-se. O erro não é aceito nessa profissão. Sofro porque tenho que acertar. A incompetência fez em mim sua marca.. Ah, mas um dia eu acerto e então terei tempo para viver e ser feliz. É preciso inverter para não morrer. E nesse dia virarei músico ou poeta e então poderei vir a *ser*.

Carrego

sobre carga

vida

sintomas

estresse

medicamentos

desejar

Relógio

Um ponto

um burro de carga

um camelo

correria

excesso de peso

patologias

pânico

cobrança excessiva

Trabalho

2. PORTO DE PARTIDA: velas ao vento

O presente projeto busca compreender como e por que se estabelecem os procedimentos de produção de saúde e de adoecimento, na perspectiva da ocupação do espaço-tempo do trabalho docente na contemporaneidade, e suas implicações para a educação.

Um dos sintomas que permeia a Educação pode ser o mal-estar docente, pressuposto de uma situação de sofrimento, que pode afetar o desempenho profissional e pessoal, produzindo, como efeito, sensações que acontecem no/pelo atravessamento de linhas que aniquilam as intensidades de afirmação e de produção da vida.

De acordo com Nóvoa (2007), as transformações no campo da educação, nas últimas décadas, contribuíram para uma diminuição do prestígio dos professores. Eles foram reduzidos às suas competências técnicas, ameaçados por mudanças sociais e por utopias, que os pretendiam substituir por tecnologias da educação, esvaziados de uma afirmação própria da dimensão pessoal da sua profissão.

O mal-estar docente é uma constante na educação contemporânea e sintetiza um fenômeno que afeta não somente os professores, mas os trabalhadores em geral. Ele pode ser produto das dificuldades ou impossibilidades do profissional em lidar com as demandas presentes no cotidiano de seu trabalho. O termo mal-estar docente é uma expressão empregada para descrever os efeitos recorrentes que afetam a vida do professor, como resultado das condições em que exerce as atividades laborais. São os sentimentos de angústia, desconforto e ansiedade resultantes da tensão gerada pela necessidade de intervir em situações que se colocam no cotidiano de sua prática, e as reais possibilidades da concretização dessa intervenção.

Os sintomas podem se manifestar em desinteresse pelo trabalho, indiferença e desmotivação. Os aspectos psicológicos traduzem-se em esgotamento, cansaço, ansiedade, depressão e neuroses reativas. Quanto à sintomatologia da saúde física, aparecem principalmente os problemas de elevação da pressão arterial, de garganta, digestivos, cardiovasculares e dermatológicos.

A consequência mais visível é o absenteísmo, cuja mensuração pode estabelecer-se através das inúmeras licenças médicas e ausências ao trabalho injustificadas; e que pode funcionar como uma fuga consciente ou inconsciente do contexto de trabalho.

Zaragoza (1999) classificou os fatores que configuram o mal-estar docente em dois tipos:

- **Fatores primários:** aqueles que incidem diretamente sobre a ação do professor em sala de aula, gerando tensões associadas às emoções e desconfortos, dentre os quais merecem destaque: os recursos materiais e as condições de trabalho docente, a violência nas instituições escolares e a acumulação de exigências sobre o professor.

- **Fatores secundários:** referentes às condições ambientais em que a docência é exercida. Entre esses fatores pode-se elencar: a transferência de atividades sociais da família para os professores, a crise no sistema de valores (que valores transmitir ou questionar?), os múltiplos papéis exigidos dos professores, a falta de reconhecimento social, a modificação no status do professor, baixos salários, o avanço do conhecimento e a necessidade de constante formação continuada, entre outros fatores.

Qual o significado de ser professor para o professor? Poderia estar aí uma fonte de adoecimento? Linhas de força que se contrapõem: aquilo que se acredita em oposição àquilo em que se precisa acreditar. Vivenciar ou reproduzir? Adoecimento pela distância entre o que o professor deve³ ser, enquanto ideal, e o que ele pode ser? Quais afetos o movem? Que professor é este?

A profissão de professor constitui-se como uma das mais antigas e, durante muito tempo, foi considerada como uma vocação, um dom divino, uma missão atribuída aos mestres de valores morais e condutas inquestionáveis. Desde a sua conceitualização até a sua institucionalização, a formação docente foi apropriada pelas instituições de poder, inicialmente a igreja, depois o governo e por fim a academia. Pode-se pensar que as três concepções - vocação, ofício e profissão - exprimem a trajetória de formação do ensino.

Conforme Oliveira (2011) a educação formal no Brasil teve início com a vinda dos padres jesuítas europeus no final da primeira metade do século XVI. Mesmo sob o domínio do governo português, criaram a primeira rede de ensino no país através da Companhia de Jesus.

A congregação jesuítica surgiu na Europa em um período conflituoso entre a igreja católica e a igreja luterana. A fé era o que alimentava e justificava todo e qualquer sacrifício da alma e do corpo. Os jesuítas tornaram-se fortes pelo discurso de uma postura e conduta inquestionáveis que os conduziu até o Brasil, em 1549, na tentativa de educar os índios.

Conforme acrescenta Oliveira (2011), uma das ferramentas utilizadas para controle e dominação era o batismo, considerado extremamente relevante para a salvação da alma. Outra

³Segundo Kant (2010), aquilo que representa uma ação como necessária, de forma objetiva, é denominado imperativo categórico e constitui uma lei moralmente prática pelo fato de impor uma obrigação quanto a certas ações, convertendo as ações em deveres.

forma de salvar-se seria pelo matrimônio, onde aquele que ousasse anulá-lo não teria mais direito à comunhão, ou seja, ao corpo de Deus. E a morte, seria então a última possibilidade de salvamento, cuja extrema-unção permitiria o descanso do cadáver em lugar sagrado; e pelo ensino, na perpetuação e formação de crenças.

Com a intenção de catequizar e educar os indígenas e os filhos dos colonos fundaram-se colégios e seminários. Os educadores eram representantes da igreja que estabeleceram, no Brasil, uma rede de ensino onde prevalecia o ensino dos costumes e da língua portuguesa. Cabe salientar que Portugal acatou e sustentou os dogmas da Igreja Católica diante da Reforma Protestante. A aliança firmada entre Portugal e a igreja foi denominada de “padroado” e consistia numa benção do papa ou numa outorgação de poderes espirituais aos monarcas portugueses. Por esse padroado, os monarcas exerciam o governo religioso e moral sobre todos os seus súditos nas colônias, sendo autorizados a recolher e a administrar os dízimos para a igreja.

Os jesuítas, determinados a abrir uma escola sempre que fosse erguida uma igreja, implantaram, a partir de Salvador, um movimento que se estendeu para o Sul do país com o objetivo de catequizar através do ensino. Os missionários católicos empenharam-se na construção de colégios destinados à catequização e à formação de meninos. A formação proposta pelos padres jesuítas contemplava o aspecto intelectual, mas principalmente uma formação de princípios e virtudes.

A Companhia de Jesus publicou, em 1599, o *Ratium Studiorum*. Baseado no currículo de aulas, ele serviu de norma aos colégios até 1773, quando foi extinto. O programa continha lições e exercícios partindo do curso de teologia até a mais simples aula de gramática. Para catequizar, os jesuítas utilizavam como instrumento o ensino das primeiras letras, e, a partir daí, chegavam em seu principal objetivo, o de imprimir a cultura cristã nos nativos. Permaneceram nessa condição de educadores até a metade do século XVIII, quando foram expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal.

Na América do Norte a situação não era muito diferente. Em meados do século XVII, o clero assumiu a responsabilidade do ensino e da educação em geral. Para atender a demanda de mão de obra existente, a igreja não exigia experiência aos futuros mestres. No entanto, a seleção deveria ser realizada exclusivamente pelos dirigentes religiosos. A empregabilidade, nessa época, era muito restrita para aceitar deficientes físicos, idosos, recém-formados e imigrantes que eram convidados para a prática da profissão docente.

Os requisitos necessários para participação no processo seletivo resumiam-se a noções de letras, aritmética e disposição para uma remuneração equiparada a de um trabalhador

braçal. Além disso, os candidatos deveriam ser exímios observadores, pois a observação da prática de professores seria uma constante em seu cotidiano e o norteador de seu percurso.

Inicialmente faltava competência técnica e conhecimentos para o exercício da profissão. Porém, se o candidato tivesse um histórico de bons costumes junto à igreja e uma presença regular na missa, justificava sua competência para o exercício do cargo.

Assim, numa sociedade tradicional, aprende-se a ensinar observando os professores e tentando simplesmente reproduzir o comportamento destes [...] como o ensino é considerado, desde muito tempo, como uma profissão respeitável, é útil comparar a aprendizagem do ensino durante o período “tradicional” com a formação exigida para as profissões sociais que detém um poder real ou simbólico na comunidade: os profissionais tradicionais, incluindo o clero, os advogados e os médicos; os oficiais militares, os funcionários e os membros respeitáveis da comunidade (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 29).

As estruturas de poder tradicional eram as mantenedoras do ensino e mantinham-se alicerçadas na valorização de comportamentos passados como prática de manutenção do presente. Utilizava-se de um saber padronizado, adquirido ao longo do tempo e de acesso restrito. Ao término do período de aprendizagem, quem tinha o saber era também detentor de um poder. Essa forma de funcionamento de ensino e/ou doutrinação não era questionada, tendo ampla aceitação pela população. O ritual de doutrinação dizia às pessoas como deveriam comportar-se e a quem deviam submeter-se, criando assim, estruturas de poder.

A adesão a essas doutrinas desencadeava numa divisão dual da população entre pessoas detentoras e não detentoras do saber. O primeiro grupo era formado pelas pessoas portadoras do conhecimento, de uma profissão e que seguiam os dogmas propostos. Dessa forma, os governantes e o clero puderam separar as pessoas consideradas de bem e virtuosas das pessoas amorais, sendo essas últimas excluídas do poder. Nesse período, os docentes não tinham acesso ao saber e, em consequência não podiam contrapor-se aos dogmas da igreja e às leis instituídas.

Considerando as autoridades como as detentoras do saber, elas detinham também a capacidade de interpretar o passado e utilizar-se dessas informações para nortear o presente e o futuro. Esse comportamento das autoridades de “pegar pela mão”, “conduzir”, oferecia às pessoas uma “segurança”. Assim todos sabiam como se comportar, aonde ir, como se conduzir. Utilizando-se de um discurso sobre a responsabilidade pela manutenção dos bons costumes e formação de cidadãos de bem, a igreja e as autoridades da época controlavam a educação.

Por toda a Europa, a segunda metade do século XVIII foi um período-chave na história da educação e da profissão docente. De acordo com Nóvoa (1992), nesse período

começou-se a questionar e a desenhar o perfil do professor ideal: Deve ser leigo ou religioso? De que modo deve ser selecionado? Quem deve pagar e gerir o seu trabalho? Esse movimento estendeu-se até meados dos séculos XIX e XX. Aos poucos o ensino, com grandes contribuições da Escola Nova⁴ melhorou seu *status* enquanto profissão e as práticas de ensino começaram a ganhar um espaço na educação, porém, ainda era carregado de incertezas.

A segunda metade do século XIX constitui-se como um momento importante para compreender a ambiguidade do estatuto dos professores. Fixa-se nesse período uma imagem intermédia dos professores, que são vistos como indivíduos entre várias situações: não são burgueses, mas também não são povo; não devem ser intelectuais, mas tem de conhecer um bom acervo de conhecimentos; não são notáveis locais, mas têm uma influência importante nas comunidades; devem manter relações com todos os grupos sociais, mas sem privilegiar nenhum deles; não podem ter uma vida miserável, mas devem evitar toda a ostentação; não exercem seu trabalho com independência, mas é útil que usufruam de alguma autonomia, etc (NÓVOA, 1999, p. 18).

Os questionamentos acima fazem parte de um movimento de estatização do ensino, isto é, o estado passa a ter um controle mais rigoroso do ensino que até então estava sob a tutela da igreja. O processo de estatização baseia-se na substituição de um corpo de professores, sob o controle da Igreja, por um corpo de professores sob o controle do Estado sem que, no entanto, tenha havido mudanças significativas nas motivações, nas normas e nos valores originais da profissão docente: o modelo do professor continua muito próximo do modelo do padre, de acordo com Julia (1981). Quando a vocação de ensinar é substituída por práticas profissionais, as crenças iniciais não desaparecem e constata-se a prática docente ainda amplamente influenciada por valores de caráter moral e religioso.

No início do século XX, tem início um movimento de profissionalização e construção de um território delimitado da profissão docente. Os certificados em cursos de formação tornam-se uma obrigatoriedade. Porém, em algumas cidades inglesas, aqueles que estivessem em trabalho de evangelização obtinham uma permissão do governo para atuar como docente demonstrando assim a forte influência da igreja, mesmo que implícita, até o presente momento. Sob o aspecto social destes personagens ainda paira a imagem da missão, da doação e da vocação. Sem compartilhar o ideal de vocação que sugere palavras como dom, graça divina e, que escamoteiam a posição ocupada pelos docentes no espaço social.

No século XXI, muitas transformações ocorreram no panorama da educação brasileira e na prática pedagógica, o que levou a uma problematização do trabalho do professor enquanto uma missão, afinal, trata-se de um dom herdado. Não faz sentido exigir que o

⁴LAMEGO. V., **A farpa na lira**: Cecília Meirelles na Revolução de 30. Record: 1996.

professor investida em uma formação continuada. Mas o professor é chamado a repensar sua prática em sala de aula e sua profissão. O professor que, até então, ocupava o *status* de um detentor do saber, precisa reposicionar-se frente aos alunos mais críticos, mais autônomos e mais questionadores, devido às transformações sociais e tecnológicas que um mundo globalizado impõe.

De acordo com Pimenta (1999), os principais desafios contemporâneos para a educação são: a sociedade da informação e do conhecimento. Com isto, faz-se necessário uma escola em constante movimento e ágil, capaz de transformar o fluxo veloz de informações em novos conhecimentos. Para tal precisa-se de educadores com preparo técnico e humano, capazes de recriarem-se a cada instante.

Para Santomé:

O mundo atual precisa de pessoas com uma formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais freqüentes, e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade (SANTOMÉ, 2001, p. 45).

Segundo Nóvoa (1995), essas mudanças aumentaram as responsabilidades do professor que, além de atuar, de ocupar um lugar de facilitador da aprendizagem, precisa manter-se constantemente informado para dar conta de um aluno com amplo acesso ao conhecimento adquirido através das novas tecnologias.

Para a maioria das pessoas envolvidas na comunidade escolar- direção, pais e alunos- os professores devem responder às constantes mudanças e, conseqüentemente, às suas expectativas. Os professores, no entanto, sentem-se frustrados por, muitas vezes, não atenderem a todas as exigências citadas; o que pode desencadear em isolamento e adoecimento. A perda de sentido, a desmotivação, o vazio de valores, a vontade de nada juntamente com a culpa, com o desejo de atender às expectativas dos diversos atores sociais e as suas aspirações constituem algumas das principais questões, forças e tendências que conduzem o devir do mal-estar docente como condição de um lugar e/ou o não lugar do professor.

De acordo com Garcia (2002), o discurso social sobre ser professor é pautado na moral pastoral, que tem uma função humanizadora e salvadora, onde o exercício da profissão obedece a princípios de um comportamento ético e virtuoso, ou seja, este pode ser um dos papéis esperados desse profissional.

Conforme Machado (2003) o conceito etimológico da palavra “mestre” vem do latim *magister*, aquele que dirige, guia, conduz. Pessoa que, por conhecimento adquirido ou

experiência de vida, pode ser mentor, espelho ou norte para os que desconhecem fatos ou acontecimentos. A origem etimológica de “professor” provém do radical de *professum*, aquele que, perante um magistrado, confessa-se, declara-se.

Sobre os docentes recai uma enorme responsabilidade moral e um compromisso com a civilização: formar e educar uma sociedade. É dessa maneira que, em face de sua desmedida missão civilizadora, a tarefa de educar parece ter assumido uma extrema gravidade, podendo-se facilmente associar o educador à figura de um soldado e de um salvador. Isso produz exemplos morais a serem seguidos por aqueles que estão sob seus cuidados, destacando-se por atributos como: o carisma, o compromisso, a moral, a humanização e a vocação.

A vocação se refere a um chamado ou a uma missão, em que o mestre, assim como o médico e o sacerdote podem libertar, curar e salvar. A proximidade entre a educação, a pedagogia e a medicina é muito antiga. Para os gregos, as academias eram “dispensários da alma”⁵. A escola estava ligada à saúde e à enfermidade das almas e dos corpos, ao normal e ao patológico, engajando-se no trabalho de moralização e higienização da população.

A bondade pastoral, como a soma dos atributos que se referem à missão do mestre, constitui uma forma de abnegação e de vigília constante sobre os outros e sobre si. O docente trabalha incansavelmente por seus princípios e por todos que estão sob seu cuidado e responsabilidade. O cuidar dos outros exige um trabalho de perscrutação e de controle sobre os próprios pensamentos e instintos, o que, por efeito, acaba exigindo uma renúncia de si.

Para o sacerdote ascético⁶ a vida é colocada em oposição a uma outra existência, através da satisfação pela negação de si e pelo autossacrifício. Eis que surge o sacerdote:

É verdade, minha ovelha, alguém deve ser a causa do teu sofrer; mas tu próprio és a causa de tudo isso, tu és a causa de ti próprio. O sacerdote inventa a noção de pecado: o pecado permaneceu até hoje o acontecimento capital na historia da alma doente; representa para nós a prestidigitação mais nefasta da interpretação religiosa. A palavra culpa reenvia à falta que cometi, à minha própria falta, à minha culpabilidade, eis que a dor é interiorizada como consequência de um pecado (DELEUZE, 2001, p.197).

⁵Nietzsche denuncia a alma, o eu, o egoísmo como os últimos refúgios do atomismo. “[...] o atomismo é uma forma de emprestar à matéria uma pluralidade e uma distância essenciais que, de facto, só pertencem à força” (DELEUZE, 2001, p. 13).

⁶ “[...] o ressentimento é continuamente acumulado. Descarregar este explosivo, de modo que não se faça saltar pelos ares o rebanho e o pastor, é a sua peculiar habilidade, e suprema utilidade; querendo-se resumir numa breve fórmula o valor da existência sacerdotal, pode-se dizer simplesmente o sacerdote é aquele que muda a direção do ressentimento. Pois todo sofredor busca instintivamente uma causa para seu sofrimento; mais precisamente, um agente culpado suscetível de sofrimento_ em suma, algo vivo, no qual possa sob algum pretexto descarregar seus afetos, em ato ou *in effigie*, pois, a descarga de afeto é para o sofredor a maior tentativa de alívio.” (NIETZSCHE, 1998, p. 116).

O sacerdote ascético considera que o sofrimento pode compensar qualquer dívida e com esse discurso assume a posição de pastor de um rebanho doente. Para tal, utiliza sua própria dor e instintos ruins para praticar autodisciplinamento e autovigilância. Segue uma moral de ressentimento e apaziguamento, atravessada pelo peso da dívida e da culpa. Segundo uma genealogia da moral, a única forma de aliviar a culpa é através do castigo e punição, conforme afirma Nietzsche (1998).

Oliveira (2003), ao estudar as representações sociais dos professores em relação à profissão, encontrou uma rede construída pelos membros desse grupo a qual denominou de Síndrome de Sísifo. Alguns resultados surgiram, tais como: considerar a escolha do magistério como um destino ou missão. Ao mesmo tempo, estava presente a tendência à punição e a temática da repetição, da rotina, do cansaço, do trabalho interminável.

Isso permitiu a analogia com o mito de Sísifo. O mito de um penitente grego, condenado por Zeus a rolar diariamente uma enorme pedra para o cume de uma montanha. Ao final do dia, voltava à base da montanha, tornando a tarefa interminável e eterna. É esse o herói com o qual o professor, inconscientemente, se identifica. Embora dono do saber, da argúcia, da inteligência; tem um “duplo” perverso que o arrasta para o erro. “Em função disso, cai nas garras da “moira” (o destino cego) sendo punido pelos deuses com um castigo terrível, o trabalho de Sísifo.” (OLIVEIRA, 2013, p. 213).

“O castigo provoca medo, ansiedade, fraqueza e produz prisões para o homem” (NIETZSCHE, 1998, p.72). Todos os instintos que não são descarregados voltam-se para dentro, provocando a interiorização do homem.

Assim a força ativa⁷ torna-se reativa⁸, o forte torna-se fraco, pois, voltando-se para dentro, voltando-se contra si, ela produz dor. O problema da dor pode ser entendido de dois modos: primeiro topologicamente – em estado bruto ou material; segundo tipologicamente, pela má consciência como sentimento de culpabilidade (DELEUZE, 1976, p. 107).

O fraco busca transformar a própria fraqueza em virtude. Para tanto, cria a ideia de outro mundo, de uma vida falsa e provisória. Assim, nega a vida em nome de um ideal ascético, que faz as forças reativas triunfar. "O ideal ascético exprime uma vontade" (NIETZSCHE, 1998, p. 135). O ideal ascético deprecia a vida em nome da ficção de um além-mundo. Transforma a vida e o mundo em aparências e com isso, cria uma afinidade

⁷ DELEUZE, 2001, p. 167.

⁸ Ibid., p. 167.

entre as forças reativas e o niilismo⁹. Ou seja, ao passo que a vida é depreciada assume, portanto, o valor de nada.

O exercício da profissão docente, na contemporaneidade, está atravessado pela dor e pelo niilismo. Essas inquietações que interferem diretamente no cotidiano de trabalho e na saúde do professor, devem ser pensadas na dimensão de políticas públicas educacionais que considerem a saúde docente como um fator fundamental para a construção de uma educação de qualidade.

O porto de entrada, ou porto de partida, nesse território investigativo dá-se, sobretudo, a partir da convivência e de escutas realizadas em diferentes escolas públicas e privadas, ao longo de alguns anos atuando como psicóloga, pesquisadora e docente, em instituições de ensino. A “queixa” constitui uma constante no discurso docente. Ao introduzir a esquizoanálise e a biografemática como procedimentos neste percurso investigativo, pretende-se introduzir um novo olhar, provocar novos questionamentos e possíveis movimentos de diferença sobre este desconforto docente.

A esquizoanálise¹⁰ dessas “queixas” funciona a partir de Biografemas¹¹, fragmentos que desenham resquícios de acontecimentos, muito mais como forma de potencializar novos acontecimentos em outro espaço-tempo do que produzir a recongnição¹² de reminiscências¹³. Trata-se de outro modo de olhar os processos de valoração dos signos da vida. Ao invés de percorrer as grandes linhas da historiografia, a prática biografemática¹⁴ volta-se para o detalhe, abraça uma possível singularidade, ativa a potência daquilo que é ínfimo numa vida, saboreia as imprecisões e insignificâncias, e acredita na potência de reinvenção e de criação da vida.

⁹“Maneira pela qual o cristianismo nega a vida: por um lado, a máquina de fabricar a culpabilidade, a horrível equação dor-castigo; por outro, a máquina de multiplicar a dor, a justificação pela dor, a fábrica imunda.” (DELEUZE, 2001, p.25).

¹⁰DELEUZE, Guiles. GUATARRI, Felix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010. p. 360.

¹¹BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Sade, Fourier: Loyola, 1979. p. 16.

¹²DELEUZE, Guiles. **Diferença e repetição**. Tradução: Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 224.

¹³ Id., 2006, p. 89-90.

¹⁴ Segundo Da Costa, “a biografemática possui como objeto pormenores isolados, capazes de compor uma biografia descontínua e que difere da biografia destino, em que tudo se liga, fazendo sentido [...] uma potência dispersiva de escrita, conduzindo uma vida cuja substância é “constituída por espaços vazios, flutuantes, lacunas, incidentes, punctuns” CORAZZA (2010, apud DA COSTA, 2010, p. 46).

Em nenhum momento procura-se um conceito final e categórico, mas a tentativa de preencher o percurso de produção de uma estética da máquina¹⁵-saúde e da máquina-doença, enquanto procedimento.

Pelo desejo de constituir uma conversa com alguns dos principais teóricos da filosofia da diferença, elegeram-se as vozes de Deleuze, Guattari, Foucault, Barthes e Nietzsche, como forma de experimentar a intensidade e o percurso composto de forças que perfaz a geografia da máquina-saúde e da máquina-doença. Tencionar o possível e quiçá desenhar uma nova paisagem no contemporâneo a partir da Transvaloração da existência.

¹⁵ “A máquina é, primeiramente, uma máquina social constituída por um corpo pleno como instancia maquinizante, e pelos homens e ferramentas que são maquinados na medida em que estão distribuídos sobre esse corpo. Há, por exemplo, um corpo pleno de estepe que maquina homem-cavalo-arco, há um corpo pleno da cidade grega que maquina homens e armas, há um corpo pleno da fábrica que maquina os homens e as máquinas. Duas definições da fábrica dadas por Ure, e citadas por Marx, a primeira reporta às máquinas aos homens que as vigiam, a segunda reporta às máquinas e os homens, “órgãos mecânicos e intelectuais”, a fábrica como um corpo pleno que as maquina [...] a máquina é definida como maquina desejante: o conjunto de um corpo pleno que maquina, e homens e ferramentas maquinados nele” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 529 - 530).

Casei jovem. Amores de juventude. Intensidade. Desejo. A filha nasceu. Piscar de olhos. A menina se fez mulher. Faculdade? Levei a velocidade de uma lesma para adentrá-la. Cheguei. Diploma e maturidade chegaram juntos. Será? O tempo serve para confundir. Mulher. Professora. Baixa remuneração. Desvalorização. A família é a válvula de escape para as frustrações cotidianas da profissão. Ter saúde é não ter problema. Seríamos todos doentes? Ter saúde é não ser professora. Quero outra profissão. Quero a realização. Eterna incompletude. Os colegas contribuem para a doença. O problema está no entorno. Solidão em meio à multidão. O que faz meu olho brilhar? Não sei. Raios de sol ou brilho da lua? O professor tem o poder de abrir a mente das pessoas. Mudar o “mundinho”. Gigante de ombros largos. No ano passado veio a hérnia de disco. Hoje o pânico. Amanhã? Preciso conviver com os sintomas. Aceitar a dor. Tem algo errado. Os fatos estão associados? Sinto o coração apertado. Difícil falar a meu respeito. Nunca paro para pensar sobre o que acontece. Mas acontece. Saúde docente é ter a permissão para desenvolver um bom trabalho. Saúde utópica? Vida é olhar, fazer, andar, viver tudo. São os filhos. O carinho dos alunos. Simplicidade. Cotidiano. Eu estou bem aqui!

existência
perfeição
agradar o outro
não acitação
adocimento
professora
escola pública
não há cobranças
escola particular
mar sereno
suor
a vida é como o mar
Estimulou
mar agitado
vivenciar

família
conviver
cobranças da direção
afastado do trabalho
câncer renal
desejo
em busca de aventura
ganha tão pouco
profissão docente
doente
desmoralizados
escrituras
ficção
imaginação

3. MAL-ESTAR DOCENTE: Que máquina é essa?

Para que se possa compreender a máquina-doença a qual pode produzir uma estética do adoecimento docente, precisa-se buscar a problemática de sua criação e o sentido das forças que dela se apropriam. A doença funciona aqui em um signo que só se torna significativa de uma força atual, que se apropria de um determinado espaço tempo que traz à superfície uma amostra de realidade e torna efeito uma nova representação com múltiplos sentidos.

Segundo Deleuze (2001)¹⁶, o conceito de força, para Nietzsche, baseia-se em uma força que se relaciona com outra força e que se denomina vontade de potência¹⁷. Na relação de uma vontade que ordena força dominante com uma vontade que obedece, força dominada, somos conduzidos à entrada no caminho. A hierarquia entre as forças, portanto, acaba constituindo-se enquanto ponto inicial.

Na relação com o outro a vontade diferencia-se, afirma-se, sente prazer em ser diferente e estabelece a moral do senhor ou do forte. Uma força que não consegue afirmar a sua diferença torna-se não ativa e só responde às forças dominantes, passa a negar a vida e tudo àquilo que dela difere. Estabelece-se a “moral dos escravos” ou dos fracos, que só reproduz e nada cria.

A relação senhor-escravo tem uma condução dialética e hierárquica pela presença do dominado e do dominador. A dialética, nesse caso, funciona como ficção, porque concebe o poder não como uma vontade de poder, mas como a representação do poder. O juízo hegemônico que se tem acerca de si mesmo é construído, justamente, a partir da dialética do senhor e do escravo. A dialética imposta pelo caráter cristão mantém-se pela contradição binária de sofrimento e vida, de finito e infinito.

A questão de haver sofrimento na vida é defendida pelo cristianismo através do discurso de que a vida é injusta e precisa ser paga através da culpa e do sofrimento. Produz-se um signo de penitência, pela interiorização da dor e da negação da vida. Produz-se o niilismo, produz-se os pilares do cristianismo que formam a má consciência.

O Salvador é aquele que oferece seu sofrimento e sua vida a Deus na tentativa de ascender para o outro mundo divino; o paraíso de felicidade e paz eterna. A vida se torna um fenômeno moral, em consequência, passível de julgamento. A lógica acusatória fabrica a

¹⁶ DELEUZE, op. cit., p. 08-09.

¹⁷ Vontade de potência: quando usada pela primeira vez, apesar da utilização do livro **Nietzsche e a Filosofia: problemas de tradução**, decidiu-se adotar vontade de potencia ao invés de vontade de poder. DELEUZE (2001).

culpabilidade, alimenta o ressentimento e contribui para a assimilação da culpa que instaura a má consciência. Nesse caso, a vida se constitui na busca pela libertação dessas culpas e pela crença de que, um dia, poderá ser salvo e conquistar o lugar eterno no reino dos céus.

O niilismo, ou seja, aquilo que se constitui pela depreciação e pela negação da existência, manifesta-se em ressentimento, má consciência e espírito de vingança devidamente arquitetado pelo ideal ascético. O ressentimento cria a ficção de uma força separada do que ela pode, onde as forças reativas triunfam a partir do que se deve. Com o niilismo as forças reativas são conduzidas ao poder, em uma relação em que o ideal ascético designa um complexo de ressentimento e de má consciência que articulam e se reforçam um pelo outro.

O sacerdote, aquele que representa o cristianismo, torna-se o símbolo da impotência e, ao mesmo tempo, de um ser carregado da interiorização do ódio. De uma forma dissimulada, dissemina o discurso de que só serão salvos os sofredores, os miseráveis os doentes, os pobres, em síntese, os necessitados de toda espécie que dedicam uma vida em nome do amor cristão.

De acordo com Onfray (1993), aqueles que se satisfazem com o amor cristão, tornam-se paralisados diante do mundo. Freud (1930) afirma que é a civilização que implanta no interior do homem um agente para cuidar dele. Com relação à moral, exerce a castração de desejos e impulsos. Assim, toda e qualquer pulsão é renunciada à selvageria animal dos instintos. Conforme Onfray, “alguns desejos são repelidos e aprisionados em camisas de força e manifestados como sentimentos de culpa, medo, dor” (ONFRAY, 1995, p.149).

E assimila-se a ideia de que tudo aquilo que lembra uma vida deve ser negado como requisito para que se alcance a tão sonhada liberdade e, por conseguinte, a felicidade plena. Claro, não neste plano, mas em outro, visto que a vida torna-se o preço que a má consciência cobra.

A consciência, em Nietzsche, ocorre sempre na relação de um inferior com um superior, ao qual se subordina ou se incorpora, estabelecendo uma hierarquia. A conscientização não funciona como consciência em si, mas consciência de um “eu” em relação ao “eu” não consciente. Não é consciência do senhor, mas consciência do escravo em relação a um senhor que não tem de ser consciente. É assim o servilismo da consciência: testemunha-se apenas a formação de um corpo superior.

O corpo constitui-se a partir de uma relação de tensão entre forças dominantes e forças dominadas onde as forças superiores ou dominantes são ditas ativas e as forças inferiores ou dominadas são ditas reativas. As forças inferiores ou reativas são da ordem da consciência, já

as forças ativas escapam à consciência e atuam no inconsciente. As forças ativas são da ordem do apropriar, dominar, apoderar, impor. É pela vontade de poder que se estabelece a relação de obediência numa relação entre alguém que pode e alguém que quer.

A má consciência tem origem quando qualquer que seja a razão pela qual uma força ativa é separada do que ela pode, voltando-se para dentro, interiorizando-se e transformando-se em reativa. Ao voltar-se contra si, a força ativa produz dor e, mesmo estranhamente, tem prazer em sofrer. Transforma sua vivência numa busca pelo gozo que vem pelo sofrimento, pela doença, pela mutilação de toda ordem.

Essa consciência é uma fábrica de dor podendo ser definida pelo seu sentido topológico e tipológico. No sentido topológico: a má consciência baseia-se na multiplicação da dor pela interiorização da força. É a dor sendo produzida em maior abundância e com novas nuances. Já no sentido tipológico é a má consciência como sentimento de culpa, como consequência de um pecado ou castigo, de acordo com Deleuze (2001).

A dor é uma reação que possui um sentido ativo externo, buscando dar prazer a alguém que a contemple, pelo menos sempre funcionou neste formato. Com a má consciência surge um novo olhar para a dor: um sentido interno. A dor como consequência da culpa. O processo de cura da culpa gera mais culpa e a constante busca pela causa do sofrimento.

O sacerdote médico ou cristão, através de seu diagnóstico interpretativo classifica e determina o tratamento, partindo da premissa de que aquele que sofre, é ele mesmo a causa de seu sofrimento e, portanto, a causa só pode estar no seu interior. O objetivo do ressentimento é que toda a vida se torne reativa, que todos os saudáveis se tornem doentes, e o sacerdote se torne senhor dos endividados.

A relação dívida/crédito só é possível como resultado de um processo que se inicia com a criação de uma força contrária à força ativa do esquecimento: a memória. No caso da memória, as referências fundamentais são o tempo e a cultura. Através da memória a cultura vai manter latente o ideal ascético, a má consciência e produzir uma memória com ênfase no futuro e não nas marcas. A memória voltada para o futuro possibilita a permanência da dívida.

As marcas precisam ser esquecidas e não podem perturbar a consciência, para que a mesma não sofra reações no presente. Existe um passado em geral que funciona como um elemento ontológico. Através da memória ontológica nos colocamos primeiro no passado em geral, no ser em si do passado, e em seguida, a memória adquire uma existência atual.

Deleuze (1988) afirma que o objetivo do conceito de Reminiscência é introduzir o tempo no pensamento. A consciência deve limitar-se a informar erroneamente que o homem é

dotado de livre arbítrio e possui o controle de sua própria vida. A consciência vai julgar a partir dos valores morais mantidos pelos senhores e fortes.

O pensamento vem sempre de fora e é a ação das forças externas sobre o pensamento que o força a pensar, e força por sua vez, a memória a lembrar-se do ser do passado, a ser reminescente. Assim a memória mantém os valores e costumes do passado presentes pela repetição dos mesmos e pela intensidade de forças que atuam.

A cultura utiliza-se deste recurso para adestramento e seleção dos homens. A responsabilidade, enquanto dívida que o escravo carrega, é apenas o meio de adestramento e seleção. Assim, produzem-se rebanhos que se perdem na coletividade formada por homens domesticados. Os processos de seleção servem para destruir os fortes, selecionar os fracos, os doentes e os sofredores. A existência torna-se uma constante busca pela libertação da culpa e da alma, porém nunca alcançada. A dor somente paga os juros dessa dívida com a divindade. Somente Deus pode libertar o homem e mesmo ele oferece sua vida em sacrifício.

As forças reativas que formam a má consciência, o ressentimento e o ideal ascético são representações e constituem a primeira forma do niilismo. O eterno retorno desse homem ressentido torna o eterno retorno impossível num primeiro aspecto, tornando-se uma contradição ao eterno retorno enquanto devir¹⁸. Para afirmar o eterno retorno faz-se necessário um devir ativo das forças reativas. Para tornar-se ativo não basta que a força vá até o limite daquilo que pode, é necessário que faça daquilo que pode um objeto de afirmação.

A doença, por exemplo, separa-me daquilo que posso: força reativa torna-me reativo, diminui as minhas possibilidades e condena-me a um meio minorado em relação ao qual não tenho outro remédio senão adaptar-me. Mas doutra maneira revela-me um novo poder, dota-me de uma nova vontade que não posso fazer minha, indo até o limite de um estranho poder. Este poder extremo põe em jogo imensas coisas, entre outras coisas estas: observar conceitos mais sãos, valores mais sãos colocando-me num ponto de vista de doente [...] (DELEUZE, 2001, p. 101).

Deleuze (2001), ao mesmo tempo em que afirma o desconforto que vem a ser um estado doentio, argumenta o quanto este estado pode trazer benefícios sob o ponto de vista de desencadear novos olhares, novos encontros mais saudáveis. Seria a doença, então, sinônimo de saúde? Qual o conceito hegemônico de saúde e de doença contemporânea?

O desafio da presente pesquisa é trazer à tona os caminhos já percorridos na definição dos conceitos de saúde e doença, sob a forma de um olhar estrangeiro, que busca novas

¹⁸DELEUZE,Guiles. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.Vol. 3; tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suelly Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.p.20.

formas vitais e potentes de existência; onde o sofrimento possa estar presente, no entanto, somente como personagem do procedimento de pensar, criar e transmutar.

Ao longo da história, o conceito de saúde vem percorrendo uma trajetória de construção de significados. Diferentes configurações se formam neste território em estudo. Porém, ainda sem uma definição que atenda à totalidade do fenômeno, ao contrário da doença, que sempre esteve no centro das pesquisas científicas e filosóficas.

Atualmente o conceito mais difundido pela medicina é o proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (1986) que define saúde como um completo bem-estar físico, psicológico e social. Caponi (1997) considera o conceito proposto utópico e subjetivo. Para ele a definição de um completo estado de bem-estar mental e social poderá supor uma existência sem angústias ou conflitos, sabidamente inerentes à própria história de cada ser humano, onde o que é considerado perigoso ou desviante torna-se objeto de uma intervenção – medicalização – sendo classificado como anormal.

Para Canguilhem (2006), os fracassos, os erros e o mal-estar também constituem nossa história, e a saúde não poderá ser pensada como carência de erros e sim, como a capacidade de enfrentá-los.

Segundo Foucault (2009), existe regimes de verdades inerentes a cada época que, através de dispositivos de saber-poder, incidem sobre a vida como um todo, tornando-se verdades incontestáveis. Foucault (2002) acrescenta que a cada modificação na epistémé¹⁹, surgem descontinuidades que alteram a verdade e a história. Assim, os conceitos de saúde e doença, vão sendo construídos e reconstruídos ao longo dos tempos em função do regime de verdade hegemônico de cada época.

O capitalismo instaura ou restaura todos os tipos de territorialidades residuais ou factícias, imaginárias ou simbólicas, sobre as quais ele tenta, bem ou mal, recodificar, reter as pessoas derivadas de quantidades abstratas. Tudo repassa ou regressa: os Estados, as pátrias, as famílias. É isto que faz do capitalismo, na sua ideologia, a pintura mesclada de tudo aquilo em que se acreditou. O real não é impossível, ele é cada vez mais artificial (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.53).

As ações sobre saúde e doença podem ser entendidas como um processo de normatização, de saberes que se dizem capazes de dizer o que é e o que não é normal e, portanto, de restabelecer a norma. As ações provocam sensíveis mudanças nas formas de sentir, pensar e agir das pessoas, provocando transformações no imaginário e na construção maquínica de saúde e doença.

¹⁹FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002(a). p. 216.

Na antiguidade, acreditava-se que as doenças poderiam ser causadas por elementos naturais ou sobrenaturais. A concepção fisiológica, iniciada por Hipócrates, explica a origem das doenças a partir de um desequilíbrio entre as forças da natureza que estão dentro e fora da pessoa. Esta medicina, segundo Myers; Benson (1992) centra-se no indivíduo como um todo, e no seu ambiente, evitando ligar a doença às perturbações de um órgão particular.

Na Idade Média, com as crescentes epidemias, atribui-se a causa do contágio ao contato com leprosos, judeus ou por bruxarias; e os estudos empíricos oriundos do Renascimento afluem a necessidade de descobrir a origem dos contágios. Ainda, nessa época, os estudos empíricos originam a formação das ciências básicas, o que desencadeia a necessidade de descobrir a origem dos contágios. Assim, surge a teoria miasmática²⁰.

A crença manteve-se até o surgimento da Concepção Ontológica, que se liga a uma forma de medicina que, por sua vez, dirige os seus esforços na elaboração de um diagnóstico²¹ exato sobre o órgão corporal que provoca sintomas. É uma concepção redutora que explica os processos de doença na base de órgãos específicos perturbados. Assume que a doença é uma coisa em si própria, sem relação com a personalidade, a constituição física ou o modo de vida do paciente, de acordo com Dubos (1980).

Esta profunda transformação na forma de conceber a doença irá assentar as bases do sistema teórico do modelo biomédico²² que surge com a medicina moderna. Nesse período tem início os estudos anatômicos, as dissecações de cadáveres que passam a procurar a doença no corpo (e não fora dele), a partir de seus sinais. A doença, então, transforma-se em patologia.

Os fenômenos passam a ser explicados pela nova racionalidade, a partir do estudo baseado na observação e na experiência. Por conseguinte, a saúde passa a ser entendida como seu oposto lógico: a inexistência de patologia, ou seja, a própria fisiologia.

Conforme Batistella (2007), a medicina moderna direciona o olhar para a doença, e coloca o conceito de saúde em segundo plano, uma vez que seu entendimento esteve sempre implícito como a não-doença.

Cabe ressaltar que a saúde e a doença apresentam diferentes realidades. O conhecimento sobre o corpo é fragmentado, com perspectivas teóricas que o reduzem em

²⁰MARTINS, Roberto de Andrade. Contagio: história da prevenção das doenças transmissíveis. São Paulo: Moderna, 1997. p. 91.

²¹A palavra “diagnóstico” tem origem em Hipócrates, que foi o primeiro a utilizá-la. Ela deriva da junção do prefixo di(a) - através de, ou por meio de e do elemento de composição *gno, presente no latim e no grego, cujo significado seria conhecer, segundo Rezende (2002).

²²Diante da etiologia da doença, o modelo biomédico adota uma lógica unicausal, também designada lógica linear, procurando-se identificar uma causa a qual, por determinação mecânica, unidirecional e progressiva, explicaria o fenômeno do adoecer, direcionando a explicação a se tornar universal, de acordo com Luz (1988).

biológico, psíquico e social. Nesse sentido, o conceito moderno de doença compreende a análise estrutural do corpo, buscando as causas de formas isoladas.

Na contemporaneidade, surge a tentativa de explicar a realidade através de modelos que procuram não apenas integrar as partes, mas, sobretudo, levam em conta as relações estabelecidas entre os mesmos, bio-psico-social, embora o modelo biomédico se mantenha hegemônico. No debate contemporâneo, diversos autores tem criticado a definição negativa de saúde, onde a ideia da saúde, como ausência de doença, foi ampliada pela perspectiva da “saúde com possibilidade de adoecimento” ou ainda pela “margem de tolerância ou de segurança que cada um possui para enfrentar e superar as infidelidades do meio”. (CANGUILHEM, 2006; COELHO; ALMEIDA FILHO, 2003 apud BATISTELLA, 2007).

Para definir saúde e a sua própria normalidade, alguns fatores tem merecido destaque na atualidade. A princípio, quando se pensa em normal, pensa-se na frequência de um determinado fenômeno como sendo o estado mais comum. Assim, determinando o estado mais frequente, determina-se o mais saudável. Esse princípio de definição é utilizado nas diversas áreas da ciência.

No entanto, a saúde e a doença envolvem dimensões subjetivas e não apenas biologicamente científicas e objetivas, e a normatividade que define o normal e o patológico varia. As variações das doenças podem ser verificadas historicamente, em relação ao seu aparecimento e desaparecimento, aumento ou diminuição de sua frequência, da menor ou maior importância que adquirem em variadas formas de organização social.

Fica mais fácil perceber por que, diante da força e da hegemonia do modelo biomédico, para a maioria da população, saúde é não estar doente. Sabemos, porém, que esta é uma definição muito limitada. Nem sempre a ausência de sinais e sintomas indica a condição saudável.

No debate contemporâneo, diversos teóricos tem criticado a definição negativa de saúde, argumentando que saúde, não se opõe à doença e, portanto, não poderá ser considerada como ausência de doença. Desta forma, a ideia de ausência de doença foi ampliada pela perspectiva da saúde como possibilidade de adoecimento.

Partindo de um olhar antropológico, a simples ausência de doença não implica necessariamente saúde. Dessa forma, indivíduos considerados doentes clinicamente, podem considerar-se bem e saudáveis. As teorias dão conta parcialmente de explicações sobre os fenômenos de doença e saúde, pois o assunto envolve as múltiplas dimensões da vida e suas complexidades.

No entanto, a saúde pode ser entendida pela referência à capacidade de enfrentar e superar novos desafios, principalmente a constante ameaça da doença e, pela “margem de tolerância ou de segurança que cada um possui para enfrentar e superar as infidelidades do meio” (CANGUILHEM, 2006, p.148).

Estar doente não é apenas um estado da ordem quantitativa, mas, principalmente, qualitativa. As tentativas de definir quantitativamente a saúde por meio de normas, constantes funcionais e médias estatísticas, produzem o apagamento do corpo subjetivo. Dor, emoções, sofrimento, prazer são imensuráveis e intransferíveis. Existe um corpo subjetivo, vivo inacessível. Conforme Canguilhem (2006), a saúde não é um conceito científico, mas uma questão filosófica e de acesso a qualquer pessoa que busque elucidação.

Nas últimas décadas, na busca de maiores esclarecimentos, alguns autores tem investigado num contexto psicossociológico, a forma pela qual as pessoas leigas em medicina se apropriam do conceito de saúde e de doença. Um dos estudos mais importantes foi efetuado em 1973, na França, por Claudine HERZLICH (1973, apud ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2002), que entrevistou 8000 pessoas da classe média que viviam em Paris e na região rural da Normandia. As significações leigas sobre o que significa ter saúde foram classificadas de acordo com três metáforas ou categorias:

1) Doença como destruidora: refere-se a concepções de pessoas particularmente ativas ou envolvidas na sociedade e para as quais qualquer interferência com o seu papel familiar ou profissional constitui um problema importante. A doença pode limitar a capacidade pessoal para assumir as responsabilidades e a concomitante perda de posição social e isolamento social.

A pessoa sente que tem responsabilidades importantes perante os outros, e depender de outros pode fazê-la sentir-se "menos pessoa". Essas pessoas salientam, pois, os aspectos positivos da saúde, nomeadamente porque lhes permite manter o seu papel sócio-profissional. A sua atitude de confronto face à doença é paradoxal, quer tentando assumir o controle (negando-a ou comportando-se como se nada tivesse acontecido), quer sentindo-se impotente (desistindo de lutar).

2) Doença como libertadora: concepção de doença como libertadora das responsabilidades ou das pressões que a vida coloca: "Quando estou muito cansado, quem me dera ficar doente... a doença é uma espécie de descanso, que nos pode libertar das preocupações do dia a dia". A doença traz benefícios e privilégios, incluindo os cuidados e a simpatia dos outros. A doença traduz, pois, um ganho secundário.

3) Doença como desafio: doença concebida como um desafio ou algo com o qual se deve lutar com todos os poderes e recursos. É necessário muita energia e empenhar toda a capacidade, no sentido de ficar melhor. O indivíduo não deve preocupar-se com os deveres, mas concentrar-se na recuperação. As pessoas com essa concepção da doença acreditam nos poderes da mente sobre o corpo.

Apesar de estas categorias representarem descrições diferentes de concepções de processos de doença, foi constatado que a maior parte das pessoas "flutuava" pelas três, verbalizando concepções com conteúdos mais ou menos misturados das várias categorias. Ou seja, não há uma definição clara desses conceitos no senso comum, mas percebe-se que ainda prevalece o entendimento de saúde enquanto ausência de doença.

Um mesmo fenômeno pode apresentar diversos sentidos, dependendo das forças que estejam atuando sobre aquele fenômeno em determinado momento e o sentido destas forças. Para determinar o sentido de alguma coisa, é importante a determinação ou a qualidade das forças que estão atuando ou se sobressaindo no processo interpretativo, dando um sentido para aquilo. Portanto, para compreender o sentido de saúde e doença é importante conhecer o contexto de quem atribuiu e quais os sentidos das forças que forjaram esta formação. Assim, não é possível separar os valores e as avaliações de um modo de vida pelo referencial de quem está avaliando.

As avaliações, referidas a seu elemento, não são valores, mas maneiras de ser, modos de existência daqueles que julgam e avaliam, servindo precisamente de princípios para os valores em relação aos quais eles julgam. Por isso temos sempre as crenças, os sentimentos, os pensamentos que merecemos em função de nossa maneira de ser ou de nosso estilo de vida.

Há coisas que só se pode dizer, sentir ou conceber, valores nos quais só se pode crer com a condição de avaliar "baixamente", de viver e pensar "baixamente". Eis o essencial: o alto e o baixo, o nobre e o vil não são valores, mas representam o elemento diferencial do qual derivam o valor dos próprios valores (DELEUZE, 1976, p. 01).

Por isso a importância de compreendermos as forças que constituem o conceito de saúde e doença, produzindo, muitas vezes, valores hegemônicos. Deleuze (1976) ressalta que para Nietzsche há dois tipos de forças: ativas e reativas (NIETZSCHE, apud DELEUZE, 1976) as forças seriam ativas e reativas. Onde as forças ativas, consideradas superiores, caracterizam-se por seu poder de criação e afirmação. As forças reativas, porém, são consideradas inferiores e destacam-se pela possibilidade de conservação, adaptação e

negação. Nas duas existe a ação, porém, na força ativa a ação possui caráter de afirmação e na reativa, a ação possui um caráter de negação.

A ação e sua superioridade sobre a reação, não exclui está última também como força. Mas as reações não poderão ser captadas como forças se não a relacionarmos com as forças superiores que são de outro tipo. “Reativo é uma qualidade original da força, mas que só pode ser interpretada como tal em relação com o ativo, a partir do ativo” (DELEUZE, 1976, p. 35).

E como conceituar o homem que é escravo de sua doença e aquele que se utiliza da doença para dominar? Trata-se da mesma doença? Por um lado, homem reativo, por outro lado, dotado de um novo poder. As forças reativas não são as mesmas e mudam de tom identificando-se com a vontade de nada. Assim, o homem doente e o religioso, mencionado no início desta escrita, apresentam dupla articulação.

As forças reativas não são as mesmas e mudam de tom identificando-se com a vontade de nada. Uma força reativa que obedece e ao mesmo tempo resiste; uma força reativa que separa a força ativa daquilo que ela pode, que contamina a força ativa, que conduz até o limite do niilismo: eis a diversidade de tons, de afecções. É preciso interpretar essas diferentes nuances das forças reativas nessa relação com o niilismo, mudar as posições, passar a compreender a vontade de nada como uma vontade de afirmação, olhar para conceitos mais saudáveis, para a vida como potência e abundância de vida.

Para construir um devir ativo afirmativo precisa-se de um eterno retorno como força ativa e afirmação de vontade. Para tal é preciso “querer” e o eterno retorno se encarrega de fazer acontecer. Querer como sinônimo de criar.

O eterno retorno é a forma exagerada do niilismo, por isso o niilismo separado do eterno retorno é sempre incompleto. O niilismo nega as forças ativas, e as forças reativas acabam sempre triunfando. Somente o eterno retorno faz da vontade niilista uma vontade completa e inteira, pois faz da negação uma negação das próprias forças reativas. O niilismo no e pelo eterno retorno significa a destruição dos fracos. Na autodestruição as forças reativas são negadas e conduzidas ao nada.

Eis a única forma das forças reativas tornarem-se ativas: unir o eterno retorno à vontade de nada. É o eterno retorno que transforma o niilismo em afirmação de vida. O eterno retorno é o ser do devir na sua totalidade, porque somente o devir ativo possui ser. Surge, portanto, uma possibilidade de transmutação como uma nova maneira de sentir e de pensar.

Uma nova maneira de pensar significa um pensamento afirmativo, que afirma a vida enquanto potência. Um pensamento que recusa o negativo e acredita no eterno retorno. Nem a

existência é postulada como culpada, nem a vontade se sente ela própria culpada por existir. Assim, o homem se reapropria da vontade de poder para criar novos valores, novos tons para a existência. É a vida como desejo principal e pulsante. Um permitir-se cuidar de si.

Com Nietzsche, Deleuze, Guattari e Barthes, na perspectiva de uma escuta crítica e de um olhar clínico, buscou-se problematizar o imanente sofrimento que atinge a profissão docente. Elegeram-se como território para amostragem, professores que laboram na cidade de Pelotas/RS, embora a pesquisa tenha uma aplicação mais ampla no campo da Educação, pela criação de possibilidades de se arriscar o rabisco de uma escrita de vida, a partir dos fragmentos recolhidos, e pelo mapeamento das intensidades de forças implicadas no encontro das relações docentes com o trabalho.

Rede pública de ensino. Exatas. Cáculo. Lógica. Autoritária. Rígida. Parceira inflexível. Anos de convivência. Até que ela chegou: a artrite reumatóide. Doença auto imune. Irreversível. Rigidez nas articulações. Dor intensa. Rigidez. Exatas. Rigidez. Eu ou aquilo que venho me tornando. Há diferença? Desejo a sala de aula. Proibida! Vergonha por estar doente. Nada é por acaso. Caminhos que se complementam. Sempre fui rígida, Desejo de transmutação. Mas ela bebeu de meu corpo e deliciou-se com minha pele. Meus músculos serviram de travesseiro para acalentá-la. Meu oxigênio a alimentava. Somos uma só: eu e a artrite. Outro tipo de relação com a vida. Professor aquele que forma e deforma. Sempre gostei de ser professora. O desejo diminuiu. As dores aumentaram. A escola está doente. Estou doente. Condições precárias de trabalho. Falta tudo. Falta vontade. Sobra violência. O problema é o entorno. Pássaro sozinho no bando. Não dá para separar. Minha vida está lá e estou aqui. São coisas separadas. Eu nunca parei. Corpo é corpo. Carrego as emoções, as dores, as sensações. Me carrego! As dores ficaram fortes, intensas. As dores levaram ao desmaio. Fui vencida! Foi difícil. Eu me exigia em demasia. Eu mesma me perdoava. Produção, cobrança, pressão. O trabalho ocupa um lugar. E agora? O pensamento está sempre no se. Mas não tem mais o se. Ainda é. Estou nesse lamaçal. Estou no limbo. Ser borboleta! Sou o que ainda não sei o que é. Angústia.

Brigo com os demônios internos. Criei uma fortaleza. Mas é um castelo de areia. Só parei porque doeu demais. Mas não se pode só fazer o que se gosta. Saúde é ter alegria. A vida é saúde, mas também doença. A vida é tudo. Antes compreendia viver como sinônimo de desafios novos. Hoje um dia frio, uma lareira, ler uma poesia, ficar em silêncio! Fragmentos! Hoje vi uma árvore linda, com uma cerca em volta. Apesar da cerca, há vida!

Rede pública
 Desejo
 estar doente
 Doença
 artrite reumatóide
 ser professora
 a escola está doente
 relação com a vida

sala de aula
 transmutação
 Dor intensa
 Irreversível
 Rígida
 Inflexível
 só
 Faltava vontade
 somos uma só
 Autoritária

4. ESTÉTICA DE PRODUÇÃO DA SAÚDE E DE SUBJETIVIDADES: No-entre, ficção e devires

A produção de saúde é uma provocação a tornar-se diferente do que se é; um vir a ser, um exceder a uma forma preestabelecida. Esse exceder torna-se uma prática de liberdade, criando novas respostas às condições de vida, perspectivas de novos encontros que se proporcionam, sejam eles bons ou maus encontros.

Spinoza (apud DELEUZE, 1978), defende ser a existência atravessada por bons ou maus encontros, sendo o mal resultante de um encontro que vem à superfície no formato de doença ou de saúde. Para Spinoza, o conceito de mal se refere a um mau encontro de um corpo que se mistura mal com outro corpo. Misturar-se mal quer dizer misturar-se em condições tais que uma das relações subordinadas ou constituintes é ameaçada, lesionada, ou mesmo destruída.

O mau encontro, segundo Spinoza, ocorre quando acontece um encontro de modo que a relação característica do corpo, que provoca modificações compromete ou destrói algumas ou todas as relações que caracterizam o outro corpo, diminuindo ou mesmo destruindo sua potência de agir. Quando corpos se misturam em proporções e condições que são favoráveis à relação, a potência do corpo que o afeta combina-se de tal forma com o outro que a potência de agir eleva-se. Nos dois casos ocorre o encontro, porém, o encontro pode dar-se de tal forma que a potência aumente ou diminua.

A ideia de encontro difere dos conceitos de saúde e doença hegemônicos e introduz outra leitura de ambos os conceitos, em que um bom estado de saúde, por exemplo, pode ser considerado mau se estiver desencadeando, como efeito, uma diminuição da potência.

“Nunca fui um homem saudável. Aos que me conhecem pessoalmente”. Essa afirmação talvez cause estranheza. “Não tenho um tipo físico aparentemente debilitado: não sou pálido, esquelético, abatido, por assim dizer, imaterial. Demonstro saúde, a saúde como fisiologia e aparência, mas é na doença que está minha verdade maior. Ocorre que minhas doenças são causa e consequência da minha saúde, num sentido mais profundo e decisivo. Saúde e doença nem sempre são o que parecem. Nosso tempo, creio, possui uma compreensão rasa desses termos (DELEUZE 1998, p. 76).

A potência é a possibilidade de superação de si mesmo, uma afirmação da vida e negação da obediência. Vontade criadora, afirma-se pela possibilidade de diferenciar-se do que se é. Ao introduzir o conceito de “amor fati”²³, Nietzsche (2012), enfatiza que devemos

²³Amor Fati: amor ao destino. Conceito central de Ecce Homo. “É o dizer sim dionísíaco em antítese à constante negação promovida pelo cristianismo” (NIETZSCHE, 2012, p. 67).

amar a vida e também as fatalidades; o homem seria pequeno se desistisse, resignando-se ou se tornando inerte. Amar como uma proposta de criação: “Minha fórmula para a grandeza no homem é amor fati: nada querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda a eternidade”. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo [...] mas amá-lo [...]” (NIETZSCHE, 2012, p. 67).

Nem o conformismo, nem a resignação, nem a submissão passiva: amor. Nem lei, nem causa, nem finalidade: “*fatum*”. Em vez de esperar que um poder transcendente justifique o mundo, o homem tem de dar sentido à própria vida; em vez de aguardar que venham redimi-lo, pode amar cada instante como ele é. Uma afirmação de uma vivência movida pelo desejo do que acontece, contrapondo-se à resignação cristã. O “*amor fati*” é um sim à vida, não é negação, nem indiferença, é um querer. Uma intensa vontade de pertencimento ao mundo, uma potência transfiguradora e criadora, que deseja realizar a vida mesmo em suas possibilidades mais complexas e difíceis.

Como potência, a produção de saúde cria um entre-lugares, um terceiro espaço de hibridização de sentidos, de negociação das formas instituídas. A potência como possibilidade considera que a vida excede suas formas e suas realizações permanentemente, conforme afirma Agamben (2006).

O campo de investigação dessa pesquisa busca compreender o que acontece e como acontece a produção de sentidos que forjam conceitos e verdades, as quais, por sua vez, produzem subjetividades individuais e individualizadoras. As subjetividades produzidas no singular e coletivizadas na cultura vão se compondo, misturando com nossos afetos, perceptos, produzindo pensamentos, ideias, conceitos que são forças.

“Em um corpo, as forças superiores ou dominantes são ditas ativas, as forças inferiores ou dominadas são ditas reativas. Ativo e reativo são precisamente as qualidades originais que exprimem a relação da força com a força” (DELEUZE, 1976, p.33).

As forças movem a ação docente formando conjuntos, feixes, levas de forças que se constituem em determinadas práticas. Pensar em produção de subjetividade singular e coletiva implica mapear os diferentes movimentos das forças envolvidas que tecem os percursos de desterritorialização e reterritorialização dessas configurações territoriais.

As repercussões psicológicas do mal-estar docente, de acordo com Esteve (1999), percorrem uma ampla escala dividida em, pelo menos, doze níveis: 1. Sentimentos de desconcerto e insatisfação ante os problemas reais da prática do magistério, em franca contradição com a imagem ideal do mesmo que os professores gostariam de realizar; 2. Desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal no

trabalho realizado; 3. Pedidos de transferência como forma de fugir das situações conflituosas; 4. Desejo manifesto de abandonar a docência (realizado ou não); 5. Absenteísmo trabalhista como mecanismo para cortar a tensão acumulada; 6. Esgotamento. Cansaço físico permanente; 7. Ansiedade como traço ou ansiedade de expectativa; 8. Estresse; 9. Depreciação do ego. Autoculpabilização ante a incapacidade para melhorar o ensino; 10. Ansiedade, como estado permanente, associada como causa-efeito a diversos diagnósticos de doença mental; 11. Neuroses reativas; 12. Depressões.

Pesquisas no campo educacional CODO (2002 apud ESTEVE, 1999) tem mostrado que professoras vêm perdendo a vontade e o prazer em exercer a docência e, com o passar do tempo, o desgaste tem conduzido grande parte das profissionais a estranhar seu lugar de trabalho, seus colegas, seus estudantes e sua profissão.

Nesse sentido, o consumo de medicamentos torna-se uma busca pelo reequilíbrio e pela readaptação diante das intensas exigências das atividades educativas, familiares, sociais e individuais. Os parceiros incomparáveis dessa rotina cotidiana tornam-se uma infinidade de comprimidos coloridos: azuis, pela manhã, para dar impulso e dinamismo. Ao meio dia, é o momento dos vermelhos, para diminuir a ansiedade e excessos ao comer. À tarde, é a vez dos amarelos, que impedem que a depressão se manifeste. À noite, é a vez dos verdes e marrons que auxiliam no bom desempenho do sono. E assim, constroem-se os “aliviadores imediatos do sofrimento”, que sustentam os bastidores daquilo que se entende por viver.

Eu mesmo me tomei pela mão, eu mesmo voltei a me tornar são: a condição para isso – não há psicologia que não a reconheceria – é que ao cabo de contas a gente seja saudável. Um ser tipicamente mórbido não pode vir a se tornar são e muito menos vir a se tornar são por sua própria conta; para alguém que é tipicamente saudável uma doença pode, ao contrário, até ser uma estimulação enérgica à vida, a viver mais. É assim que vejo agora aquele longo tempo de enfermidade: é como se eu tivesse redescoberto a vida de novo, incluindo-me dentro dela; eu degustei todas as coisas boas e até mesmo coisas insignificantes, como outros não as podem degustar com tanta facilidade eu fiz da minha vontade para a saúde, para a vida, a minha filosofia (NIETZSCHE, 2012, p. 25).

Assim, buscou-se mapear, ao sabor de um olhar esquizoanalítico, os percursos de reterritorialização e desterritorialização dessas configurações. Com Nietzsche, Deleuze e Guattari como suportes teóricos, procura-se pensar a produção de saúde docente enquanto potência de vida; uma provocação, um convite a criar uma realidade no deserto, partindo de um movimento de espreita, uma potência criativa que pode estar no “entre”, - um sim a vida, seja ela qual for.

A profissão docente é uma missão. Servir. Conduzir o rebanho. Como os pastores conduzem suas ovelhas. É gratificante quando o professor encaminha o aluno. “professor, não estou mais fumando craque e atribuo essa causa ao senhor”. O poder da cura. É emocionante. A importância da profissão. O professor tem o dom de despertar o aluno.

É no ensino fundamental que o aluno desperta para a arte. Em idade mais avançada ele não desperta mais. O ser criança na sua mais profunda inocência. Como em estado de sono profundo. Varinha de condão. Na adolescência o aluno compete com o professor. A vara mágica quebrou. Para que serve ser professor? O que posso melhorar em mim? Nos outros? Na escola as crianças podem receber afeto. Hoje família e a escola se confundem. Ontem pais, avós, primos brincavam de amarelinha. O professor tem que sentir que é especial. Se não houver valorização não há aula. Sem valor não há saúde. Sem respeito não há desejo. O professor tem que demonstrar sabedoria, conhecimentos, segurança. Ele tem que! Precisa ser. Ele não pode não ser. Precisa estar presente. Ser forte. Resistente. O professor precisa auxiliar o aluno a encontrar o seu caminho. Eis sua missão!

dom
lidar com a responsabilidade não é aceitar
fazer tudo bem feito
opidar o mundo
Tudo é muito rápido
flexibilidade
ultrapassa a fronteira da vida
viver a vida
Viver

guardar o sentido
minha vida

minha saúde
afeta a saúde de quem ensina
Precisa-se
precisa estar sempre

revalorizar
Não lhe é
comemoração
aluno otimista
ficar para trás
chegar
vontade de nada
Viva à Vida
potência

5. TERRITÓRIOS DA PESQUISA: folhas ao vento num continuum mar

Na tentativa de penetrar o território rizomático da máquina-saúde-docente e da máquina-doença-docente, a filosofia da diferença torna-se um campo referencial intenso, considerando que propõe um novo modo de olhar, perceber, experimentar e diferenciar a vida; propõe um estilo²⁴, uma obra de arte interminável e em continuum criativo. Este vir a ser de uma paisagem propõe o arriscar, de forma não convencional, os fluxos criativos que transbordem em criação de conceitos, subjetividades e no exercício constante do pensamento.

A geografia investigativa desta pesquisa é atravessada por uma trama de conceitos, processos e fluxos que se produzem nos acontecimentos e que se propõe a uma quebra com os padrões de metodologias instituídos. Não há um método, mas uma multiplicidade de procedimentos a serem experimentados e/ou transformados. No percurso, pesquisador e pesquisa misturam-se, agenciam-se, separam-se, aproximam-se, diferenciam-se de forma imprevisível, simultaneamente, engendrado em um desejo de criação.

Conforme Deleuze, “toda obra é uma viagem, um trajeto, mas que só percorre tal ou qual caminho exterior em virtude dos caminhos e trajetórias interiores que a compõem, que constituem sua paisagem” (DELEUZE, 1997, p. 10).

A metodologia, que se mantém hoje como hegemônica na academia, define-se por regras previamente estabelecidas, um caminho modelo, distribuído em uma seqüência de etapas para se chegar num determinado fim. O sentido etimológico, *metá-hódos*, define a pesquisa como um caminho (*hódos*) predeterminado pelos objetivos iniciais. Na tentativa de manter um padrão de organização, a pesquisa acadêmica mantém o formato e o rigor da metodologia científica e a aplica na busca dos resultados esperados.

Os padrões de métodos científicos contemporâneos seguem o mesmo padrão de rigidez do método desenvolvido a partir do século XVII, por alguns pensadores, dentre eles René Descartes. Na época, os teóricos da academia empenharam-se no desenvolvimento de um método que possibilitasse o conhecimento da natureza e a validação das pesquisas. Um método baseado na observação sistemática, na experimentação, nos fatos, e com grande rigor matemático e lógico. Essa preocupação levou os pesquisadores a desenvolverem pesquisas voltadas para a obtenção de resultados práticos, objetivos e concretos. Um método que

²⁴ Ter estilo, em literatura, deixa de ser a qualidade de quem escreve corretamente, segundo as regras da gramática e da sintaxe. Ter estilo, após todas as experiências das vanguardas, aproxima-se muito mais de uma criação sintática do que de uma obediência à sintaxe da língua mãe. O estilo é antes de tudo uma subversão, uma transgressão às leis gramaticais, estando mais próximo do erro do que do acerto, do desvio do que da norma. Deleuze (2011).

conduzisse à verdade e que servisse como uma espécie de caminho ou guia para repetição da experiência em outros campos do saber, tanto na área das ciências exatas quanto nas humanas.

Apesar de as ciências humanas terem sido sistematizadas no século XIX, até hoje ainda não foi possível desenvolver um método eficiente para compreender a totalidade do fenômeno humano. Por diversos motivos: complexidade dos fenômenos, dificuldade de mensuração, dificuldade com as questões deterministas, dentre outros. O que mais importa durante a investigação não são os fatos isolados, mas o processo e a forma como os fatos se constituíram.

O pesquisador também faz parte do objeto em estudo e está inserido num contexto sobre o qual afeta e também é afetado. Daí a dificuldade em manter a neutralidade. Para que se possa investigar nessa área do conhecimento, é necessário um suporte teórico que fundamente determinadas opções metodológicas, não podendo ser considerada apenas a aplicação de determinada técnica, pois isto não garantirá a obtenção de resultados válidos. De algum modo, o método funciona como o modo de pensamento da pesquisa, indicando as relações de saber e de poder, que se inscrevem no escopo da pesquisa e do pesquisador.

Assim, a escolha metodológica caracteriza e explicita a estética do ideal da pesquisa e do pesquisador, o que define, não somente uma referência teórica, mas também, um conjunto de valores e de posições, relações que vem a compor o regime de verdade da pesquisa e do pesquisador. Mas talvez seja possível subverter essa força dominante que, de algum modo, exerce a expressão de verdade do que deve representar uma pesquisa no contexto acadêmico; introduzir procedimentos mais abertos e, ao mesmo tempo, mais criativos. De Araujo (2015)²⁵.

Esta subversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento, um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado, vivenciado e assumido como atitude. As exigências permanecem, mas o rigor é ressignificado. A precisão não é tomada como cobrança, mas como compromisso e interesse, como implicação e movimento de vida.

No presente projeto de pesquisa, problematiza-se o que se pode reverter da estética da pesquisa acadêmica contemporânea, em face do desejo de poder vir a compor um percurso de discussão desta temática que ainda não está dado, mas que está por vir. Que seja construída durante o percurso pelo preenchimento dos buracos ou espaços vazios.

²⁵ O presente texto encontra-se em fase de conclusão. Está no prelo para posterior publicação. Por esse motivo, suas páginas serão aqui referidas obedecendo a sequência dos algarismos numéricos, sendo a capa correspondente à página 01 do documento.

O primeiro movimento é desconstruir o ideal de neutralidade entre o objeto de pesquisa, o pesquisador e o entorno. Na efetivação da pesquisa, ambos irão afetar-se, como também produzir uma expressão de verdade, que será apoiada sobre os pilares de um determinado “Plano de Referência”²⁶.

As perguntas vão sendo criadas durante o percurso e não a priori. Ao longo do percurso, os questionamentos vão sendo problematizados e agenciados, transformando-se em novos questionamentos produzidos pelo movimento e conexão entre pesquisador e pesquisa.

O trajeto, os cortes e as curvas do trajeto são aguçados pelo desejo que move a pesquisa. Desejo de criação de um percurso que busca romper com uma metodologia clássica, que não usa dados métricos, mas borrões, textos, imagens, que possam ser agenciados pelos acontecimentos, produzindo diferença.

Pesquisar, na área das ciências humanas e da sociedade, é um tecer-juntos, é a criação coletiva de um intertexto, de um tecido onde se cruzam os saberes, na esperança de respostas prévias, mas que se conectam e vão sendo criadas no andamento da pesquisa. Emergência de uma roupa nova, nunca vista: de um conhecimento inovador (GAUTHIER, 2003, p. 302).

Nesse percurso investigativo, faz-se a escolha de poder compor um contexto metodológico que envolva um conjunto de procedimentos, pelos quais o pesquisador e a pesquisa orientam seu trajeto. Assim, pesquisador e pesquisa não recebem orientação a priori sobre como e onde devem ir, mas fomenta-se que se coloquem e se percebam em movimento de pesquisa, o mais breve possível.

Colocar-se em movimento, como condição de possibilidade do esgotamento de um desejo de pesquisa, que transborde pelo que lhe sobra em potência ao ponto de cortar o fluxo que lhe movimentava pela produção da marca, que inaugura o ponto de entrada do ato de pesquisar. Ponto de entrada que dá a ver os primeiros movimentos que pesquisador e pesquisa realizam ao longo deste espaço-tempo de relação com uma determinada temática. Procedimento que passa, então a compor uma problemática, pela qual se torna possível produzir os encontros com os prováveis achados da pesquisa, inclusive aqueles que se compõem pela afirmação de encontros inusitados, de acordo com De Araujo (2015).

²⁶ “No contexto deste trabalho, um Plano de Referência excede o conceito do plano de referência produzido pela ciência, conforme expõem Deleuze e Guattari, principalmente em “O que é a filosofia?”. Neste caso o Plano de Referência estabelece o desenho de um determinado território com o qual se deseja relação, compondo o que este território é diante das relações de saber e de poder que o constituem. A todo Plano de Referência corresponde um Plano de Criação, ambos funcionando de modo duplamente articulado.”. Citação extraída de: DE ARAUJO, Róger Albernaz. MÁQUINA-MÉTODO: ensaios de um devir-metodológico. In: BARREIRO, Cristhianny; CASTRO, Beatriz Helena. Narrativas de pesquisa em educação: teoria e prática. Porto Alegre: Observatório da UFRGS, 2015.

Afirma-se que toda pesquisa é uma interferência— tanto para os pesquisadores quanto para os pesquisados. Há uma produção de novos sentidos, de novos olhares sobre aquilo que, muitas vezes, acreditamos ser imutável. Por isso defendemos que a nossa prática é micropolítica, porque opera no plano invisível: o plano de constituição do desejo. Assim, um processo de pesquisa implica processos de subjetivação:

O que se afirma ao ‘final’ de uma pesquisa vai ser sempre uma afirmação provisória, porque as paisagens psicossociais continuam em movimento de transformação. Como pesquisadores, precisamos estar mergulhados nas intensidades de nosso tempo, na problemática que está sendo posta em discussão. Ninguém pesquisa de longe, nem de fora, nem de cima, nem do alto. É necessário estar atento ao que se vê, ao que se sente, ao que se pensa, ao que se lê, ao que se escuta, enfim, a tudo o que acontece (MACHADO, 2008 apud ALMEIDA, 2011, p.128).

O método passa a funcionar como um orientador de um percurso, onde, pesquisador e pesquisa, por um processo de dupla articulação, produzem um modo de funcionamento, que possibilita a criação de uma potência de deslocamentos. A escolha do modo como se produz a relação com a pesquisa se dá pela composição de uma problemática na criação de um programa de procedimentos, segundo De Araujo (2015).

Um procedimento que pode funcionar como corte de um determinado fluxo de potência, possibilitando novos movimentos, desvios, deformações, contornos e novos trajetos ao longo da pesquisa. A intensidade do procedimento toma efeito pela composição da qualidade das forças que entram em relação para produzir a estética do procedimento.

Conforme De Araujo (2015), um conjunto de procedimentos de pesquisa pode criar um programa de pesquisa, cujo funcionamento produz uma determinada ação que, por sua vez, passa a fazer parte de uma composição com outras ações que se encontram em funcionamento, ou podem vir a entrar em funcionamento; por este encontro compõe-se a imanência de um Plano de Pesquisa que acontece.

A relação entre programas e procedimentos foge à relação sujeito e objeto, pelo desejo de uma produção maquínica, ou seja, programas e procedimentos funcionam como “máquinas desejanter”²⁷, em um sistema contínuo, múltiplo e simultâneo de “produção de produção”²⁸. O acoplamento da síntese conectiva, objeto parcial-fluxo tem, portanto, uma outra forma também: produto-produzir. O produzir está sempre inserido no produto, razão pela qual a produção desejanter é produção de produção, assim como toda máquina é máquina de máquina (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 17).

²⁷ DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 16.

²⁸ *Ibid.*, p. 17.

Um procedimento produz instâncias de funcionamento que, acopladas a outras instâncias de funcionamento, produzem um programa que, por sua ordem, também produz um funcionamento, podendo um procedimento, inclusive, emergir como efeito da efetivação da relação de múltiplos programas; isso produz outra instância de funcionamento, que, por sua vez, pode compor com outros procedimentos e com outros programas.

A distinção entre um procedimento e um programa pode ser aproximada pela tipologia da composição de forças que se alternam ao longo do percurso de pesquisa. Procedimentos produzem programas e programas podem produzir procedimentos, o que aufere à máquina-método o atributo de poder dobrar-se sobre o espaço-tempo que lhe compõe, ainda em linha de composição, funcionando ao ritmo das alternâncias que puder produzir. Neste caso, o conceito de máquina-método produz-se a partir do agenciamento do conceito de máquina, presente em “O anti-Édipo”, pelo qual Deleuze e Guattari (2011) tornam imanente a composição de um desejo de produção de vida; um desejo que possa vir a transpor às questões da falta neurótica e apostar em um movimento de afirmação daquilo que sobra em potência de vida. Uma máquina-método que se apropria do percurso metodológico possível, pela afirmação do ato de pesquisar.

Efeito da composição de uma política de relações, pela qual o pesquisador, a pesquisa, os intercessores e o próprio percurso encontram-se num espaço-tempo de criação que acontece. Uma máquina-método que prefere não resolver problemas e, sim, produzir problemáticas, num continuum em que, a cada entrada e cada saída possível, compõe-se na tessitura da pesquisa que acontece. “Uma máquina-método que devém”, conforme De Araujo (2015).

O ato de pesquisar se constrói pelo desejo e pela escolha de procedimentos que, agenciados, distribuem-se numa composição de planos. Que proporcione a problematização de territórios cristalizados, engessados e traga a estética do que acontece em termos de atualidade, em uma área de pesquisa com quem se intenciona uma relação. Um acoplamento de procedimentos que produza outros modos de diferenciação, de um vir a ser enquanto pesquisa.

A continuidade de colocar-se em jogo a cada instância de relação tem-se pelo retorno possível a qualquer ponto de funcionamento da máquina-método, pela criação de uma linha de recursividade, que pode cortar o plano de procedimentos, produzindo suas marcas, desfiando procedimento, aniquilando programas, instituindo e destituindo intercessores. A simultaneidade provém à máquina-método a propriedade de aceitar a limitada condição que se

tem de apreensão de tudo que ocorre em um determinado tempo e, por efeito, o caráter de parcialidade inerente a cada enunciação de uma verdade, segundo De Araujo (2015).

Pelo funcionamento de um Programa de Procedimentos de Pesquisa como uma máquina-método que se movimenta pelo desejo e pelo acoplamento entre planos, neste caso, dois planos: um de referência e um de criação; ambos abertos a atravessamentos intempestivos, pela composição de uma linha de recursividade que insiste em romper a linearidade numa relação de simultaneidade, multiplicidade e continuidade. Uma relação entre pesquisa e pesquisador que se estabelece por uma tipologia de movimentos, ritmos, modos de acoplamentos, de criação e agenciamentos, num continuum de acontecimentos²⁹. Eles dobram os espaços-tempos, uns sobre os outros, trazendo à superfície o tom e o sabor do desejo de uma diferença.

Para colocar-se em percurso de pesquisa é preciso estabelecer um plano de referência que oriente os modos de composição territoriais, sua geografia e permita mapear seus pontos de desterritorialização³⁰ e de reterritorialização³¹ e, assim, quem sabe, arriscar alguma iniciativa de criação de uma máquina método.

Conforme De Araujo (2015), a máquina-método pode compor com métodos pré-existentes, pode (re)configurá-los, (res)significá-los, agenciar com novas práticas, novos intercessores, desde que seja movida pela pulsão de um ato de criação coletivo. A máquina-método permite uma recusa dos métodos cristalizados e baseados em padrões rigorosos, para funcionar a partir de relações que se constroem pela experiência criativa de pesquisar e pela aposta de uma obra movida pelo desejo de funcionar.

A máquina-método torna possível a criação de intercessores da/para pesquisa, enquanto se produzem os trajetos que compõem o ato de pesquisar. São os intercessores que acionam os procedimentos, que se valem deles em seus deslocamentos, que criam o ritmo da criação. Pesquisar passa a funcionar como uma tentativa sempre possível de colocar-se em uma posição de experimentar o encontro com a criação de algo.

Deste modo, a máquina-método torna-se corpo de resistência de uma pesquisa que se cria e se recria continuamente. A composição de uma pesquisa que funciona por um processo de povoamento, e não se bem sabe o povo que se irá encontrar, de onde virão as interferências, que desvios se irão provocar; isso coloca o ato de pesquisar em devir, e a pesquisa em um contínuo “porvir”³² (DE ARAUJO, 2015, p. 21).

²⁹DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1, Trad. de Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.p. 8.

³⁰Id., 1996, p. 23-24.

³¹Ibid., 1996, p. 40-41.

³²A presença da poesia está por vir: ela vem para além do futuro e não cessa de vir quando está ali. Uma outra dimensão temporal, diferente daquela de que o tempo do mundo nos fez mestres, está em jogo em suas palavras,

5.1. 1º PLANO DE REFERÊNCIA: subverter a direção das velas

O primeiro território a ser explorado consiste nos modos de subjetivação que funcionam na condição de possibilidades de criação de um pensamento subversivo, que possa resistir aos mecanismos de poder, que representam verdades inquestionáveis e fixas, e, por outro lado, criar novas instâncias de cuidado de si; singularidades imanentes de um processo de produção de multiplicidades. Neste sentido, a subjetivação funciona como dispositivo de resistência à sujeição e compõe-se pelo exercício de si, na experimentação de modos de poder vir a esculpir uma existência própria.

O que chamo de processos de singularização é algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam por todos os lados (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 47).

Um Plano de Referência pode ser compreendido a partir do conceito de “Genealogia dos Modos de Subjetivação”³³, criado por Michael Foucault, que busca pinçar os processos vivenciados; processos de subjetivação que produzem as maneiras de ser, de pensar e de agir, ou seja, subjetividades que, por efeito, produzem o que se é num determinado tempo espaço e num território.

Para tanto, um Plano de Referência surge um processo ético de como e por que algo/algum se torna o que é e pela afirmação de um cuidado de si numa relação consigo e com o entorno. O cuidado de si, neste caso envolve qualquer relação de intervenção em uma determinada realidade, na proposta de uma mudança de percurso, previamente definido, porém, que não possua mais um sentido relevante e que não produza mais subjetividades.

Segundo Guattari (1996), produzir subjetividades implica numa luta atravessada pelas constantes transformações sociais, que insistem em abafar os processos de singularização. Assim o processo de criação exige um movimento permanente de fuga, subversão e resistência ao domínio político e do capital que insistem em manter o que já está instituído.

Conforme Foucault (1979), a realidade e a verdade emergem do processo de produção de saber e de poder. São efeitos do movimento de forças, portanto, em constante

quando estas põem a descoberto, pela escansão rítmica do ser, o espaço de seu desdobramento. Nada de certo aí se anuncia. Aquele que se apegua à certeza, ou mesmo às formas inferiores da probabilidade, não está caminhando em direção ao ‘horizonte’, assim como não é o companheiro de viagem do pensamento cantante, cujas cinco maneiras de se jogar se jogam na intimidade do acaso. A obra é a espera da obra. Somente nessa espera se concentra a atenção impessoal que tem por vias e por lugar o espaço próprio da linguagem. Um lance de dados é o livro por vir (BLANCHOT, 2005, p.352).

³³CASTRO, Edgardo. **Vocabulário e Foucault** – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.p. 408.

transformação; opõem-se à pesquisa da origem, exigindo uma minúcia do saber, construindo-se nas pequenas verdades aparentes. A realidade é construída historicamente e no social, e a genealogia procura dar conta da constituição dos saberes, dos discursos, das relações de domínio, dos acontecimentos.

Um programa de pesquisa constrói-se no percurso do trabalho e compõe-se enquanto um procedimento de aprender do pesquisador. Aprender no sentido de transformação e de afecção, de saber e de poder, na busca de uma singularidade dos acontecimentos, fazendo emergir os saberes excluídos e não legitimados pelo discurso hegemônico. O pesquisador busca, assim, outras formas de pensar o campo de pesquisa, implicado na construção de si e do seu trabalho, em um desafio ético-político. Conforme o saber se modifica, nomeia-se de forma diferente o que já foi percorrido e nomeado, o que produz o contorno de uma obra em construção. “O tema que você toca no começo de uma canção é o território, e aquilo que vem depois, e que pode ter muito pouco a ver com o primeiro, é a verdadeira aventura” (ORNETTE COLEMAN, baixista de free jazz, 1961 apud COSTA, 2010).

Emergência de novos sentidos, abdicando de uma posição estável do saber como representação da realidade, para um saber que produz uma realidade. Do poder como soberania unitária e global, ao poder como uma rede produtiva, que pode vir-a-ser relações de forças e de desejos. Faz-se necessário implicar e envolver o meio, produzir para conhecer e conhecer para produzir, simultânea e continuamente.

Este primeiro procedimento permite a criação de um “Plano de Subjetivação”³⁴ que, ao potencializar um conhecimento de si e da pesquisa, evidencia os elementos que afetam o pesquisador e seu trabalho, sendo possível perceber estes elementos como intercessores³⁵ de um “Plano de Criação”³⁶. Para uma melhor compreensão, recorre-se ao conceito de modos de subjetivação que concerne às diferentes formas de produção de subjetividades numa determinada formação social.

³⁴ Procedimento que acolhe as subjetividades produzidas entre as relações de saber, poder e ética. Relações que podem criar novos modos e estilos de existência pelo tensionamento entre os saberes legitimados de uma área de conhecimento e os elementos potenciais de um vir-a-ser em constante variação e atualização (DE ARAUJO, Roger Albernaz. Notas de Aula. **Seminário Cibercurricularidades**: articulações possíveis das mediações, 2º semestre/2012).

³⁵ “O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artista – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso dos meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimem sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro” (DELEUZE, 1992, p. 156).

³⁶ Procedimento que conecta os intercessores evidenciados no “Plano de subjetivação” em um espaço aberto de criação e invenção (DE ARAUJO, Roger Albernaz).

Um processo de subjetivação traduz o modo singular pelo qual se produz a dobra³⁷. A subjetividade adquire diferentes configurações em função do modo pelo qual se produz a curvatura das forças que a constituem. A dobra torna-se fundamental para entendermos o processo de produção de subjetividades na relação consigo e com o mundo ao longo das transformações históricas. É dito que a subjetividade se constrói nas flexões, nas encruzilhadas das relações de forças que produzem singularidades.

A dobra é o acontecimento que, pela junção de camadas distintas de tecidos, texturas, cores, produz singularidades. Interessa o desdobramento, a abertura, no desvelamento, no labirinto infinito da dobra para dobrar. Todas as dobras são igualmente importantes, não havendo hierarquia entre elas. Cada dobra faz sua parte gerando a possibilidade de criação de uma realidade singular, um novo conceito de saúde, em que a força é capaz de dobrar-se e fazer uma diferença.

5.2. 2º PLANO DE CRIAÇÃO: sou fora/sou dentro/sou puro desejo

Deleuze (1992) atribui à criação de conceitos um olhar diferenciado do comumente estabelecido, em que há uma ênfase na experiência e nas multiplicidades criadas a partir da experiência singular, uma valorização da experiência sensível, diferenciando-se de conceitos rígidos e instituídos como verdades universais. Portanto, se os conceitos não representam parâmetros universais, que independem do contexto podem servir para pensar outros conceitos, constituindo a base da filosofia: criar conceitos e instaurar um plano.

Se a filosofia começa com a criação de conceitos, o plano de imanência pode ser considerado como pré-filosófico, onde não se opera com conceitos, mas com experimentações tateantes, que se utilizam dos sonhos, delírios e de sensações. [...] O plano não consiste evidentemente num programa, num fim ou num meio; mas o solo absoluto da filosofia, sua Terra ou sua desterritorialização, sua fundação, sobre os quais ela cria seus conceitos (DELEUZE, 1992, p.57-58).

Os conceitos filosóficos são totalidades constituídas de fragmentos num mesmo plano. Nascem de lances de dados fragmentados. Esse plano que se constitui como uma mesa, um platô, denomina-se plano de consistência ou plano de imanência. Os conceitos e os planos se relacionam estritamente, mas não devem ser confundidos. De acordo com Deleuze (1992), o

³⁷Curvas ou Dobras podem ser entendidas como as bainhas e nós de costuras, os plissados ou nós labirintos de panos, que nos conduzem a lugar algum. A dobra implica a construção de um território de intensidades para a existência. Cada dobra ou curva, cada elipse ou pilha de panos conjuga espaços e intensifica superfícies (Deleuze, p. 64, 1991).

plano envolve movimentos infinitos que o percorrem e retornam e os conceitos são velocidades infinitas de movimentos finitos. É importante a elasticidade do conceito, mas também a fluidez do meio, que pode ser considerado no momento da criação dos conceitos.

Não existem conceitos sozinhos, todo conceito tem sempre uma história, um componente que remete a outro conceito. Cabe uma nova delimitação, um novo recorte para que o conceito assuma uma nova performance. “Num conceito, há, no mais das vezes, pedaços ou componentes vindos de outros conceitos, que respondiam a outros problemas e supunham outros planos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.26).

A criação de conceitos constitui um procedimento da filosofia que necessita da instauração dos planos de imanência para que sejam criados e não se tornem perdidos no vazio.

[...] “o filósofo precisa se tornar um construtor-criador.” (A imanência como lugar de ensino da filosofia). Este filósofo pode ou não criar um pensamento que subverta toda uma antiga ordem, entretanto cria conceitos e em seu plano de imanência este conceito criado existe independentemente do mundo fora dele (SCHOPKE, 2004, p.137 apud CRUZ, 2011, p. 28).

Os conceitos não ficam a espera dos filósofos para serem descobertos. É preciso o processo de criação oriundo de um encontro entre o desejo, enquanto potência, e uma necessidade de romper com uma imagem de pensamento estabelecida/dogmática.

Pensar não é, portanto, simples e involuntário, mas oriundo de uma relação imediata com o fora³⁸, de algo que força a pensar. O fora funciona, assim, como uma máquina abstrata que emite singularidades e envolve o movimento infinito do pensamento, onde pensar é pura potência de invenção. Os personagens conceituais são potência de conceitos, são agentes de enunciação, que podem intervir na própria criação dos conceitos e operar nos movimentos do plano de imanência; o personagem conceitual potencializa um vir a ser.

O plano de imanência é percorrido por efeitos de máquinas produtoras ou desejanter e seus sistemas de cortes-fluxos. As máquinas desejanter são máquinas binárias, com regra binária; sempre uma máquina acoplada à outra. A síntese produtiva, a produção da produção, tem uma forma conectiva: é que há sempre uma máquina produtora de um fluxo, e uma outra que lhe está conectada, operando um corte, uma extração de fluxo. O desejo não pára de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos, e de objetos parciais. “O desejo faz correr, flui e corta” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.16).

³⁸ No momento particular em que o filósofo aborda o ser da linguagem, que só aparece enquanto há o desaparecimento do sujeito escritor. Transgredindo a morte, o sujeito desaparece na própria escrita, na própria obra, fingindo sua ausência permanente. “O que fala no escritor é que ‘ele não é mais ele mesmo, ele já não é ninguém’: não o universal, mas o anônimo, o neutro, o fora” (PELBART, 2009, p.52).

Deleuze; Guattari (2008) defendem uma concepção afirmativa do desejo como circulação das intensidades, como variação das potências, expressas pelos afetos alegres e tristes que transbordam em contraposto à concepção psicanalítica tradicional do desejo como falta.

Ramacciotti (2012) descreve diversas tentativas de criação de um corpo sem órgãos³⁹, que experimentam inicialmente o corpo como intensidades e não como um organismo determinado pelas leis da evolução natural. O corpo do hipocondríaco, do paranoico, do esquizo, do drogado, do masoquista, dentre outros corpos doentes. São corpos costurados, vitrificados, catatonizados, aspirados.

De acordo com Deleuze; Guattari (2008), estas experiências experimentam o desejo não como a falta de algo, pois o desejo é vivido como a presença de uma intensidade que pode até se expressar, como desprazer: a busca pela doença (hipocondria), pela dor (masoquista), pela loucura ou desrazão (drogado), pelo medo (paranoico),

Tudo que ocorre na mente ou no corpo é determinado pela causalidade imanente e natural, isto significa que naturalmente somos seres afetivos e que somos afetados por outros corpos, ideais, afetos, ou seja, não podemos escolher quando tais coisas produzem em nós um afeto alegre ou uma paixão triste, mas podemos escolher e decidir “reverter o sentido de nossa relação com o que nos afeta” (KEHL 2009, p.127 apud RAMACCIOTTI, 2012).

Criação, como um conjunto de procedimentos, que implicam e envolvem o desejo desta pesquisa.

Não se trata de sentir o desejo como falta interior, nem retardar o prazer para produzir um tipo de mais-valia exteriorizável, mas, ao contrário, de construir um Corpo sem órgãos intensivo e um campo de imanência onde nada falta ao desejo e que, assim, não mais se relaciona com critério algum exterior ou transcendente (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 19).

5.3. 3º PLANO DE RECURSIVIDADE: um eterno retorno à Nietzsche

Também selecionado como procedimento desta pesquisa, o eterno retorno, conceito de Nietzsche, potencializa o movimento de retornar sobre o trabalho, composto por fragmentos, por partes que se sobrepõe, se ajustam e se articulam no “Plano de Criação”. Isso possibilita, pela variação contínua da articulação entre os novos elementos produzidos e os territórios

³⁹Artaud apresenta esse corpo sem órgãos que Deus nos roubou para introduzir o corpo organizado sem o qual o juízo não se poderia exercer. O Corpo sem órgãos é um corpo afetivo, intensivo, anarquista, que só comporta pólos, zonas, limiares e gradientes (DELEUZE, 2011, p. 168).

percorridos, retornar a diferença, mudar a perspectiva, mudar o olhar para o trabalho, para a saúde docente, para a Educação.

Segundo Deleuze (2006), trata-se de um lance de dados, onde os pontos singulares estão sobre o dado e as questões são os próprios dados, em que a inevitabilidade transborda no lançar. As ideias são as combinações problemáticas que resultam dos lances, e no lance não se propõe abolir o acaso, mas abolir o arbitrário a cada vez.

E quando Nietzsche apresenta o eterno retorno como a expressão imediata da vontade de potência, de modo algum vontade de potência significa "querer a potência", mas, ao contrário: seja o que se queira, elevar o que se quer à "enésima" potência, isto é, extrair sua forma superior graças à operação seletiva do pensamento no eterno retorno, graças à singularidade da repetição no próprio eterno retorno (DELEUZE, 2006, p.17).

O trabalho, nesta perspectiva, não corresponde a etapas lineares e fixas, mas a movimentos com a possibilidade de retorno e de diferença em todas as etapas da pesquisa. A cada lance, uma possibilidade de modificar a geografia. Um "Plano de recursividade"⁴⁰.

Com isso, busca-se ter um programa de pesquisa composto de procedimentos que podem ser utilizados repetidas vezes; que não tem um início e um fim, mas uma ordem de uma performance, sem roteiro. Um programa que coloca a funcionar a pesquisa em movimentos constantes de variação contínua, entre o que é e o que pode vir a ser, entre um plano de organização e um Plano de criação.

Uma estética como o resultado provisório da relação de forças reativas, que tentam manter o mesmo, e de forças ativas que tentam modificar os territórios, o que por efeito, pode inventar novos caminhos, novos relevos, novos estilos. Tatear as possibilidades de uma mudança geográfica, na tentativa do afastamento do sentido metafórico e na aproximação com as potências conceituais que as intensidades geográficas podem produzir nas relações das quais participam. Uma geografia de um pensamento que pode funcionar como estratégia para o encontro com uma nova/outra estética de criação.

⁴⁰ Procedimento que possibilita um atributo de recursividade em um "Plano de criação". Uma recursividade que potencializa retornar a diferença em movimentos dobrados e desdobrados uns nos outros (DE ARAUJO, 2015). Notas de Aula. **Seminário Cibercurricularidades**: articulações possíveis das mediações, 2º semestre/2012.

6. PROGRAMA DE PRODUÇÃO DE UM PLANO DE CRIAÇÃO: Procedimentos por entre a Esquizoanálise e a Biografemática

6.1 Esquizoanálise

A Esquizoanálise ou análise de partes, pedaços, linhas ou estilhaços, refere-se a uma prática micropolítica das relações desejantes e de poder, não uma metodologia, mas uma receita psicológica. Criado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), para designar um conjunto de críticas à psicanálise tradicional e como instrumento de produção de subjetividades, propõe-se como um procedimento, a uma leitura das relações clínicas e institucionais não mais na relação entre família e neurose, como defende a psicanálise, mas na relação entre capitalismo e esquizofrenia.

Na busca pelo rompimento com a linguística dos saberes instituídos, substituídos pelos saberes subterrâneos, só faz sentido como referência a um rizoma de transformações moleculares, que proliferam no percurso criativo de tornar a vida diferente e poder fazer diferença na vida. Pode ser entendida como uma ética, no caminho de uma estética de valorização da vida em seu potencial máximo, em que o inconsciente funciona como uma usina de fabricação da realidade e o desejo, totalmente atrelado à produção social.

O desejo como abundância e não como falta, embora Deleuze e Guattari afirmem que o processo capitalista consiste em recalcar a produção desejante, impossibilitando qualquer ato criativo ou subversivo. O desejo é impedido e repete o movimento de cair no triângulo edípico filho-pai-mãe.

A esquizoanálise desorganiza as máquinas desejantes que foram organizadas pelo social. A intenção desse procedimento é desneurotizar o indivíduo que se encontra afastado do que pode, efetivamente. O desejo, neste caso, ainda é sentido como falta porque o indivíduo não consegue apropriar-se dele, não consegue criar, apenas reproduzir e seguir modelos.

Conforme Deleuze; Guattari (2010):

O neurótico segue na direção molar, macrofísica, que se volta para os grandes números e para os fenômenos da multidão, e a direção molecular, ou do esquizo, segue em outra direção, a molecular, microfísica, que ao contrário, embrenha-se nas singularidades, nas suas interações e nas suas ligações à distancia ou de ordens diferentes, linhas de fuga. É a retomada do desejo ao que é dele, pela descoberta e reorganização de suas máquinas desejantes. O indivíduo torna-se potencialmente

nômade, torna-se capaz de criar novas territorialidades, de criar uma nova vida, um corpo sem órgãos⁴¹ (DELEUZE; GUATTARI, p. 2010, 369).

Instaura-se a subordinação do social, molar, molecular às máquinas desejantes, onde o campo social passa a ser reorganizado pelas máquinas desejantes. Esta tarefa consiste em inserir o corpo individual reorganizado como peça da máquina social, uma prática de micropolítica que sujeita as máquinas molares (grandes máquinas sociais) ao desejo molecular (revolucionário).

A esquizoanálise acredita, sobretudo, na criação de um novo modo de viver, pautado pela possibilidade de escolha da vida que se deseja, desde que se arque com as pressões da subversão. Quanto mais distante do instituído, das leis sociais e daquilo que se denomina de “normal”, maiores as resistências.

Apesar dessa narrativa totalitária que supõe um controle crescente e maciço do imaginário, da percepção, da subjetividade numa sociedade dita de controle, que prescinde de mediações e opera diretamente, maquinicamente, no cérebro e nos nervos, reencontramos, mesmo nessas descrições de saturação, um meio de pluralidade e de acontecimento. “Como diz Guattari, ao mesmo tempo em que estamos “presos na ratoeira”, somos destinados às mais insólitas e exaltantes aventuras” (PELBERT, 2011, p. 135).

Deleuze; Guattari (1999, p. 33), consideram que o modo pelo qual os indivíduos vivem a subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade.

A Esquizoanálise acredita na revolução criadora das máquinas, no aventurar-se pelo novo, no vir a ser. Trata-se de uma estética que valoriza o ato de criação, de onde suscitam novas sensibilidades, novos devires. Ancora-se no princípio de que os conceitos não são dados como verdades absolutas, não há julgamentos e nem rigidez metodológica, mas sim, possibilidades múltiplas de se compor na e com a vida.

Deleuze e Guattari entendem que o inconsciente é posto a mover-se por uma força desejante que o coloca em constante movimento e mutação; ele se constitui e reconstitui por dobras, desdobras e redobras. Partindo-se dessa concepção desejante de inconsciente, para a esquizoanálise a questão não é nunca reduzir o inconsciente, interpretá-lo ou fazê-lo significar. A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente, produção de uma vida mais potente, mais vibrante (DELEUZE; GUATTARI, 1996 p. 28 apud P ARPINELLI; SOUZA, 2005).

⁴¹“O corpo pleno sem órgão é um conceito complexo que busca levar o pensamento até o improdutivo, o inengendrável, o amorfo, o indiferenciado, que podem funcionar como antiprodução, mas com o qual as máquinas desejantes podem se acoplar, produzindo os devires, as passagens, as destinações daquele que aí se desenvolve” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 35).

A esquizoanálise busca romper com o tradicional método de diagnóstico clínico que, através de códigos, classificam as doenças formando a base da medicina e da psicologia clássicas. O olhar do esquizoanalista não é interpretativo, mas um olhar complexo, de concepção de mundo, dotado de uma escuta sensível, que inclui os movimentos minoritários, as atitudes subversivas e criativas que potencializam a vida e todas as suas instâncias.

Para tal, é preciso sair de uma visão e postura deterministas, abrir-se aos devires criativos, num contexto rizomático em que a autogestão⁴² seja uma constante no seu percurso. Esse conhecimento de si, do contexto onde está inserido, potencializa, cria e movimenta desejos, transforma ao mesmo tempo em que se transforma.

Baremlitt (1998) defende que o desejo pertence ao campo de produção da realidade responsável pela criação do novo, isto é, os processos de mudança se inscrevem em uma produção desejante que é, ao mesmo tempo, movida por um desejo produtivo. Desejo e produção são imanentes um ao outro.

A massificação capitalista atual, através de dispositivos dominantes, dissemina a cultura de subjetividades semelhantes, que resistem ao novo, ao diferente. No campo da saúde, um dos focos deste projeto de pesquisa, esta discussão se aplica à concepção do indivíduo como um ser classificado como doente. Daí a utilização de rótulos como: o esquizofrênico, o obsessivo, o depressivo, etc. A rotulação funciona como uma espécie de prisão, que impossibilita outras possibilidades, outros desdobramentos, causando a redução ou até a extinção do desejo enquanto potência, levando a uma situação de niilismo existencial.

A esquizoanálise surge como uma possibilidade de mudança de direção de modo maquínico e aniquilador, que funciona pela busca da produção de subjetividades em um processo de vir a ser que acontece pelo transbordamento do desejo. Propõe o contato com diferentes equipamentos de subjetivação, com o dentro e o fora que em uma multiplicidade de desdobramentos, pode desencadear na produção de uma vida pulsante. A esquizoanálise deixa de focar a doença para potencializar a saúde, em um movimento que potencializa o desejo como propulsor/proponente de movimentos criativos que possam vir a fazer alguma diferença no/pelo mundo.

O pesquisador, enquanto esquizoanalista, não pergunta o que aquilo significa, para que serve isso/ interferindo nas máquinas desejantes, possibilitando um retorno a realidade. “A

⁴² Processo de produção e re-apropriação, por parte dos coletivos autogestionários, de um saber acerca de si mesmos, suas necessidades, desejos, demandas, problemas, soluções e limites (BAREMBLITT, 1992, p. 156).

esquizoanálise tem um único objetivo, que a máquina revolucionária, a máquina artística, a máquina analítica se tornem peças e engrenagens umas das outras” (DELEUZE, 1992, p. 36).

Deleuze propõe uma clínica que leia os sintomas da cultura para colocar em funcionamento a máquina do pensamento, onde a medicina é substituída pelo artista. Nessa proposta, os sintomas surgem como sinais do que ainda não foi pensado, propiciando uma crítica efetiva da moral e investindo na recriação da vida. O artista é um sintomatologista.

A psicanálise também caminha ao encontro da literatura, pois quando o analisando não consegue falar o que gostaria, busca construções não usuais. O psicanalista ouve as construções inusitadas, criadas pelo escritor, tanto como as construções criadas pelo analisando que, por sua vez, cria quando as palavras usuais não são suficientes para falar o que não consegue dizer.

Na Psicanálise, o objeto material de trabalho é o Significante, pois por seu intermédio se articula o desejo. Lacan afirma haver a incidência do significante sobre o significado. Daí a escuta dos significantes.

O psicanalista trabalha com a escuta, atividade que exige atenção às construções da fala, às palavras que surgem, conceitos que carregam enunciações na tentativa de sanar a dor, o sintoma. O analista busca pontuar essas construções para que o ato analítico ocorra e o paciente tenha acesso à verdade, amenizando o sofrimento.

Deleuze e Guattari situam o psicanalista como reproduzidor das convenções sociais, que utiliza o paciente como objeto da clínica tradicional ou de uma teoria que fala em nome do outro, sem levá-lo em consideração. É preciso dar voz ao paciente. É preciso voltar-se para um cuidado de si. E assim percorreu-se o território desta pesquisa, tendo a esquizoanálise como um procedimento de valoração de uma vida e principalmente focada no cuidado de si, do outro e do entorno.

A escola pública é melhor que a privada. Não há cobranças. Gosto de liberdade para trabalhar. Por algum tempo desejei outra profissão. Professor é mal remunerado. Não há respeito. Tenho que conviver com uma escola doente. Professores tomam medicação para induzir ao sono. O teto poderia desabar. Ninguém iria notar. Dopados. Lentos. Uma parcela sofre de depressão. A sala do café funciona como um teatro de comédia. A alegria predomina. Não há exteriorização de problemas. E quem gosta de ouvir? Remédios não fazem parte da minha rotina. Já tive câncer renal. Já tive insônia. Já tive fixação em ser magra. Hoje vivo no limite. Mas que limites? Simplicidade. Glamour. Carro do ano. Foi preciso morrer para diminuir o ritmo. Rompi com tudo. Não há felicidade constante. Há momentos. Instantes. Faíscas. Contentar-se com o simples. Educação cristã. Ser sempre boazinha, aceitar, perdoar. Cansei! Sempre tive válvulas de escape. Conviver com o entorno é o grande desafio. Adoece! Preocupação em atender ao outro. Que outro? O outro que me invade. Confuso. Sou eu ou sou o outro? Cobranças. Sofrimento. Anseios. Nunca dou conta. É sempre maior. Oh, como me cobro! Já experimentei maconha. Válvula de escape! Prazeroso. Efêmero. Rápido. Poucos amigos, talvez raros. Como confiar? Trabalho. Trabalho. cobrança. Cobrança. Estou cansada. Os adolescentes são verdadeiros. Os adultos não são. Prefiro os alunos aos colegas. Está pesado. Preciso respirar. Quero viver!

recortes de sensações
escutar seus desejos
se misturam
muitos "borrões"
inesperado
vivências
soturnas
raios solares
impulsos
atenuados
o-é-ai

Respirar
Sentir
descobrir o mundo
ser afetado
marcas em seu corpo
afetar
se relacionar
dor

escrevermos um romance
cuidar do outro
encontro com você
menor partícula da vida
Novas possibilidades
Novos territórios
trajetos
desconexo
retorna diferente
bons
sempre retorna
entrar em contato com o corpo
ruins
trafegada
estará aqui e agora

existência
incansável
corpo em movimento
encontro com movimento

7. BIOGRAFEMÁTICA: Borrões de fuxicos

O Biografema, conceito proposto por Roland Barthes (1979) é definido como um fragmento que ilumina detalhes, prenes de um “infra-saber”, carregado de certo fetichismo, que vem a imprimir novas significações no texto, seja ele narrativo, crítico, ensaístico, biográfico, autobiográfico, no texto, enfim, que é a vida, onde se criam e se recriam, o tempo todo, “pontes metafóricas entre realidade e ficção”.

De acordo com DUQUE-ESTRADA (2009, p.141), Barthes se inscreve como um sujeito atravessado por diferentes estruturas de textos - fotografias, recordações, imagens – que o separam de si mesmo. Uma separação marcada pelo distanciamento. Por exemplo, quando analisa fotografias do passado não mais se vê, pois experimenta uma relação com imagens fragmentadas de seu próprio corpo – cabelo comprido, corpo mais magro, pele mais jovem – que não lhe pertence mais.

Sendo assim, não é possível uma continuidade entre ele e si mesmo, logo a escrita não pode ser de confissão, pois se trata de semelhança. O biografema sustenta a ficção de si e um real que ainda está por vir. Não há como falar do passado no presente. Não é possível reconstituir, resgatar na escrita atual. Assim o texto barthesiano não se reduz a uma simples descrição dos fatos passados, há certa criação sobre o que é narrado na escritura:

Tudo isto deve ser considerado como dito por um personagem de romance- ou antes por muitos. Pois o imaginário, matéria decisiva do romance [...] é acionado por muitas máscaras (personae) e escalonado segundo a profundidade da cena (e no entanto não há ninguém atrás). O livro não escolhe, ele funciona por alternância, ele segue por descargas do imaginário simples e de acessos críticos, mas tais acessos não são senão efeitos de ressonâncias: não são mais imaginário puro do que a crítica (de si) (Roland Barthes por Roland Barthes, p.124, apud DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 145).

[...] Por mais que a ordem das lembranças subsista e por mais que os juízos se produzam, temos uma alucinação; na verdade, sabemos-nos alucinados, mas mesmo assim a imagem parece exterior. [...] se vejo um homem sentado à minha frente, meu juízo pode convencer-me de que se trata de uma visão, de um fantasma; nem por isso deixarei de ver o homem sentado à minha frente (SARTRE, 2013, p.91).

Ocorre uma transformação do sujeito que já não é mais o sujeito da reflexão e nem da representação, mas da criação. Candance Lang, 1982, p.15 (apud DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 147), ressalta que “no percurso da escrita, o sujeito é ambíguo, pois não é nem privado e nem público, onde o eu vazio, descontínuo alterna com o ele, definitivo”.

O processo se dá como criação e não como apropriação. Diferente de impor uma forma de expressão a uma matéria vivida, têm-se aí um verdadeiro procedimento de

invenção, pelo qual a vida é aquilo que deve ser escrito, e não algo com o qual a escrita deva buscar alguma adequação. (COSTA, p. 46, 2011).

O sujeito barthesiano se distribui através das performances linguísticas das quais, de um modo ou de outro, ele é um efeito. O texto encontra-se sempre predeterminado pelos atos performáticos entendidos como uma relação modificada, posto que constituídos por uma distância infinita a si.

Assim como lembra Machado (2004), ao escrever um romance, não se trata de criar ‘eus’, mas sim de se mostrar um anonimato, um impessoal em meio aos eus, inventando uma abertura, uma produção de diferenças, um desmanchar de modelos dados, reproduzidos e naturalizados. O desafio se constitui como um convite à transformação de si em meio à própria escrita. “A literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui de poder dizer EU” (DELEUZE, 1997, p.13).

O sujeito fragmentado é evocado através de detalhes, sinais, fagulhas que revelam uma singularidade. “(...) uma pequena unidade biográfica, um traço distintivo de uma biografia, que é o biografema” (PIGNATARI, 1996, p.13). O texto biografemático traz à luz, pela leitura, um corpo vivificado pela e na linguagem. Um corpo como uma dobra do sujeito que se inscreve no tecido textual e “se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia” (BARTHES, 1977, p. 39). “Um texto é um trabalho múltiplo, onde não estacionamos nem no texto e nem no eu. Eis a afirmação de potência de ser escri-leitor” (Id., 1997, p. 93).

Barthes utiliza o termo *Punctum* para falar daquilo que fere, que toca o leitor: “O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere).” *Punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados (BARTHES, 1984 p. 46).

Neste território investigativo, aposta-se na escrita do detalhe, que se atente a um movimento, a um cruzar de pernas, a uma fotografia, ao olhar distante, a um anel no dedo, a um desenho. Paradas, tosse, choro, interrupções, esquecimentos. Não há intenção em atribuir significado, pelo contrário, um desejo de um esvaziamento de significado. Os símbolos são mais reais do que aquilo que simbolizam: o significante precede o significado.

Um detalhe não planejado, aquilo que salta aos olhos de forma incontrolável, não-intencional e pela via do sensível. “Apresentam-nos a linguagem dos primeiros homens como línguas de geômetras e verificamos que são línguas de poetas [...]. Não se começou raciocinando, mas sentindo” (ROUSSEAU, 1977, p.163).

A escrita do detalhe deve tratar desses punctums de um acontecimento, daquilo que parte de uma cena, de uma história que ouvimos e que nos atinge como uma flecha, num determinado espaço tempo. O tempo não é entendido como uma medida justa cronológica, dentro dos limites de uma sucessão linear dos acontecimentos, mas como algo que se rarefaz, desloca-se e se metamorfoseia na inter-relação com o espaço-linguagem.

A biografemática configura-se como a ciência do Biografema, o qual, segundo (PERRONE; MOISÉS, 1983, p.15 apud DA COSTA, 2011, p. 46), constitui-se por objetos pormenores isolados, detalhes insignificantes, meras virtualidades de significação que compõe uma biografia descontínua. O biografema convida o leitor a fantasmear; a compor, com esses fragmentos, um outro texto que é, ao mesmo tempo, do leitor amado e dele mesmo - leitor.

Torna-se relevante fazer uma distinção entre o biografema e a biografia, enquanto a grafia (da biografia) tem significado, o grafema (do biografema) não. A potência de um biografema é a sua proliferação na escritura, a potência (ou a impotência) da biografia é a de estabelecer a vida última verdadeira, plena de significação. Nesse sentido, a escritura biografemática pode ser entendida como um modo de lidar com a biografia, sem se limitar à história referenciada. O biógrafo, nessa perspectiva, não narra, de maneira linear, cronológica, coerente a sua própria vida (nem a de ninguém), mas produz vidas: o biógrafo entendido como um inventor de vidas.

O biográfico, neste sentido, opera com aquilo que Deleuze; Parnet, [...] chamam de “traição da escritura”, onde o trair é colocado ao lado da criação, distante dos ditames identitários produzidos pela idéia de obra biográfica de um autor (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 58 apud COSTA, 2010, p. 26).

De acordo com Costa (2010), ao invés de se contentar com o que a biografia diz, o leitor coloca diante do texto outras perguntas: Quem quer esta vida? De onde se escreve essa vida? Por que esta e não outra vida?

Toda palavra utilizada pela boca de alguém é um universo inteiro com destino a uma orelha, ela também mediatizada por um mundo, o do outro. Ora as palavras estão vivas, primeiro na história geral de sua utilização, depois na história particular, manejadas pelas singularidades todas marcadas pela sua biografia (ONFRAY, 1995. p. 179)

Na escritura o autor desaparece e somente a linguagem fala. Por essa mesma via, (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11 apud DA COSTA, p. 45, 2011) referem que “o ato de escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir”. “Uma vez que a questão da escrita é a de fazer passar intensidades,

liberar devires capazes de arrastar aquele que a encontra, seja o escritor ou o leitor, e não pode ter outra função que não seja o exercício do símbolo” (BARTHES, 2004, p. 58).

Pelo procedimento biografemático, tentar esculpir outra maneira de pensar e estar no mundo, arriscar-se a experimentar e ampliar territórios, adentrar superfícies e profundidades subterrâneas, sem medo do desconhecido, do imprevisível, de transcender. Acredita-se que tudo que está vivo pode escrever e reescrever, significar e transvalorar. Escrever o que for possível de uma vida enquanto acontecimento.

A presente pesquisa é impulsionada por inúmeras inquietações e, à medida que percorre, novas dúvidas se acumulam. É o incansável andar que corrói, mas que, somado aos afetos, alimenta o brilho no olhar para continuar caminhando. Como escrever tudo que se vivencia no percurso de uma pesquisa? Talvez algumas vivências tenham somente que ser sentidas ou tenham que perder-se em meio a outras, emaranhar-se, fundir-se, contagiar-se e continuar.

Buscou-se a saúde, a vida, numa fala atravessada pela queixa que, no começo, acreditava-se ser algo negativo e, no entanto, ao longo da trajetória de pesquisa afirmou-se como um ato de saúde. Se há queixa, é porque ainda existe insatisfação e ainda existem expectativas em relação a uma mudança na direção das forças para a criação de uma saúde enquanto escrita. Aprendeu-se também – com Deleuze - que uma queixa fala de algo que está acontecendo que “é grande demais para mim”. Queixa não tem nada a ver com tristeza, tristeza é quando estamos separados de uma potência da qual achávamos capaz de preencher. Uma queixa é uma reivindicação.

A crítica-clínica deleuziana, em seu contínuo empreendimento de saúde, pode bem ser entendida por esse movimento de liberação. Conforme Deleuze (2011, p.14): “a doença não é processo, mas parada de processo”. Assim, o escritor não é doente, mas médico de si que se utiliza da literatura como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha uma saúde de ferro, mas o fato de ele ter visto e ouvido coisas pesadas e de forte conteúdo, desencadeia em parada do processo. Porém, a doença proporciona devires, talvez inatingíveis, em estado pleno de saúde. Que saúde seria necessária para atingir a vida onde há a ausência de vida?

A saúde como escrita consiste em inventar um povo que está por vir. Um povo menor⁴³, preenchidos de devires que só se expressam através da escrita. Quando a escrita produz um povo maior, que domina, é a doença que se manifesta, porém, também é saúde que produz um povo menor. A criação de uma saúde, de um povo é também criação de vida.

⁴³ A literatura menor está relacionada a certa minoria que usa, cria e recria a língua fazendo da mesma uma língua maior (DELEUZE, 2002, p. 38).

A literatura produz um devir-outro da língua, tomada por uma espécie de delírio, provocando visões e escutas que nada mais são que verdadeiras ideias que o escritor experiência e que constituem o “fora” da linguagem. Escrever é também tornar-se outra coisa que não escritor (DELEUZE, 2001, p.17).

O conceito de linguagem que se utilizou durante a pesquisa é o de alíngua⁴⁴. Quando Lacan passa de linguagem, de língua, para alíngua, o que muda é a noção de estrutura. A linguagem não é mais tratada pela perspectiva de causa efeito, ou seja, para cada ação uma interpretação, uma produção de sentido, mas sim, pelo desejo implicado. “Chegar ao desconhecido pelo desregramento de todos os sentidos, um longo, imenso e raciocinado desregramento de todos os sentidos” (RIMBAUD apud DELEUZE, 2011, p. 47).

A linguagem passa a ser pensada como real, Leite (1998) acrescenta que o real criado por Lacan nada tem a ver com o real da ciência que é material e objetivo. O real de Lacan é de algo que articula uma coisa com outra, na qual nada é em si mesmo.

O que dizer de uma vida? Toma lugar uma espécie de força subterrânea incontrolável, diante da qual a palavra não recolhe ou exprime um efeito incorporal do acontecimento, sendo que esse não se distingue de sua efetuação. Assim, são corpos mergulhados à profundidade dos afetos, sem poder emergir através de alguma linha que selecione esta ou aquela direção.

A escrita não é a busca por uma ferramenta a serviço do conhecimento que aprisiona, mas a tentativa de superação de saberes dominantes articulados por discursos de verdades absolutas. Nietzsche (apud DELEUZE, 2001 p. 152) afirma que “o conhecimento opõe-se à vida, a separa daquilo que ela pode, e a reduz a um quadro de reações cientificamente observáveis e mensuráveis”.

Parte-se conduzida pelo desejo de descobrir, inventar novas possibilidades de vida, mediada por um conhecimento que afirma ao invés de opor-se à vida, procurando desenhar uma nova geografia com nuances de um método biografemático⁴⁵. Trata-se, para Deleuze, de articular pensamento e vida, devir e história, concebendo os encontros disjuntivos, daí advindos, enquanto irrupção da criação e do novo:

Para tal, o Método, que lhe é correlato, formula uma teoria intensiva e diferencial das formas, como relações de forças e de afectos; a qual rompe com a hermenêutica da interpretação e seus sentidos invariantes, sujeitos, objetos, territórios de organização e de estratificação. Empenhando-se, nas zonas de intensidade das suas pesquisas, para diagnosticar como as forças insensíveis produzem tanto signos como

⁴⁴ ALINGUA: termo cunhado por Jacques e muito parecida com a língua materna; para aquele sujeito a vocalização que ele faz o remete a certos elementos mínimos. PETER (1998)

⁴⁵ CORAZZA, Sandra. Introdução ao Método Biografemático . In: Fonseca & Costa. **Vidas do Fora**: habitantes do silêncio, 2010.

imagens, os pesquisadores agenciam movimentos e vibrações de afectos; encontros com *hecceidades* e variação de potências; relações complexas de velocidades e lentidões, movimento e repouso, entre moléculas ou partículas. Funcionando como *Afectologia*, as pesquisas transformam o poder de afetar e de ser afetado de cada participante; tornam sensíveis forças antes insensíveis; procedem a deformações inorgânicas; fogem da segurança das formas constituídas (clichês orgânicos); e lutam para permanecer no nível das intensidades instáveis (corpo sem órgãos)” (CORAZZA, 2012 apud COSTA, 2010, p. 121).

A base religiosa dos valores negou os instintos humanos, pela afirmação de que não podemos expressá-los livremente, devendo ser contidos e eliminados de nossos pensamentos através do arrependimento. Karnal (2014) coloca a valorização do eu como a causa da queda de Lúcifer. O anjo expulso do paraíso (texto bíblico). Tendo Deus criado os anjos, a norma da criação era o nós. Não havia espaço para o cuidado de si e o EU. O outro era o centro da vida de cada um. Lúcifer, ao ousar proferir o eu em detrimento do nós, foi julgado pela tentativa de equiparar-se ao criador e por isso foi expulso.

O homem tem vergonha de elogiar a si mesmo, de assumir seus atributos e de amar-se. Faz de sua existência uma busca pela perfeição, na tentativa de agradar o outro e ser alguém que gostariam que fosse. A não aceitação é causa de adoecimento.

8. MAPEAR OS PERSONAGENS: O desenho de um arquipélago

Na construção de uma geografia investigativa de conceito de saúde docente na contemporaneidade, muitas são as tentativas de trajetos em ressonâncias múltiplas, alguns retornos, algumas desistências, alguns reinícios, silêncios, gozos, acontecimentos, alguns desvios e, isso, aos poucos vai tecendo um mapa de pesquisa. Percursos que exigem um colocar-se à espreita, um deixar-se levar pelo desejo; permanecer alerta ao que está por vir, aos processos de resistência, aos múltiplos tensionamentos que impõem as entradas e as saídas neste movimento sinuoso em diversas direções, por dentro e por fora, para dentro e para fora. Movimentos simultâneos, que desejam desenhar as trajetórias percorridas, desviadas, transformadas, capturadas, agenciadas.

Desejo de escrever vidas sem diagnosticar sintomas, julgar, classificar ou clinicar, mas movida pelo desejo de fomentar, problematizar, tocar o sensível sem nenhuma pretensão de uma verdade, definição ou caminho, mas, de agenciamentos possíveis que sirvam de trampolim, para outras pesquisas.

Um movimento difícil para qualquer pesquisador, porém, ainda mais difícil para uma pesquisadora oriunda da área da saúde, com formação em Psicologia e clínica psicanalítica. Os primeiros meses que antecederam a pesquisa de campo foram de conflitos internos, paixão, entrega, modificação de valores, crenças e, principalmente, de mudança de referencial.

À medida que os teóricos da filosofia da diferença foram surgindo, principalmente após a leitura de **O Anti-Edipo** – Deleuze e Guattari, veio a certeza de que estava capturada pela proposta, e que o desafio seria alimentado pelo desejo de construção de um olhar sem rotular e sim criar. Desejo de criação de olhar que perceba o outro como alguém que está no deserto, por escolha, mas não necessariamente seja nativo e seja classificado com um rótulo de morador permanente. Condição de tratamento praticada pela medicina ocidental que considera algumas patologias como crônicas e vitalícias.

Desta forma, partiu-se de uma amostra de docentes que não foi definida a priori, mas que foi sendo construída a partir da ocorrência dos encontros. Não houve definição das características destes profissionais, tais como: sexo, escolaridade, tipo de instituição, tempo de exercício na função ou momento da vida profissional. Apesar de a pesquisa ter como foco a saúde, não houve nenhuma predileção quanto ao estado de saúde dos mesmos, até porque esse conceito ainda era uma incógnita. A única condição para participar da pesquisa era exercer a profissão docente.

Os docentes foram surgindo no percurso – encontros casuais /indicações de amigos. Homens/mulheres, com pouca ou muita experiência, aposentados, afastados por motivo de doença, docentes em pleno gozo de uma saúde. E assim os encontros foram acontecendo até fechar num total de 07 professores participantes. O tear de fuxico ocorreu em lugares diversos – na beira da praia, na residência do professor, na residência da pesquisadora, numa universidade onde o professor era aluno. Porém, cabe ressaltar que nenhum encontro aconteceu na instituição de origem do professor, pois, a priori, definiu-se que a instituição, de alguma forma, poderia interferir na neutralidade.

Escrever vidas com um olhar esquizoanalítico, partindo de fragmentos pinçados na confecção de uma colcha de fuxicos durante e nas conversas que denominamos de fuxicos. Como contar uma vida colocando-se sensível ao que passa por nossas vidas? Escrever vidas confunde-se com o movimentar-se, com a escritura realizada e com as diversas articulações esquizoanalíticas possíveis. Conforme Deleuze (2011):

Num livro como em qualquer coisa há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação.” [...] “um livro é um tal agenciamento e, como tal, inatribuível” (DELEUZE, 2011, p. 18)

Desta forma tenta-se tecer o tecido de um caminho investigativo, sobre o qual se costura, através dos entrelaçamentos que se constroem, “nestes cruzamentos o sujeito se desfaz perdido neste tecido, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia” (BARTHES, 1987, p. 106).

Deleuze (2011) reafirma que o livro, ou o que serve como livro, muda de sentido entre o regime paranoico significativo e o regime passional pós-significante. No primeiro caso, há emissão de significado, e sua interpretação pelo segundo, que fornece um significado e um significante. O que serve como livro possui sempre um modelo exterior, uma referência, um rosto, um território que fornece ao livro um caráter oral. “Deus se manifesta pelas trombetas e pela voz, mas no som ouve-se o não rosto, assim como no livro se veem as palavras” (DELEUZE, 2011, v. 2, p. 85). O livro, portanto, produz-se desterritorializado e recusa qualquer tipo de interpretação ao contrário da linguagem oral. O significativo se reterritorializa no rosto, porque o rosto altera traços e provoca o interpretar. “O sacerdote manipula o rosto de deus. Tudo é público no rosto do déspota, e tudo o que é público o é pelo rosto. A mentira, a trapaça pertencem fundamentalmente ao regime significativo, mas não o segredo.” (DELEUZE, v. 2, p. 69, 2011).

Segundo, Deleuze (1998), embora a linguagem oral possua um elevado nível de desterritorialização, ela acaba sempre fixando o significante (isto é, a palavra). Assim, o significado não para de deslizar-se sob a palavra, pois ela acaba operando ao mesmo tempo todo um sistema de reterritorializações. É o que ocorre durante uma sessão psicanalítica que se mantém sobre dois eixos: de um lado o signo remetendo ao signo (e com isso, significando), de outro o significante remetendo ao significado, conforme Deleuze (2011).

Os regimes hegemônicos da sociedade, com suas verdades, transformam os indivíduos que se tornam presos nos enunciados, sempre numa relação hierárquica. Daí a importância de incluir as contribuições de Foucault, como um intercessor, e na continuidade deste percurso investigativo. O panóptico é fundamental para uma melhor compreensão do poder soberano no contexto de uma sociedade.

Questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; suspender, enfim, a soberania do significante [...] os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam, mas também se ignoram ou se excluem (FOUCAULT, 2009, p.51 – 52).

De acordo com Deleuze (2011, v.2.), o enunciado, definido como a palavra de ordem, constitui a unidade elementar da linguagem. A linguagem não tem a pretensão de ser seguida como uma verdade, algo em que se pode acreditar, mas para obedecer, fazer obedecer. Portanto, neste sentido a linguagem é pura transmissão de ordem e não comunicação de um signo como informação.

O procedimento esquizoanalítico, bem como o biografemático, constitui alguns dos desafios condutores desta pesquisa. Organiza-se, sobretudo, pela problematização das possibilidades de escrita de uma vida docente. A ousadia deste ensaio investigativo manifesta-se no desejo de escrever uma vida, a partir de fragmentos, agenciada com atitudes e olhares esquizoanalíticos que possam vir a transvalorar o conceito de saúde docente.

O exercício não se propõe a analisar textos autobiográficos submetendo-os a um diagnóstico em busca de verdades ou essências. Ao contrário, orienta-se por recolher detalhes, linhas, pormenores que seduzam e atravessem as linhas territoriais como possibilidades de criação de uma existência. O lance dos dados para além do número que se deseja encontrar.

Barthes (1979) ressalta que, a partir da história de um indivíduo, torna-se possível destacar fragmentos, passagens, gostos, inflexões, instantes ou breves memórias dispersas, extraviadas. Aspectos considerados “insignificantes” de uma trajetória existencial a que chamou de biografemas; que escapam à perspectiva informativa, situando-se na dimensão do

afetivo e do imaginário, e que ganham relevância numa escritura de vida. A paisagem se tem delineada no “entre” a escritura possível e as leituras possíveis.

No rabisco desta paisagem torna-se fundamental despir-se de qualquer ideia pré-concebida, tentar deixar-se afetar e permanecer aberto frente às diferenças e aos modos inusitados que estão por vir. Considerando-se que não se tem a pretensão de diagnosticar e encontrar receitas como o caminho a ser seguido, nem tampouco reproduzir outros modelos de análise clínica, mas tentar deixar que as palavras surjam, que transbordem por entre atravessamentos, que produzam dobras movediças e contornos mutantes, que se encontrem por entre devires possíveis. Permitir abstrair-se do querer dizer, não fornecer significado ao significante, produzir somente ecos de alíngua que confundam o significado; isso cresce em desejo de pesquisa.

Nos entrecruzamentos desta pesquisa, em como e por que se produz o conceito de saúde docente no âmbito na contemporaneidade, pretende-se produzir uma escritura pautada em encontros com os docentes em que os desejos e os não-desejos se manifestem e possam potencializar-se. Que seja feito a partir de uma intersecção esquizografemática na produção de acontecimentos, por entre desdobramentos, desterritorializações, subjetivações, desejos e por feito, em meio a uma vida que verte em um microencontro, que acontece pela fricção de fragmentos que pululam em possibilidades de uma ínfima diferença em um macrouniverso que se denomina Educação.

9. FICÇÃO DE UMA VIDA: como escrevê-la?

De acordo com Barthes (2005),

O campo da vida nova só pode ser a escrita: a descoberta de uma nova prática de escrita. Uma escrita que rompa com as práticas intelectuais antecedentes; ou melhor, com aquilo que já foi escrito, rompendo com um movimento repetitivo e instituído de escrita (BARTHES, 2005, p. 10).

O que se pretende nesse processo investigativo, é uma escrita da diferença; que não repita uma história, mas escreva uma vida singular, porém, atravessada pelas multiplicidades, pelo cuidado de si e pela gestão de si mesmo.

Mas como contar uma história? O que escrever? Como agenciar os borrões de vida recolhidos, os movimentos corporais, a intensidade do choro, o suor das mãos, o brilho do olhar? Por onde começar uma nova prática de escrita? O querer escrever é desejo, é pulsão, sem clareza de definição. É entrega, doação, abandono, desconfiar e também acreditar. “Escrever um romance é um estilo que requer fantasia”. “Fantasias sutis, originais: podem existir, mas segundo uma marginalidade quase indizível; não podem se fazer ouvir senão passando à ordem literária” (BARTHES, 2005, p. 21).

O autor acrescenta que “o escritor, para sobreviver, deve aceitar numa pequena injeção de paranoia: sem concessão”, (Ibid., p. 12), pois se trata de uma defesa necessária do artista. Para escrever é preciso permitir-se, entregar-se, descontrolar-se. Um romper com a pressão social por uma repetição de escrita dominante.

Portanto, nesta pesquisa, trabalha-se com o conceito de ficção, tendo a fantasia como mola propulsora do movimento de escrita, sem nenhuma intenção em buscar veracidade nos fatos narrados ou explicações.

Aquilo que Barembli (2010) mencionou como esquizoemas, que implica “num uso disjunto das faculdades, técnicas de colagens, um pensar sem fundamento, sem sistemática, sem meta categorias eminentes ou transcendentess”. Trata-se de contar uma história como um pescador que retorna do mar, que conta novidades sobre o que viu e vivenciou, porém, sem a busca de uma compreensão ou interpretação. Há quem diga que toda história de pescador tem um fundo de mentira, mas também um fundo de verdade. Como saber?

Este não é um livro de confissões; não que ele seja insincero, mas porque hoje temos um saber diferente de ontem; este saber pode se resumir assim: isso que eu escrevo de mim não é jamais a Última palavra: quanto mais “sincero”, mais interpretável eu sou aos olhos de outras instâncias que não aquelas de antigos autores que acreditavam não ter que se submeter, senão apenas a uma lei: a autenticidade. Essas instâncias são a História, a Ideologia, o Inconsciente. Abertos (e como poderia ser de

outro modo?) a estes diferentes porvires meus textos se deslocam, nenhum deles encobre o outro; este não é senão que um texto a mais, o último da série, não o último do sentido: texto sobre texto, o que nunca esclarece nada (BARTHES, 1975, p. 56 apud DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 142).

O propósito é tear uma colcha de fuxicos no sentido de compartilhar, composta por fragmentos de vida docente, sem a prisão ao tempo linear e acelerado, típico da contemporaneidade, mas, de um tempo descontínuo, não linear, sem pressão ou prisão, preenchido por intensidades. Um tempo que permita movimentos de criação, de diferença, acontecimentos, sem amarrações a uma sucessão cronológica de fatos narrados. Um tempo de encontro com cotidianos comuns de existências, vozes que se misturam, corpos que se metamorfoseiam. Afirma-se uma pesquisa que conte histórias sem dono, sem autor, sem rosto, que fale de uma coletividade, de todos os outros que atravessam um eu, porém pela dissolução do peso das confissões pessoais.

Partindo-se de um movimento biografemático e de uma sensibilidade esquizoanalítica, compartilhamos dessas histórias pelo tear de uma colcha de fuxicos, com falas sem início, sem fim, aonde as palavras vão surgindo, misturando-se, e se desdobrando em inúmeras histórias. As histórias do passado recriam-se ao serem recontadas. O passado se transforma no presente com novas intensidades, novos tons. E num movimento, que se assemelha a um barco a navegar, ora por águas tranquilas, ora por águas agitadas, foram-se pinçando detalhes, cacos, fragmentos destas conversas, que foram também possibilitando novos desenhos de produção de territórios possíveis sobre o mal-estar docente.

A escrita requer também certa inquietude, uma atenção aos detalhes e muita ousadia. “Toda tarefa da arte é inexprimir o exprimível, retirar da língua do mundo, que é a pobre e poderosa língua das paixões, uma outra fala, uma fala exata” (BARTHES, 2009, p. 15). Dilatar a pupila para uma visão mais clara, dos detalhes explícitos e implícitos, construindo um mosaico, que só poderá ser lido por uma montagem dos retalhos. “A leitura-montagem é ela própria dialógica, porque o texto fornece as pistas, mas as saídas, as possibilidades de leitura-montagem precisam ser deflagradas” (FERRARA, 1981, p. 192).

Para Sigmund Freud, a literatura não é uma simples projeção do artista, mas um esboço de solução de sofrimentos psíquicos, pois a “força motivadora das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo insatisfeito, uma correção da realidade insatisfatória” (FREUD, 1908[1907]1980, p. 152).

Neste caso, o conceito de desejo como falta, proposto pela psicanálise, difere do conceito de desejo proposto por Deleuze e utilizado nesta pesquisa: um desejo que transborda.

Para a psicanálise falta um saber sobre as pulsões e os sofrimentos que não se pode escrever. Com a ausência desse saber, surge a fantasia que inventa saberes. Assim, desenvolve o conceito de sublimação como a capacidade de liberar energias que estavam investidas em figuras arcaicas para serem investidas em novas figuras. A sublimação é uma forma de obter prazer com algo que não existe.

Portanto, para a psicanálise, a interpretação de uma obra de arte poderia permitir revelações sobre o autor, ressaltando a prática da classificação e da interferência durante a sessão analítica e fortalecendo o lugar do analista enquanto um saber poder. O olhar da psicanálise sobre a arte e neste caso, sobre a escrita, foi trazido propositalmente nesta pesquisa, como um olhar hegemônico da clínica, contrapondo-se à esquizoanálise, que busca romper com esses saberes dominantes. Quanto à relação entre escrita e sintoma, pode-se dizer que a psicanálise não faz escritores, apenas os encontra.

Sigmund Freud aborda a arte como interpretativa. Nesta pesquisa abordamos a arte enquanto exercício do próprio viver que permite alçar os olhos sobre os compartimentos da vida, encarando-os com este olhar artístico e não fora dele. É por este enfoque que aproximamos a escrita da profissão docente pela possibilidade de se permitir uma transvaloração da vida pela experiência de um cuidado pautado em um viver sem julgamentos.

O inconsciente será considerado nesta pesquisa, diferentemente da compreensão da psicanálise, como uma região que não se expressa em palavras, o domínio que escapa à linguagem. “Não é, pois, por acaso, que não tratamos do inconsciente em Nietzsche; além de não existir aí enquanto conceito, o que se poderia chamar eventualmente de inconsciente remete, de imediato, ao indizível” (MARTON, 2001, p.181). Inconscientes seriam todas as forças vivas do mundo que não cabem na linguagem.

Conforme Deleuze; Parnet (1998) desconsidera-se a linguagem como um agenciamento coletivo de enunciação, mas sim uma composição de forças maquinicas de desejo. Lacan, em seus últimos seminários se dedicou ao estudo e a análise da vida e da obra de alguns artistas, dentre eles James Joyce⁴⁶, onde transita pelos registros no real, no simbólico e no imaginário. Para Lacan, o uso da escrita poética comporta a dimensão de enigmas que sempre provocarão no escritor e no leitor, às vezes o gozo e em outros o trágico, porém, adverte sobre o risco da interpretação da obra de arte a partir da subjetividade do artista.

⁴⁶ Conferência dada por J. Lacan em 16 de junho de 1975, na abertura do 5º Simpósio Internacional James Joyce, em Paris, intitulada “Joyce, O Sintoma”.

Segundo Miller (2006-07, inédito, aula de 14/5/2007, apud BENTES, 2011, p.136), Joyce desperta em Lacan a afirmação de que todos deliram na utilização do significante. Só há invenção no limite imposto pelo real, porque o real não fala. Assim, Lacan passa a privilegiar a escrita. Afirma assim, que o inconsciente tem a ver com o escrito, não passa naturalmente pela fala, pois “alíngua não serve ao diálogo”, conforme a afirmação de Lacan (1985, p. 189 apud BENTES, 2011, p.138). Joyce estabelece uma conexão entre voz, letra e goza ao escrever.

Lacan (2007, apud BENTES, 2011, p.141) distingue os termos criar e inventar. Dessa distinção é possível depreender que o fazer se dá no limite e que só no limite se pode inventar. O sintoma é uma invenção, pois não há saber no real nem no inconsciente, o saber falta – o que demonstra que a invenção ocorre onde não há decifração possível. A historização que os psicanalistas escutam na clínica refere-se a um saber enquanto há decifração possível no horizonte.

O inconsciente-invenção que Lacan encontra em Joyce, permite-lhe reordenar, re-situar ou precisar o que é criação e o que é invenção. O escritor vive um impasse entre o impulso para dizer e o silêncio que existe no interior da linguagem. Trata-se, portanto, de alcançar os limites da palavra onde o real da escritura se denuncia.

Antes de Joyce a literatura podia ser, com efeito, um discurso – um discurso poético, emotivo –, porém a tese de Lacan é que com Joyce, e de modo contemporâneo à afirmação da psicanálise no século, deixa de pertencer a esta ordem. [...] Com Joyce a literatura não é discurso, mas linguagem. A literatura não se dirige a alguém, como o faz o discurso, apesar de se apoiar no discurso. Reporto-me também [...] se trata do parentesco da escrita com a morte [...]. Mas há algo mais: esta relação da escrita com a morte se manifesta também na desaparecimento dos caracteres individuais do sujeito escritor, mediante todos os ardis que estabelece entre ele e o que escreve, o sujeito escritor desvia todos os signos de sua individualidade particular, a marca do escritor já não é mais que a singularidade de sua ausência; tem que desempenhar o papel do morto na escrita. Faz muito tempo que a crítica literária e a filosofia tomaram nota desta desaparecimento ou desta morte do autor (MILLER, 1986- 1987/1998. p. 293 apud BENTES, 2011, p.177).

No momento em que o autor escreve, ele desaparece, sendo a escrita concebida como um romper o limite. O escritor escreve para si, não existe um retorno da mensagem. Assim desaparece como sujeito pela falta de autenticação de seu ato de escrever. Porém o ato de escrever é considerado um prazer comparado a um gozo, em que o escritor abdica da presença do outro, mesmo que isso leve ao seu suicídio. O escritor goza ao conviver com seu objeto de desejo: a escritura. “Todo jogo é capaz, a qualquer momento, de absorver inteiramente o jogador” (HUIZINGA, 1990, p. 11).

O escritor, segundo Barthes (1977), ao entretecer relações-informações, abre fissuras, deixa emergir resíduos do corpo-linguagem, numa enunciação consciente de seu próprio corpo-linguagem, que se dispersa na trama textual. A escrita de uma vida exige coragem ao escritor que precisa produzir movimentos, paradas, contornos possíveis de criação de si. Uma escrita que funcione como um convite a transformar-se ao longo da escrita.

Uma escrita sem receitas, sem prescrições, sem linearidade. Porque a vida é ISSO: surpresas, desafios, vazios, risos, caos, dúvidas, medos, gozo, êxtase. Como dar o primeiro passo? Como entrar nessa escrita? Como dar conta das imagens que visualizo? E daquelas que não visualizo? Falar dos cheiros que sinto? Do nó que aperta? Criar uma obra a partir de um problema de pesquisa, com o desafio de que ele vá se transformando sempre em novos questionamentos e com a convicção de que não terão respostas, mas trampolins para outros patamares. Ir colhendo os fragmentos pelo trajeto, sem julgar, apenas viver o encontro e o que ele provoca. “Escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra — a entrelinha — morde a isca, alguma coisa se escreveu” (LISPECTOR, 1980, p. 21).

O autor-leitor do texto biografemático, ao praticar a ficção como ficção ou, em termos barthesianos, ao praticar “a linguagem sem seus imaginários”, ao trabalhar a linguagem na brecha da mediação, entretece relações, capturando na fragmentação do corpo-linguagem os resíduos de corpos. Todavia, ao entretecer relações-informações, abre fissuras, deixa emergir resíduos do corpo-linguagem, numa enunciação consciente de seu próprio corpo-linguagem, que se dispersam na trama textual, conforme afirma Barthes (1977 apud FRANCO, 2007, p 20).

Como ler um texto biografemático, composto de retalhos, de pedaços, de buracos, reescrito a cada instante? Como não julgar? O biografema é uma livre-produção textual na medida em que não deriva de significados, mas destaca cheiros, imagens, atos, pormenores que produzem significâncias e uma estética. Os fragmentos se aproximam, se agenciam, num exercício de linguagem, formando uma espécie de colcha de retalhos ou um mosaico, que se constrói e reconstrói, numa relação dialógica, pela adesão ou descarte de múltiplos signos. O estilo de escrita é um estilo de vida.

Barthes (1977 apud FRANCO, 2007, p.19), acrescenta que numa leitura biografemática, a relação autor-limite é uma relação limite, porque trabalha no espaço entre o desejo da escrita e a metalinguagem. Nessa medida, o que flui não é a crítica, mas a metalinguagem como signo interpretante, que se desdobra e se revela como linguagem em construção. O leitor poderá recolher borrões ou fragmentos, associar com outras escritas,

desfazer-se de alguns retalhos e percorrer os territórios da escrita aceitando o desafio de subverter o que já está posto. O inacabado e o desviante. Corte e fluxo. Leitura de vidas que se deixam contar sob a forma de fragmentos.

Volto, de fato, àquela idéia simples, e em suma intratável, de que a “literatura” (pois, no fundo, meu projeto é “literário”) se faz sempre com a vida. Meu problema é que não creio ter acesso à minha vida passada; ela está na bruma, isto é, na fraqueza de intensidade (sem a qual não há escritura). O que é intenso é a vida presente, mesclada estruturalmente (este é o meu dado) ao desejo de a escrever (BARTHES, p.36. 2005).

COMPONDO UMA ESCRITA DE VIDA COM FRAGMENTOS DE UMA SAÚDE DOCENTE: Bem-Vindo a bordo!

É 01 de março de 1927. Ela observa o mar da aldeia onde mora. Estar ali é um acontecimento. O mar é um acontecimento. A vida é um acontecimento. Encontra-se alegre, tranquila e sozinha. Passam alguns, fica acompanhada por instantes, por horas, por dias; mas não por muito tempo. Encontros e desencontros.

Herdou do pai pescador o amor pelo mar. Homem corajoso veleja em seu fraco barquinho diariamente enfrentando o desconhecido. Há dias de mar tranquilo. Há dias de tempestade. Na lua cheia a maré é alta, o mar é agitado; mas também é o melhor momento para a pesca. Na lua minguante, a maré é baixa e os peixes somem. Há que correr o risco de adentrar o mar na lua cheia. É preciso ter coragem. O pai lhe ensinou que os melhores dias para a pesca apresentam maior perigo no mar. A vida é atravessada por riscos, perdas e ganhos.

A mãe, artesã e escritora, escreve na e com a vida. Em parte do dia produz artesanato a partir de fuxicos⁴⁷. Moram numa vila de pescadores. Os fuxicos são produzidos enquanto conversa e canta com as demais artesãs. À noite produz escrituras a partir das conversas que estabeleceu com as colegas de profissão. A mãe diz que nem sempre se lembra de tudo o que ouviu. Todavia, isso é irrelevante. A lembrança sempre será diferente da realidade.

A infância foi recheada de fantasia. Cresceu lendo as escrituras de sua mãe, bem como, as histórias infantis. Brincava no pátio de sua casa junto com primos, primas e crianças da redondeza. A avó era muito carinhosa. Entre um fuxico e outro, a mãe preparava bolos e doces. O lúdico era constante. O cuidado com o outro era prioridade. A imaginação tinha em abundância.

E assim cresceu, até tornar-se uma bela jovem de estatura mediana. Seu corpo, pura fluidez, leve, solto, esguio, relaxado. Possui olhos pequenos; mas afirma que são para ver os pormenores de uma situação, ou além do horizonte. Existe algo depois? Não creio. O

⁴⁷O fuxico, de idade secular, tem a sua criação atribuída aos escravos africanos. Entretanto, ele se popularizou dentro do universo do *patchwork* no início do século XX. Um pequeno círculo com as extremidades alinhavadas e franzidas inspira a criação de pequenos enfeites e adereços, até a composição de peças maiores como colchas. O termo “fuxico”, em português, é sinônimo de fofoca ou cochicho e, segundo o folclore local, recebeu este nome uma vez que as mulheres se reuniam para costurar e cochichar sobre a vida.

Fonte: HISTÓRIA do fuxico. Disponível em <<https://fuxiquinha.wordpress.com/historia-do-fuxico/>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

Podemos ainda aproveitar esse momento de pausa para pensar em outras formas de economia solidária para a comunidade de pescadores, tais como: a venda do artesanato confeccionado pelas mulheres, ou a criação de uma associação de pescadores. Trata-se de uma questão de referência. Uma mesma paisagem vista de lugares diferentes.

Eis que se atreve a cantar algumas músicas à beira mar. É um tanto quanto desafinada. Quisera ser como as sereias, mas está longe disso. Não é preciso e nem é salutar ser bom em tudo. Descobriu que gostava de cantar músicas, somente isso. Não desejava ser uma cantora.

As escolhas, e as angústias pelas escolhas, fazem parte do desenvolvimento humano. Às vezes necessárias. Às vezes inevitáveis. Temos limitações. Temos competências. Precisamos conhecê-las. Elas encontram-se na toca. Podemos entrar, encontrar, retirá-las, deixá-las e retornar. Não dá para ficar lá, ou será que dá? Precisa-se de momentos diários dedicados ao ócio e à contemplação. Precisa-se de espaço para o desejo. Movimento de potência para desejar o desejo: criar, desterritorializar, reterritorializar, viver e viver a vida. Ficar, durante horas, observando o exercício ferrenho de uma garça tentando pescar seu alimento à beira mar. A natureza é tão sábia!

Embedada-se da luz do sol, do calor que emana. Mas a lua também tem seu encanto, mágica. Trás consigo um brilho que seduz, que desperta a libido, o proibido. É fria, será? Enfim, vai em direção à praia e sai com sua embarcação. Velas ao mar. O desconhecido funciona como a bússola. O desejo move as velas de acordo com o sentido das forças. O pai se preocupa pela fragilidade da embarcação. Teme as tempestades.

-Acalme-se pai. Tenho a noção dos meus limites e dos limites da embarcação. Irei até onde for possível. As condições da embarcação funcionarão como um corte no fluxo do meu desejo. Mas, mesmo assim, me lançarei ao mar movida por uma força potente. Se tiver que recuar, o farei. Se for possível seguir, o farei. Mas não desistirei desse impulso de viver!

O barco vai distanciando-se. Observa cada fração daquela paisagem vista, até então, somente da praia. Olha de outro ponto. Tudo parece diferente, embora tudo seja tão familiar: barcos ancorados, pescadores limpando redes, mariscos surgindo na areia da orla, pássaros que tentam alimentar-se de peixes e caranguejos. Aos poucos, a paisagem vai ficando mais distante. Apenas uma mudança: o lugar de onde se observa. Isso pode transformar uma paisagem.

O céu se aproxima do mar. As ondas batem com força no casco da embarcação fazendo movimentos, ecoando sons que se misturam ao dos golfinhos que por ali nadam. A paisagem do continente vai distanciando-se e ficando cada vez menor: uma imagem que cabe na lente de uma lupa. Até alguns minutos esse era o seu mundo. Um grande território, por

me cobro reconhecimento
graças
Eu tenho que ser uma boa mãe
Eu sinto
sintomas
não sei o que faz o meu olho brilhar
Arte
Ser professor
O problema está no entorno
mesicaid sopoi
não é bem vista

Eu tenho que ser israeliel
sempre buscando
tem que
orenb ne omoo ies oñ
Eu tenho que me dedicar
oãuoise ou euñab
como as rédeas
problemas de saúde
diagnosticado O docente tem aquele poder
abrir a mente das pessoas
Mudar o "mundinho" de origem

vezes assustador, agora tão pequeno. Daí a importância de mudar o foco. O que parecia gigante torna-se mísero.

De repente surge uma grande embarcação no horizonte. Aos poucos, vai aproximando-se do pequeno barco quase artesanal. Aproxima-se mais e mais. Até chegar bem próximo. Alguém grita sinalizando contato. Um marujo surge na proa:

-“Olá!” -diz o marujo. -“O que faz uma jovem navegando sozinha nesse mar infinito?”.

Então, ela responde alegremente:

-Sou filha de pescador, o mar é minha casa. A terra firme não me pertence. Não tenho a pretensão de chegar a lugar algum, mas de agenciar pessoas, territórios e, com a natureza, busco viver cada segundo. Quero construir um trajeto que amplie o território conhecido que, desde sempre, considere imenso e acabei de descobrir que é tão pequeno. Que novos territórios se mostrem. Que minha embarcação cartografe o mapa desta busca que se faz sem sentido de chegar. Não é movimento pela fuga, porque pretendo retornar ao lugar de origem.

-Porém, espero retornar diferente. É um movimento de “sim” à vida, sem a preocupação de chegar a algum fim, se é que existe um fim. Desejo navegar, encontrar, experimentar, desapegar, prosseguir e, um dia, retornar com a mala cheia de novidades para contar nas rodas de fuxico.

-E você marujo? Para onde segue? Vejo homens e mulheres distribuídos na popa e na região de meia nau de seu barco. Como cada um são vários, o barco parece estar lotado (risos).

Ao que o marujo respondeu:

-“Trago em meu barco uma tripulação. Todos são moradores do deserto de Kapã. Mas está difícil para os habitantes do lugar permanecer lá. A poeira cobriu as casas. Famílias inteiras desapareceram. Os tripulantes que aqui se encontram estavam afundando na areia. Teimavam em permanecer onde estavam. Apesar de queixarem-se muito das condições em que se encontravam, não buscavam nenhuma forma de saída do lugar e afundavam cada vez mais. Todos atuam como professores nas poucas escolas existentes na região.”

-“Então lancei o convite para acompanharem-me numa viagem por mares nunca antes navegados. Estavam resistentes à mudança. Temiam sofrer ainda mais saindo de um estado submerso na areia para ficarem submersos no mar, no caso de um naufrágio ou de serem engolidos como na famosa lenda do Triângulo das Bermudas, que costuma engolir barcos inteiros sem deixar vestígios. Mantém seus corpos paralisados. São apáticos, estáticos, tristes, não afetam e não são afetados.”

opartida opççatoo Sinto angustiado

somente enfrentamos Nunca parei

Saúde decente É muito complicado

permissão desenvolver

é difícil fazer tudo agradecer a Deus

Meu Deus do Céu têm que conviver

Você tem que ter

possessos

filhos unamunicialetai um respeitense

sejam honestos Vida é olhar

fazer não houvesse o amanhã

ter alguns carinhos viver tudo

saçõis imposições apazizada

tomar um calmante tratamento

Eu gosto Você tem que adocem

-“Todos, de uma forma ou de outra, não possuem mais a vontade de nada. Para eles não há mais nada a fazer. Todos não se inquietam mais com as manifestações da vida e a queixa é uma constante em suas falas. Estão nessa embarcação sem um sentido para tal. Não há desejo. Fogem do enfretamento. Fogem da vida. Fogem de si.”

-“Adicionei ao convite a possibilidade de navegarem, por alguns dias, como meus convidados e, após visitarmos algumas ilhas e alguns continentes, eles poderão retornar ao deserto e dar continuidade a sua rotina à qual já estão condicionados, mesmo com a possibilidade de serem engolidos pela areia.”

-“Todos concordaram imediatamente. Uns argumentaram que o sofrimento faz parte da existência e acreditam que, um dia, serão recompensados. Outros afirmaram que não acreditam na existência de outras formas de viver e, portanto, não há sentido na busca. Houve os afiançaram tratar-se de destino, logo, não podendo contrariar a vontade divina. E houve ainda aqueles que mencionaram que a doação e a entrega fazem parte de sua profissão logo, precisam permanecer no deserto para ajudar a quem precisa, caso contrário, teriam uma culpa eterna por não ajudar ao próximo.”

-“Cabe observar que nenhum falou sobre a importância de sair para melhor cuidar de si, considerando que estão numa situação delicada, o que os impede de ajudar qualquer pessoa. Por fim, teve quem dissesse:

-‘Tanto faz ir ou ficar, nada fará diferença na minha qualidade de vida.’

-“Só foi possível convencê-los a aceitar o convite da viagem sob a promessa de trazê-los de volta à sua rotina no deserto, caso essa seja a vontade manifestada durante o percurso. O retorno é possível em qualquer momento do trajeto, assim como a mudança de rota e o desembarque em algum porto. Nesse barco não temos o Capitão Gancho⁴⁸, personagem perverso, que costuma aprisionar os tripulantes em seu navio. A única proximidade com a história infantil de Peter Pan é termos como objetivo uma viagem à Terra do Nunca⁴⁹, pelo fato de não querermos chegar a lugar algum, somente navegar, chegar e partir novamente, na criação de uma escrita.”

- Posso unir-me a essa tripulação?

-“Claro. Será um prazer tê-la a bordo. Por favor, suba a bombordo. Sua embarcação será amarrada numa boia. O conhecimento que possuí do mar poderá ser útil. Além disso, sua

⁴⁸ BARRIE, James Matthew. **Peter and Wendy**:CapitãoGancho. [S.l.]: Hodder& Stoughton, 1911.

⁴⁹Id., 1911.

alegria poderá intensificar o colorido desse barco que também ganha brilho quando iluminado pelos raios solares e, em dias de chuva, é atravessado pelo arco-íris.”

“-E ainda tem os dias nublados que favorecem uma cor especial, com vários sombreamentos provocados pelo cinza das nuvens, que se misturam ao verde do mar, às nuances brancas das ondas sobre as águas. Aqui, todos os dias são lindos e apreciados. Assim como apreciaremos esse encontro com você” (risos de boas-vindas do marujo e de todos os tripulantes e demais marujos).

E assim, salta de uma embarcação para a outra sorrindo e balançando os cabelos ao vento, como uma folha soprada pelo vento.

O marujo grita do alto da proa:

-“Timoneiro! Içar velas!”

Enquanto isso, golfinhos fazem malabarismos e saltam sobre o mar, como que desejando uma boa viagem.

Passamos a contar o tempo a partir de agora. Marco zero. Tempo zero. Para que serve mesmo o tempo? Melhor esquecer o tempo, afinal, ele passa tão rápido. Ou será que somos nós que passamos rápido pelo tempo? Eis a importância de nos “lambuzarmos” de cada minuto, de estendermos cada segundo e de vivê-lo intensamente.

Como escrever uma vida? Ou, tantas vidas? Escrever exige o vazio, a entrega, o silêncio, o eco, as palavras, o inesperado. Escrever em busca da menor partícula da vida. Ser incansável nessa busca.

Chamarei a tripulação de personagens os quais serão convidados para, juntos, escrevermos um romance. Uma escrita é feita de fragmentos, de vivências desses tripulantes que ousou chamar de personagens. Na medida em que escrevo, os fragmentos se misturam, repetem-se, confundem-se, desdobram-se, separam-se, reagem, gritam, silenciam. Não há mais histórias de vida, mas sim, pedaços, sensações, recortes de sensações. Nada é retilíneo mas sim, circular, efêmero, desconexo. Escutar é emaranhar-se por entre vários personagens, por entre muitos fragmentos, por entre muitos “borrões” de dor, de prazer e de existência.

O mar reflete a doce forma ondulada do astro, mãe que parece uma grande pérola na imensidão do Céu. O marujo, do alto de seu mastro, olha a Lua e embriaga-se com seus raios de prata. No convés, o capitão olha sobre seu leme e canta canções dos antigos piratas.

Hoje é dia de comemorar. Vinho em homenagem a Dionísio, o deus grego do entusiasmo e, para o jantar, uma moqueca preparada com frutos colhidos no grande oceano verde, no dia de hoje. Quem desejar dançar que coloque seu corpo em movimento e deslize como um peixe-sabão desde a quilha até o bojo deste navio. Imitem o movimento das ondas.

trabalhar em condições de trabalhar
Sinto-me reconhecida
Não posso mais
dor intensa
vergonha

desejo
Sinto-me reconhecida
pessoa rígida

irreversível
persistência
transforma
agradecer a Deus
sonho era ser professora

a escola está docente
fui mudando
outro tipo de relação com a vida

condições
escolas sem condições
agir
nada é
a falta de tudo
escolas sem condições

violência
sozinha
conviver
nada é por acaso
limitados
desejo
problema

mediador
olho
brilhar
forças para continuar
ajudar

Quem quiser somente apreciar: eis o momento! Quem quiser fuxicar: fique à vontade! Aqui a única regra é não haver regras, mas todos são convidados a seguir seus impulsos, escutar seus desejos, cuidar de si e, conseqüentemente, cuidar do outro. Nosso timoneiro agora troca de função e assume a viola. O sentar em círculo visa enfatizar uma característica de pertencimento ao grupo, apesar das singularidades de cada um. Literalmente: “estamos no mesmo barco”. Ou seja, estamos aqui para percorrermos os mesmos territórios, os mesmos desafios, embora cada um tenha a sua experiência que é única e singular.

Se estamos todos aqui é porque algo parecido nos moveu até aqui, mesmo que as linhas de fuga e as tentativas de refúgio tenham sido forças presentes na forma de impedimentos. Se dissermos “sim”, já é um “sim” à vida. Se desistirmos no meio do caminho, pelo menos, a tentativa existiu. Muitos são os movimentos, muitas são as desistências até que se chegue à valorização e à modificação de si.

A música, como uma ramificação da arte, promove conexões heterogêneas que, por sua vez, desencadeiam agenciamentos coletivos. A música provoca encontros, de olhares, de corpos, e faz o desenho de um rizoma, provocando um sentir comum. Assim, desperta afetos e proporciona bem estar a quem ouve sua melodia. Mecham-se e sintam seus corpos de acordo com seus ritmos, sempre na tentativa de acompanhar também o ritmo do outro. Quem quiser e conhecer, pode praticar movimentos de biodança, na tentativa de abrir uma porta para a vida.

O marujo grita:

-“Timoneiro! Agora é você na condução desse barco. Deixe as notas musicais falarem mais alto.”

O timoneiro responde:

-“Então segue a música!”

Enquanto o timoneiro toca a viola e alguns tripulantes dançam, uma jovem senhora, em torno dos 50 anos de idade aproxima-se. Cabelos e olhos castanhos, altura mediana. Está aparentemente abatida e demonstra muita ansiedade quando começa a conversar. Fala muito rápido e sobre muitas coisas ao mesmo tempo. Bem perto, diz:

-“Olá, Seja Bem vinda! Se precisar de alguma coisa estou à sua disposição, embora devido às dores constantes, em pouco posso ajudar.”

- Boa noite! Obrigada!

Ofereço-lhe um sorriso e pergunto:

-O que você tem?

-“ Sou portadora de Fibromialgia, o que significa sofrer de dor crônica pelo corpo há muito tempo. A dor é minha companheira, embora tenha muita dificuldade em aceitar essa

Minha vida particular está lá
 eterno aprendizado
 educação infantil
 desafios
 não dá para separar
 sempre quero mais
 garra
 Carrego tudo
 carregada de muitas coisas
 desprivada de papais e mães

Amo o que faço
 Não conseguia distanciar
 sentimentos
 foi difícil
 sempre resolvi tudo
 muito gratificante
 o médico descartou a hipótese
 nunca parei
 respeito ocupava um lugar
 pressão por todo lado
 dor tão forte
 sempre resolvi sozinho sem op. ruins

situação. Às vezes tenho crises tão intensas que preciso tomar indutor de sono para dormir.”

–“Como eu gostaria de levar a vida que tinha quando eu era só uma professorinha! Comecei cedo, logo após o nascimento da minha primeira filha. Estou há quase 30 anos nesta profissão e sempre fui muito feliz, até que as dores vieram. E as dores surgiram quando passei a ocupar um cargo de gestão em meu emprego anterior, no deserto de Kapã.”

–“Atuei na administração durante alguns anos e foi o suficiente para ficar doente, talvez para sempre. Hoje voltei a exercer o que sempre gostei de fazer: dar aulas. O retorno financeiro é menor, porém, é muito gratificante. É uma alegria que só existe na relação de troca com o aluno. É instantâneo. Por exemplo: quando eles se dão conta de como chegar ao resultado de um cálculo e você auxilia nesse processo, você o auxilia a chegar lá. Isso faz você se sentir importante. Quando você se afasta do contato com o aluno é que é o problema. É prazeroso ficar quatro horas diárias em contato e estabelecer vínculos.”

–“Todos os dias, retorno para casa com vontade de preparar aulas, motivada para retornar no outro dia. Essa situação não acontecia quando atuava na gestão. Quando você consegue perceber que conseguiu atingir o aluno, que houve aprendizagem e que ele está tendo progresso então, esse momento é glorioso. Se o professor não vir junto com o aluno ele não irá aprender. Agora estou muito bem, apesar das dores e da doença crônica.”

–Você está falando muito rápido, suando as mãos e sinto agressividade no tom de sua fala. Você é sempre assim?

–“Não. Estou também com um quadro clínico de Depressão e tomo ansiolíticos para dormir à noite, talvez por tudo que passei naquele lugar. Ninguém ensina você a lidar com a pressão e com as relações de poder. Eu era extremamente cobrada por algo que não conseguia dar conta. Não era pelo volume de trabalho, porque sempre tive prazer em trabalhar, mas sim, pelo entorno. O ambiente está doente e você acaba contaminado. Os profissionais não são valorizados na escola e o que se visualiza são gestores agindo como manipuladores; mas você está lá e quando percebe, está amarrada por todos os lados, e adoeceu, e a vida passou. E então você se pergunta: ‘- E você? O que ficou de você?’”

–Penso que ficou algo que trouxe você até aqui, não concorda?

–“Concordo. Gostaria de levar uma vida normal, não ter mais que sofrer demasiadamente como eu venho sofrendo. Mas, ao contrário, as doenças se acumulam, e depois que vem uma doença, logo surge outra e mais outra. Não tem mais fim. Agora, além do quadro clínico de Depressão, desenvolvi a Hipertensão. E ela se acentuou porque não tratei inicialmente, pois durante um período neguei os sintomas. Minha mãe tinha esse quadro e eu não queria repetir. Eu não compreendo por que fiz esse movimento de negar.”

-“Minha mãe era uma mulher linda, com muita energia e, de repente, passou a sofrer de Hipertensão. Talvez o fato de negar seja uma resistência à doença, ao envelhecimento ou talvez, ainda não gostaria de ter o mesmo funcionamento da minha mãe. Lembro que minha mãe passou a sofrer de Hipertensão já com uma idade avançada e depois vieram outras doenças até a sua morte. Mas tudo começou com a elevação da pressão arterial.”

-Percebo que sua voz está ofegante, rápida e agressiva quando fala. Está tudo bem com você? Quer continuar falando?

-“Claro que sim! O movimento desta embarcação, o luar e a música, fazem-me bem. As dores até passaram um pouco. Mas preciso falar do que me incomoda ou aprisiona. O fato é que a doença, ou as doenças, agora fazem parte da minha vida. A doença psíquica sempre vem antes e depois que o corpo todo se manifesta. Mas o entorno é que está doente e você acaba adoecendo, simultaneamente, porque não é possível separar os processos. Tudo está muito junto, muitas vezes, tornando as coisas indissociáveis.”

-“Em muitos momentos duvidei da minha sanidade mental e ainda hoje, em algumas situações as dúvidas voltam. Os valores se inverteram e parece que não me encaixo socialmente. Às vezes, não encontro espaço nesse território. É como se tudo estivesse perdido.”

-Mas é nesse território que as coisas se resolvem. Você pode visitar o fora, mas precisa retornar e enfrentar. Não é possível refugiar-se todo o tempo. Não é salutar.

-“Concordo com você, mas muitas vezes, é difícil conviver com valores invertidos. A loucura está em toda parte e em muitos momentos desconfio até mesmo da minha sanidade. É como se tudo estivesse perdido e tu estivesse no meio, sem saber direito para onde ir. Não encontro uma linha, uma diretriz a ser seguida. Não há mais certeza de nada.”

-Talvez seja o momento de repensar suas certezas. Elas existem de fato?

-“Minha família sempre foi muito regrada e com valores muito definidos. A educação, que tem origem na família, pode ser um problema, pois é o fator que vai determinar nossos comportamentos na fase adulta. Meu pai era extremamente exigente e cobrava demais. Hoje me cobro também, e não admito que alguém possa pensar diferente ou não se cobrar da mesma forma. Surgem as cobranças: eu deveria ter agido daquela maneira, eu deveria ter feito assim.”

-“Os pensamentos me enlouquecem, torturam-me. Cobro muito de mim mesma e tenho dificuldade em admitir que alguém tenha uma atitude diferente da minha. Mas chegou uma hora que o corpo me dominou e tive que cuidar de mim, né? O cuidar de mim exige sangue frio.”

-“Saúde, não existe. Essa é a minha opinião a respeito. Sempre existe uma dor ou algo que incomoda. Mas também sempre me considere forte e pensava: ‘se não doer, deixa assim’. Mas dói e pensei novamente: ‘então deixa doer’. Às vezes tem que deixar a vida ensinar mesmo. Deixa chorar, deixa doer. Quem disse que chorar faz mal? Chorar pode fazer bem. Eu só vou cuidar de mim quando doer. A dor é o limite. Se não doer é porque ainda estou suportando. Na minha vida só busquei uma alternativa quando doeu. Essa é a minha vida. A morte eu não sei se é ruim. Não parei para pensar.”

- Então, vamos dançar! Pegue a minha mão. Vamos rodar, como crianças.

-“Mas meus movimentos são limitados devido à dor.”

De repente, um dos tripulantes pega na mão da senhora e saem dançando pelo navio. Enquanto isso eu me dirijo para a cozinha a fim de verificar a situação da famosa moqueca preparada, com especiarias, pelo mestre dos mares. No corredor, cruzo com uma mulher alta, cabelos longos que observa, com sorriso meigo e olhar profundo, aos demais se divertirem. Está sozinha e desperta minha atenção:

- Olá, como vai? Não vai se juntar ao grupo?

-“Olá. Eu gosto de dançar, mas ainda não tive coragem de inserir-me. Sou um pouco tímida.” – respondeu a mulher. “Mas tudo está muito divertido.”

- O que a trouxe ao navio? Qual o seu desejo?

-“Inicialmente, sair daquele deserto e daquela areia que sufocava. Eu não desejava estar ali, mas, ao mesmo tempo, não conseguia me mover, buscar alternativas de saída. Era como se estivesse imobilizada, ou a preocupação com as crianças não me permitia abandoná-las. A culpa seria imensa se algo acontecesse e eu não estivesse para evitar.”

-Mas aceitou o convite. O que mudou?

-“Tudo se deve a uma cirurgia que realizei há cerca de um ano. Minha vida mudou muito depois desse fato. Sempre me considere insubstituível e, ao mesmo tempo, sempre resolvi tudo em casa, no trabalho, com o marido, com os filhos. Após a cirurgia aprendi a dizer ‘não’ e dedicar um pouco mais de tempo para a minha vida. No ano passado fiz uma cirurgia delicada de coluna, com dois meses de internação e com sérias privações. Não faço associação entre o quadro clínico e o trabalho. Também não encontro explicações para a gravidade. Inicialmente vinculei às crianças pequenas que segurava durante horas na escola. Mas logo o médico descartou a hipótese.”

-“Sou proprietária de uma escola infantil há muitos anos. Mas tenho pensado em mudar a área de atuação. Por muito tempo estou trabalhando com educação infantil. É um eterno aprendizado, é muito gratificante. Amo o que faço, e faço tudo por amor, por respeito

Ele não pode “não ser”
Precisa ser
Precisa cativar
Mostrar que possui
Ele tem que
pegar o seu lugar
Ele não pode “não ser”
Precisa ser
Precisa se fazer presente
derrubá-lo
é formado que forma
deserto
corpos paralisados
não são afetados
não possuem mais a vontade
sua

Encontros
se reformam como o mundo
Ser professor
Viver
não afetam
encontrar o seu caminho
importância do seu papel
destino
A vida é um acontecimento
existência
doação
permanecer no mundo e estar em
cuidar de si
permanecer no mundo e estar em
cuidar de si

10. O NILLISMO E O CONTEMPORÂNEO: Mar de dor e/ou alegria?

De acordo com Nietzsche (apud DELEUZE, 2001, p. 55), o espírito de vingança é a força que constitui o elemento genealógico da moral e o princípio transcendental de nossa maneira de pensar herdados da modernidade, período histórico, marcado pela construção de verdades e padrões de normalidade, que controlam e asfixiam o homem, provocando o seu adoecimento. “O homem moderno é um animal cuja política está em questão a sua vida de ser” (FOUCAULT, 1988, p. 134).

Esses valores mantêm-se até hoje, afirmando o ressentimento e o niilismo como um sintoma da decadência e como uma marca na contemporaneidade. A vida foi transformada em culpa e a vontade em algo de mau, sustentada por uma contradição, acerca da necessidade de contê-la, limitá-la, negá-la, suprimi-la, cuja transformação em algo bom teria um alto preço.

A alternativa de transformação seria entrar no fenômeno do niilismo e expressar-se de dentro dele. Isso implica uma nova maneira de pensar, uma subversão ao que está dado, uma correção do próprio princípio genealógico, uma transmutação do sofrimento em potência de vida. “O deserto cresce: ai daquele que encobre desertos” (NIETZSCHE, 2002, p. 101).

A imagem do crescimento demonstra que, de alguma forma, o homem contemporâneo encontra-se sufocado pelo abismo. Há uma sensação de falta, de ausência de objetivos para viver, uma postura passiva frente a tudo. Encontram dores, defesas, fugas, para o vazio que cresce, criando uma sensação de cansaço, apatia e estranhamento diante de um mundo instável que não oferece segurança alguma em relação a nada: relacionamentos, profissões, conhecimentos, certezas, são situações momentâneas.

O que hoje é "bom para você", não importa o que seja, pode amanhã ser reclassificado como veneno. Compromissos aparentemente sólidos e acordos solenemente firmados podem ser rompidos da noite para o dia. As promessas, ou a maioria delas, parecem ser feitas apenas para ser quebradas ou negadas, contando com a curta memória do público. Parece que não existe, entre as ondas, uma ilha segura e estável (BALLMANN, p.176, 2007).

Na mesma perspectiva, os valores não possuem uma existência em si, mas surgem para dar uma orientação ao homem, que percebe sua existência sem sentido. Os valores ficam num segundo plano, e estes passam a ser pensados como ideais, colocados fora da existência, em um outro plano, muito melhor que o já conhecido. Se vida é devir, passagem e fim, os valores supremos apresentam-se fixos, imutáveis, eternos, o que transmite uma segurança ao homem, criando uma expectativa futura de um paraíso na terra.

A crítica de Nietzsche aos valores consiste na certeza de que, apesar de necessários para a manutenção da vida, eles nascem do ressentimento, pois afirmam que existe uma vida melhor em outro lugar, logo ela não deveria ser como é, traduzindo o desejo de viver num mundo eterno e perfeito. O homem se ressentido ao ter que viver a vida que leva, mas que não escolheu e que se traduz em vontade de nada.

Por outro lado, pode acontecer da mesma vontade enfraquecer-se no seu ímpeto criador, desvalorizando os valores instituídos que não conseguem mais responder a novas demandas. O niilismo, portanto, surge com a queda dos valores, um momento de caos e construção de novos valores. A percepção desta crise possibilita a transvaloração dos valores, isto é, a compreensão de que a vida é o fundamento infundado dos valores. Quando isto ocorre, há o esclarecimento de que os valores são criações da cultura para manutenção da vida. O homem, portanto, precisa retornar à vida e criar novos valores.

A superação do niilismo deve emergir de dentro do próprio niilismo. Aquele que se deixa tomar pelo nada é movido pelo pessimismo e pela fraqueza. Enquanto que aquele que retira sua força do próprio niilismo, por um movimento de coragem, encontra um sentido a partir da própria vida.

Em “Assim falou Zaratustra”, Nietzsche (2002) dá conta do processo de superação do niilismo de dentro do próprio niilismo, pela narração do momento em que o pastor, o próprio Zaratustra, é tomado pela compreensão do niilismo passivo – uma cobra negra enche sua boca e o sufoca até não poder mais, e ele se sente paralisado por não encontrar mais sentido para o fazer:

E, na verdade, o que vi – nunca vi coisa semelhante[...] Vi um jovem pastor contorcer-se, sufocado, convulso, com o rosto transtornado, pois uma negra e pesada cobra pendia da sua boca.[...]Então, de dentro de mim, alguma coisa gritou: “Morde! Morde! Morde!
Decepa-lhe a cabeça! Morde! Morde!” – assim gritou alguma coisa dentro de mim, assim meu horror, o meu ódio, o meu asco, a minha compaixão, todo o meu bem e o meu mal gritaram de dentro de mim, num único grito. [...] O pastor, porém, mordeu, como o grito lhe aconselhava; mordeu com rija dentada! Cuspiu bem longe a cabeça da cobra; e levantou-se de um pulo. Não mais pastor, não mais homem – um ser transformado, translumbrado, que ria! Nunca até aqui, na terra, riu alguém como ele ria! (NIETZSCHE, 2000, p.99-100).

Só pode dizer o *sim* trágico aquele que foi mais fundo no pessimismo, no lado mais trágico da vida, e dali arranca a força para um viver. É preciso passar pela experiência do niilismo passivo, mas é preciso ouvir aquilo que grita dentro de si para morder, decepar e cuspir fora. A vontade de nada deve ser enfrentada com uma atitude afirmativa, sem desânimo, sem queixa. Como um processo natural. Só é possível livrar-se da dor vivendo-a.

O homem contemporâneo foge do enfrentamento com o sofrimento, refugia-se nas drogas lícitas e ilícitas, na busca de uma amenização breve. Nunca, em toda história da humanidade, comercializou-se tantos psicofármacos. Nunca se consumiu tantos ansiolíticos, antidepressivos e todos os “anti” sofrimentos psíquicos, fabricados em laboratórios farmacêuticos e que amenizam parcialmente a dor.

A vida pode ter uma conotação de sofrimento quando se torna um vir-a-ser atrás do qual não há sentido. Este esvaziamento de sentido explica a desorientação, a ansiedade e a falta de sentido que o homem sente nos momentos de crise dos valores. É nesses momentos que o homem percebe que a criação dos valores não passa de uma vontade de nada, perde sua força e passa a nada querer. Mas de onde tirar forças na busca de um sentido para a vida?

A vontade de potência negativa, quando substituída por objetivos superiores à vida e quando consolidada na ideia de redenção, pode ser definida como o niilismo negativo, onde ocorre a negação do presente em nome de uma vida eterna após a morte, como forma de compensação ou merecimento pelo sofrimento nesta existência. Por outro lado, o niilismo reativo, vai para o outro extremo, pois desvaloriza a vida não em relação ao futuro, à eternidade e à redenção, mas em uma crença na ciência.

O niilismo ativo ou trágico vivencia as condições tanto como negação dos valores terrenos, quanto dos valores celestiais, como um ato afirmativo da vida enquanto potência máxima ao atingir o eterno retorno. Trata-se de uma questão de referencial, em que a vontade de potência pode ser afirmativa ou negativa, de acordo com os encontros ou as relações estabelecidas na e pela vida. Um mesmo fato pode desencadear tanto a alegria quanto a tristeza. A vida pode ser considerada em seu valor máximo, como também pode não ter valor nenhum. A questão trágica pode gerar duas atitudes frente à existência: a tristeza, do niilismo negativo, reativo e passivo; ou a alegria, do niilismo afirmativo e ativo.

A alegria pode também ser entendida como uma questão de escolha frente ao trágico que se coloca. Tristeza. Alegria. Vida. Morte. Meio dia. Meia noite. Movimento cíclico de um viver. Nietzsche defende a arte trágica ou romance, como esfera explicativa da realidade:

Que diz a profunda meia-noite? “Tenho dormido, tenho dormido! De um profundo sono despertei: O mundo é profundo, mais profundo do que o dia, pensava. Profunda é a sua dor e a alegria mais profunda que o sofrimento! A dor diz: Passa! Mas toda a alegria quer eternidade, quer profunda eternidade!” (NIETZSCHE, 2002, p.106).

Os personagens da embarcação, em sua atitude trágica, manifestada no ato de decepar a cabeça da serpente negra, superaram o monstro instalado na garganta. Essa atitude trágica

transformou os tripulantes niilistas passivos, desesperados e tristes, em niilistas ativos, que seriam tomados de uma alegria trágica e que passam a rir e a contemplar a vida.

O estilo de Zaratustra manifesta-se pelo deslocamento de uma linguagem conceitual a uma linguagem poética, e pelo deslocamento de uma linguagem sistemática a uma linguagem argumentativa. Nasce uma teoria que caracteriza a filosofia em quase toda sua totalidade, a uma linguagem construída de forma narrativa e dramática (MACHADO, 1997, p. 20-21).

Assim tentou-se escrever uma vida docente a partir de fragmentos extraídos de uma colcha de fuxicos, costurada com encontros e desencontros dos professores com a ficção de suas existências. Ao se escrever uma espécie de caricatura de Zaratustra, os personagens da embarcação, cujos corpos são marcados pela vontade de potência negativa, não alcançam a morte, nem a redenção futura, mas a alegria no presente. Viver o presente! Eis o desafio de uma vida bem vivida. Viver intensamente os momentos de prazer e viver profundamente os momentos de mal-estar e de adoecimento pela aceitação e não pela negação de si, manifestada pelas queixas ou fugas. Eis o segredo de uma grande saúde, segundo Nietzsche.

A retirada à força de um deserto que aumenta gradativamente, tornando-os estáticos, inertes, pode ser interpretada como o niilismo, enquanto que o marujo que os retira deste deserto e os leva para a embarcação, pode ser um sopro de vida neste deserto.

Saber desistir. Abandonar ou não abandonar? — esta é, muitas vezes, a questão para um jogador. A arte de abandonar não é ensinada a ninguém. E está longe de ser rara a situação angustiada em que devo decidir se há algum sentido em prosseguir jogando. Serei capaz de abandonar nobremente? Ou sou daqueles que prosseguem teimosamente esperando que aconteça alguma coisa? como, digamos, o próprio fim do mundo? Ou seja lá o que for, como a minha morte súbita, hipótese que tornaria supérflua a minha desistência? (LISPECTOR, 1978, p. 5-6).

Abandonar o deserto que cresce, aceitar o desafio de uma embarcação à toa e sem destino. Numa outra situação esse aceite poderia também ser considerado uma fuga, porém, neste caso trata-se de um SIM à vida. A tentativa de fazer um movimento diferente. De romper com a acomodação cotidiana. Enquanto isso, a personagem central, encontra-se alegre e tranquila numa aldeia de pescadores cercada pela natureza. Seu encontro com os tripulantes não é por acaso, mas necessário, porque a vida também não é só preenchida pelo prazer. Conforme Machado (1997), o personagem deve ser apresentado não como feito e imutável, mas como um ser que evolui, que é transformado.

Os tripulantes do barco, inicialmente abatidos pelo pessimismo da fraqueza, retiram a força de dentro do próprio niilismo. Heróis que, durante um percurso de sofrimento e fuga pelo deserto, riscam um novo desenho por mares nunca antes navegados. O cuidado de si

começa pelo enfrentamento do niilismo e seu destino trágico, sem oposição de valores pela afirmação de um viver e seu eterno retorno.

Talvez seja possível encontrar a saúde na doença e talvez em toda doença haja um pouco de saúde. Talvez saúde e doença sejam nomenclaturas fornecidas aos conceitos com objetivos de demarcar territórios de controle dos corpos. Conforme Foucault (1989) foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. Talvez os conceitos de saúde e doença se complementem e talvez se equilibrem. Talvez possam ser sinônimos.

Essas e outras indagações sobre saúde e doença sempre ocuparam o universo do filósofo Nietzsche (2003), que entende nosso corpo nada mais do que como um “edifício coletivo de várias almas”. E alma aqui designa o conjunto das forças que compõe o corpo, em constante disputa e tensão.

Enfim, permaneceria aberta a grande questão de saber se podemos prescindir da doença, até para o desenvolvimento de nossa virtude, e se a nossa avidez de conhecimento e autoconhecimento não necessitaria tanto da alma doente quanto da sadia; em suma, se “a exclusiva vontade de saúde não seria um preconceito, uma covardia e talvez um quê de refinado barbarismo e retrocesso” (Nietzsche, 2002, p.120).

O percurso da moralização surge de uma vontade que nega a vida, tendo como principal repercussão a doença, a vontade de nada. Doença como uma conotação de apatia, cansaço, desânimo. Por outro lado, saúde é o que dá sentido, coloca a vida no centro de tudo. Nietzsche propõe exatamente o contrário do processo de adoecimento, a possibilidade de uma grande saúde, através de um movimento diferente, de uma transvaloração de todos os valores.

Talvez seja possível pensarmos a transformação do mal-estar docente pela proposta da grande saúde que Nietzsche promoveu. A doença, muitas vezes, sensibiliza o olhar, provoca um maior contato com o próprio corpo e um maior cuidado consigo.

É em Zaratustra que reaparece a problemática relação entre saúde e doença. A saúde, passados sete dias de "conhecimento" e "criação", é dar as costas à caverna para reencontrar o mundo:

[...] Sai desta caverna; o mundo está à tua espera como um jardim. Brinca o vento com intensos perfumes, que te procuram; e todos os córregos gostariam de seguir os teus passos. Por ti, que ficaste sozinho sete dias, anseiam todas as coisas. - Sai desta caverna! Todas as coisas querem ser teus médicos! (NIETZSCHE, 2000, p.259).

Os domínios morais e capitais tentam dominar o desejo de criação e silenciar os corpos. Nietzsche (1998) coloca que “há uma atividade maquinal reguladora, de ordem

psicológica moral, dos modos de vida, que visa calar o fisiológico. Um silenciamento de renúncia de si” (NIETZSCHE, 1998, p. 120-128).

Como acrescenta Foucault (1989), o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Amar aquilo que busca sem nunca encontrar. Amar o paraíso. Um amor enquanto falta e que responderá a todas as perguntas sem respostas nesta existência. A doença, que alimenta a sociedade se alimenta desse amor impossível.

Em “Genealogia da moral”, Nietzsche dedica-se a estudar a supervalorização da moral e a negação da vida como pilares do processo de adoecimento. Ao questionar o valor da moral, busca encontrar a fonte do conceito da doença que atinge o homem e que tem como sintomas a dor, a culpa e a resignação. Com o procedimento genealógico, pretende conhecer as condições em que os valores morais surgiram, como se desenvolveram e se constituíram como ferramenta de dominação que pode engendrar, influenciar coletivos e ocupar o lugar de verdade inquestionável.

Na origem da moral, encontra-se a moral dos senhores, que vai dizer sim ao mundo e a moral dos escravos, onde esta última precisa criar outro mundo e que se mantém pela manutenção de três conceitos: ressentimento, má consciência e ideal ascético. As duas situações constituem posicionamentos frente à vida e à dor e trata-se de uma questão de escolha de rota.

O ressentimento origina-se pelo desejo em anular a dor, que pode inicialmente dar-se pela exteriorização dos afetos num movimento brusco, para fora, pela ação, onde elimina a dor e libera a consciência. Por outro lado, o afeto pode ser interiorizado, dando espaço a um sentimento de culpa. Não ocorre o esquecimento, mas sim, uma ação compensatória, que produz alívio, porém, não elimina o sofrimento. Ao homem ressentido resta a vingança imaginária como forma de reparação pela dor que sente. Na tentativa de anestesiá-la, intensifica o martírio psíquico ou má consciência, que se nutre do ressentimento.

O sacerdote ascético encontra sentido numa vida doente, onde ele torna-se o salvador deste rebanho doente. Os remédios indicados pelo sacerdote ascético aos doentes agravam a doença, mantendo as feridas expostas. “O rebanho doente torna-se dependente dessa medicação nociva pelo agravamento dos sintomas” (NIETZSCHE, 1998, p. 20-21).

O ideal ascético comprometeu a saúde da alma e passou a ocupar o espaço vazio do homem que sentia um profundo vazio, algo inexplicável que faltava, e que não conseguia explicar, sofria do problema do seu sentido, segundo Nietzsche (1998).

O ideal ascético surge então como uma tentativa de responder qual o sentido do homem? Qual o sentido da vida? Tentativa de salvar o homem da falta absoluta de sentido, fechando as portas para todo niilismo suicida (ibid.).

Ainda que fosse sob a forma bizarra de um ideal que se opõe às formas expansivas da vida, ao propor o nada como finalidade, salva o homem da falta de significado e possibilita o contrário daquilo que propõe, isto é, possibilita um ideal contrário ao vigente. “O homem preferirá ainda querer o nada a nada querer” (NIETZSCHE, 1998, p. 28). O homem passa a ter o nada como significante e possibilita um ideal contrário ao existente. Pela superação de uma grande doença alcança a grande saúde.

A proposta de Nietzsche é um processo inverso: criar novos valores que superem os vigentes, e potencializar todas as características humanas que foram negadas. Pelo movimento de liberação das amarras, das imposições, das culpas, do niilismo e por uma saúde focada no cuidado de si. “Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle” (DELEUZE, 1992, p.216).

O verbo ter, repetido como “tenho que” foi uma constante na fala docente. Foram pinçados como fragmentos que não deixavam de destacar-se em meio ao tear da colcha de fuxicos. Levar uma vida conduzida pela obrigação e não pela autonomia, pela aceitação e pelo cuidado de si, torna-se uma prisão, que desencadeia em impotência e, conseqüentemente em adoecimento.

Durante muito tempo, os instintos do homem foram considerados como pecados e ruins, enquanto que os ideais existentes, contrários à vida, expandiram-se. Onfray (1995) afirma: “certos desejos inocentes são possantemente contrariados, depois associados a camisas-de-força morais tais como a culpa, o proibido, o medo” (ONFRAY, 1995, p. 149).

Nietzsche introduz o conceito de super-homem, como uma afirmação da vida e de uma cultura saudável, que cria uma saúde partindo da aceitação das benevolências e precariedades do homem. Como acrescenta o músico Caetano Veloso: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”. O super-homem supera a si mesmo. Não um seguidor de rebanhos, mas um criador de valores que afirma a vida.

Com a metáfora da grande saúde, Nietzsche (2003) cria os pilares base para a transvaloração de todos os valores e para o surgimento de um novo homem. O filósofo defende a ideia de um movimento contrário, inicialmente, a um tipo de homem superior, o “indivíduo soberano” que, por meio da passagem do “tu deves” para o “tu podes”, supera a moral.

O espírito sólido sobrecarrega-se de todas estas coisas pesadíssimas; e à semelhança do camelo que corre carregado pelo deserto, assim ele corre pelo seu deserto. No deserto mais solitário, porém, se efetua a segunda transformação: o espírito torna-se leão; quer conquistar a liberdade e ser senhor no seu próprio deserto. Procura então o seu último senhor, quer ser seu inimigo e de seus dias; quer lutar pela vitória com o grande dragão. Qual é o grande dragão a que o espírito já não quer chamar Deus, nem senhor? “Tu deves”, assim se chama o grande dragão; mas o espírito do leão diz: “Eu quero” (NIETZSCHE, 2003, p. 14-15).

O homem deve enfrentar as adversidades e os momentos de sofrimento como algo vital, e ultrapassar todo desânimo, angústia ou apatia na busca pela afirmação de um viver. A fraqueza, a apatia para alcançar a grande saúde, com uma afirmação da vida. Mas não basta aceitar a repetição circular de tudo o que existe, é preciso desejá-la e querê-la afirmativamente.

A capacidade de enfrentar com ânimo os sofrimentos é condição para atingir a grande saúde. “uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar...” (NIETZSCHE, 2001, p.286).

O retorno à tragédia é o que promoverá a grande saúde do homem. O trágico contém em si uma função terapêutica, de restauração. Na tragédia, a dor não é um impeditivo, mas é a própria vida que origina mais vida, afirmando assim seus impulsos vitais e adquirindo a autonomia de um viver. Uma saúde que vai afirmar a vida concomitantemente à dor e à morte.

Nós, os novos, os sem-nome, os difíceis de entender, nós, os nascidos cedo de um futuro ainda indemonstrado, nós precisamos, para um novo fim, também de um novo meio, ou seja, de uma nova saúde, de uma saúde mais forte, mais engenhosa, mais tenaz, mais temerária, mais alegre do que todas as saúdes que houve até agora. Aquele cuja alma tem sede de viver o âmbito inteiro dos valores e anseios que prevaleceram até agora e de circunavegar todas as costas desse “mar mediterrâneo” ideal” (NIETZSCHE, 2001, p.382).

Afirmar a vida é também afirmar um mundo que envolve conquistas e adversidades. Implica a aceitação da morte, da dor, do sofrimento como pulsões vitais da própria vida. É preciso permitir-se, ousar recriar-se, encarar a vida com todas as suas nuances: do cinza ao vermelho, do preto ao amarelo. Como os personagens do conto, tripulantes que se movimentaram de um niilismo a partir do encontro com o trágico. Tiveram a coragem de viver a dor e hoje vivenciam a alegria de saltar em qualquer porto, viver novos encontros e voltar a navegar a qualquer momento para viver outras dores, outros prazeres. “A grande saúde não somente se tem, mas se conquista sempre, pois só a temos se nos permitimos abrir mão dela sempre outra vez” (NIETZSCHE, 2001, p. 286).

Deste movimento cíclico, de um vir a ser e de recriação, surge o que Nietzsche (2003; 2008) chamou de eterno retorno da constituição de si. A plenitude da vida consiste em encará-la como um constante movimento entre o trágico e o riso, pela contemplação de si mesmo em sua potência criadora, mas também o movimento contrário, a potência para a destruição da criação. Como acrescenta Tadeu; Corazza (2012): “Não se trata de rir da desgraça, mas de extrair a graça e o regozijo mesmo nas aprendizagens mais dolorosas, na passagem por territórios estéreis, no corpo-a-corpo com o abismo e a intensa precipitação de paisagens que o pensamento dispõe” (CORAZZA, 2012, p. 119).

Neste sentido, o corpo deve ser preparado para viver a plenitude e o trágico. A forma como o corpo percebe/experimenta/vivencia o mundo se materializa na forma como funcionamos com/no entorno. “É pela vontade de poder que o homem se recria constantemente e se afirma enquanto um corpo sensível e de criação”, como argumenta Deleuze (1981, p. 164 apud PÁLPELBART, p. 31, 2011).

O que é um corpo, ou um indivíduo, ou um ser vivo, senão uma composição de velocidades e lentidões sobre um plano de imanência? Ora, a cada corpo assim definido corresponde um poder de afetar e ser afetado, de modo que podemos definir um indivíduo, seja ele animal ou homem, pelos afetos de que ele é capaz. Deleuze insiste no seguinte: ninguém sabe de antemão de que afetos é capaz, não sabemos ainda o que pode um corpo ou uma alma, é uma questão de experimentação, mas também de prudência.

O movimento de criação de si, quando movido pela vontade de potência, pela coragem direciona para lugares desconhecidos, para um constante vir a ser. O sofrimento deixa de ser um empecilho e passa a ocupar um lugar de estímulo. Para Nietzsche, “os tipos doentios não são, necessariamente, aqueles que vivenciam uma enfermidade, mas os que adotam uma estreita perspectiva, os que se atém a um único ponto de vista” (MOREIRA, 2006, p. 45). Então, mesmo a doença, como mobilização do corpo, pode dar oportunidade para experimentações de muitos e opostos modos de pensar. (Ibid, p. 48).

Segundo Nietzsche "ser saudável não é somente não adoecer, mas conseguir fazer oposição à enfermidade" (Ibid, p. 73). No entanto, a resistência ao sofrimento e à dor, ao contrário de fortalecer, enfraquece o homem que se torna cada vez mais suscetível ao adoecimento. Durante o seu processo de enfermidade, Nietzsche percebeu que a liberação do sofrimento faz com que o homem entre em contato com seu instinto animal, tornando-o mais fortalecido. O processo de recriação consiste no movimento de experimentação da dor. É preciso ter a audácia para enfrentar o desafio de entrar em contato com nossas dores, pois é por um ato de enfrentamento e coragem que se chega à grande saúde.

A linguagem e o adoecimento estão intrinsecamente vinculados, pois a linguagem funciona como agenciamento coletivo, produz subjetividades e controla os modos de vida. A saúde, em Nietzsche aparece como o "fora" da linguagem. Como acrescenta Deleuze (2011, p.9): “o limite não está fora da linguagem, ele é o seu fora: é feito de visões e audições não languageiras, mas que só a linguagem torna possíveis”. Conforme menciona Deleuze (2011, p.9): “o escritor inventa na língua uma nova língua, uma língua estrangeira.”

Deleuze fala de:

Perfurar buracos na linguagem para ver e ouvir o que está escondido atrás. De cada escritor é preciso dizer: é um vidente, um ouvitor, “mal visto mal dito”. O escritor é um artista em delírio que inventa e reinventa histórias, cria territórios. “São acontecimentos na fronteira da linguagem” (Ibid.).

Ao passar o delírio, já não existem mais palavras, visões ou escutas, mas uma história que já perdeu seu encanto. Barthes (2005, p.61) afirma que “o enigma da escritura, sua vida tenaz, seu caráter desejável, vem do fato de que nunca podemos separá-la do mundo”. “A literatura é uma saúde” (Deleuze, 2011, p. 9).

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto — e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras — quais? talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo (LISPECTOR, C., 1978, p. 6).

“Para aquele que escreve, que escolheu escrever, isto é, que experimentou o gozo, a felicidade de escrever, não pode haver vida nova que não seja a descoberta de uma nova prática de escrita”(BARTHES, 2005, p.9).

Como escrever? De acordo com Barthes⁵⁰:

No tempo de Proust, havia as costureiras em domicílio que iam de casa em casa, colhiam e davam informações. Sê uma costureira em domicílio, ou uma tecelã de fuxicos. Entregar-se ao outro, de forma que ambos se misturem. Sem interpretação. Sem explicação. Somente com a entrega a uma língua estrangeira, que por ora encanta, por ora assusta.

Barthes⁵¹ acrescenta que passar do fragmento ao não fragmento, isto é, mudar minha relação com a escritura, ou seja, com a enunciação, e ainda com o sujeito que sou: sujeito fragmentado ou sujeito efusivo. Escrever um conto é reunir nossas multiplicidades de ser,

⁵⁰ Barthes, 2005, p. 46.

⁵¹ Ibid., p. 38.

composta por inúmeras vivências com outras múltiplas vidas, que contam suas ficções. Fragmentos de um sensível dessas vidas. É deixar-se atravessar pelo outro. “A literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer EU (o neutro de Blanchot)” (DELEUZE, 2001, p.13).

Nesta relação entre escrita e linguagem, surge o escritor, que no difícil exercício de um não saber, do sensível e de uma abertura às perspectivas que vão surgindo ao longo da escritura, organiza-se numa escrita desviante. “Escrever é tornar-se outra coisa que não escritor” (DELEUZE, 2001. p. 17).

De acordo com Barthes (2005), a escrita é um arranjo de vozes, onde o escritor:

Não possui mais em si paixões, humores, sentimentos, impressões, mas esse imenso dicionário de onde retira uma escritura que não pode ter parada: a vida nunca faz outra coisa senão imitar o livro, e esse mesmo livro não é mais que um tecido de signos, imitação perdida, infinitamente recuada. (BARTHES, 2005, p. 69).

“A escrita, para o escritor e para o leitor, serve para perder-se, para encontrar-se e perder-se novamente, pois é processo inacabado, é acontecimento, no aqui e agora. A saúde enquanto escrita, consiste em inventar um povo que falta” (DELEUZE, 2001, p.14). Uma saúde que se abra à produção da diferença. Que reafirme a vida, o lúdico, a criancice. Uma saúde que aceite a dor, o sofrimento como possibilidade de crescimento. Uma saúde contemporânea que se desdobre em desejo de vida. Em potência criadora. Que aconteça no “entre”, sem início, sem fim.

Encontrar-se, perder-se, reencontrar-se, desapegar-se, pelo funcionamento de uma máquina de existência, baseada no movimento circular, constante e concomitante do ritornelo. Pelo posicionamento frente ao caos, pela procura por novos territórios, pelo movimento de fuga, de passagem, de improvisos, que permite o fluxo e a variação.

O movimento circular agenciado pelo ritornelo, que pode desencadear em deterritorialização, mas que implica em perigo, pelas linhas de fuga tornarem-se linhas de morte, pelas linhas de criação, serem anuladas. A escrita, enquanto movida por uma ética da experimentação, pode ter uma conotação de subversão, de um movimento que insiste em forçar limites pela criação de linhas de desterritorialização.

A existência passa a funcionar num movimento circular, que ora está implicada mais em prática, ora mais implicada em outra. Mas o fato de se estar ora num, não significa que não esteja sendo operados os outros dois aspectos – é quando falamos nos três movimentos cruciais para a filosofia de Deleuze e Guattari – Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização. Sempre se habita um território a partir destes três movimentos. Assim

vivemos a alegria, a tristeza, a dor, o prazer. Fluxo. Corte. Continuum. Num movimento circular da existência.

Assim, não é possível uma compreensão da plenitude da vida sem um entendimento deste movimento circular complexo. De uma tragédia surge o prazer de um viver pela aceitação de si, por olhar para si como potência de criação, mas também, como potência de destruição desta criação, fundamental para a recriação.

Deste movimento cíclico que vai de uma criação à outra, sobrepondo-se às destruições do percurso, surge o que Nietzsche (2003; 2008) chamou de eterno retorno da constituição de si. “Só assim, no encontro com aquilo que há de mais leve e pesado, é que a afirmação da vida propriamente dita se dá, tecendo a fatalidade que envolve a estética nietzschiana do eterno retorno. Ao invés de um capricho artístico, a estética passa a ser a própria experimentação da vida enquanto arte, quando a vida torna-se, enfim, uma obra de arte.”⁵².

Partindo do conceito de eterno retorno, Nietzsche não concebe a grande saúde como uma propriedade que se adquire e se mantém. “A grande saúde não somente se tem, mas se conquista sempre, pois só a temos se nos permitimos abrir mão dela sempre outra vez” (NIETZSCHE, 2001, p. 286).

A grande saúde em Nietzsche, afirma a dor e a morte como pulsões vitais da própria vida. Inscreve-se aí, nesta vida em plenitude, a dimensão trágica do viver. Segundo Nietzsche (2003), esta dimensão é aquela que contém em si os movimentos de afirmação da vida, mas também a inevitável presença da dor, do sofrimento e da morte.

Pensar a saúde docente implica na possibilidade de atenuar amais clara e luminosa, dos movimentos de criação e experimentação da vida. Para tanto ela implica que o docente consiga olhar para além do que comumente consegue ver sob o foco do olhar entorpecido. É preciso desejar e ter coragem para ousar experimentar outros modos de viver, gozar, sentir, sofrer. Pois mesmo a doença, como mobilização do corpo, pode dar oportunidade para experimentações de muitos e opostos modos de pensar (MOREIRA, 2006, p. 48).

Não é pelo movimento da queixa, sem atitude, nem mesmo, pelo movimento de fuga ou negação do sofrimento, mas pelo enfretamento e transformação da dor em prazer. Pois é a dor que pode forçar o pensamento a pensar o impensável, a produzir diferença, a criar sentidos para o mal-estar.

⁵² COSTA, L. B. da. O ritornelo em Deleuze-Guattari e as três éticas possíveis. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/005e2.pdf>>.

O sofrimento provoca incômodo, desassossego, inquietude. É um convite para experimentarmos outras possibilidades de resignificação de um viver. A dor dá-se pela angústia diante de um convite à ação, à resignificação. O docente pode aceitar o papel que recebeu daquele que possui a missão de cuidar, ensinar, mediar, educar, dentre outras demandas, ou ainda, pode escolher a vida que quer levar sem deixar de educar e longe das culpas, das verdades impostas, dos ressentimentos, do “tem que” tornando o viver uma obrigação. Trata-se de uma questão de escolha frente aos encontros e desencontros na trajetória de sua existência. “O sofrimento como uma experiência de passagem: uma passagem entre ‘estar alheio de si’ em direção a ‘tomar posse de si’ pela invenção de um cuidado de si” (MACHADO, 2010, p. 17).

Nietzsche (2006, p. 18) afirma que é preciso ter a sensibilidade e a leveza dos artistas para se permitir novos modos de experimentação, enfrentar o desafio para aguentar o deslocamento do olhar que enfrenta todos os controles instituídos, todas as amarras que cristalizam. “A arte é o grande estimulante da vida.”

A escrita como uma fonte de grande saúde docente e como máquina de desejo que impulsiona à transformação. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido (DELEUZE, 1997, p.11).

Durante este percurso investigativo procurou-se compreender a máquina saúde pelo movimento da diferença e pela tentativa de escrita de uma vida docente pela montagem de um mosaico de fragmentos de fuxicos. Em cada lance, uma descoberta. Em cada parada, um novo questionamento. Assim, pedras foram sendo deixadas pelo trajeto, não como guia a novos pesquisadores, mas como possibilidade de trocas. As pedras pertencem ao mundo e devem ser colhidas na medida em que digam algo. Não servem como caminho para uma certeza, mas como um fragmento na construção de suas próprias perguntas, na rota de construção de um entendimento de como e por que o mal-estar docente tornou-se o que é na contemporaneidade.

Que este movimento de escrita mobilize os docentes que, movidos pela inquietude, por um desejo de criação, possam potencializar os encontros e desencontros com a vida em uma efetiva ação transformadora da educação. Uma profissão docente não mais como vocação, mas como uma escolha movida por desejo. Saúde e escrita agenciadas na criação de uma Educação como uma rede rizomática, que remeta aos mais incríveis devires, que não resista à

tragédia ou ao lúdico, mas que com eles resignifique sua trajetória pela criação de uma nova escrita da Educação e por efeito de todos os seus envolvidos.

11. TERRA Á VISTA! Ainda algumas palavras antes do desembarque

Quando é que acaba a trajetória de uma escrita? Nesse caso, nunca. Os roteiros e os desdobramentos são intermináveis. Para tal propõe-se uma pesquisa aberta à inúmeras possibilidades de entradas e saídas a qualquer momento. Por isso, o que se ensina é uma filosofia do abandono e do desapego; a qual, não se prende à nada, nem sequer ao seu próprio desprendimento” (NIETZSCHE, 1992, p.46).

E assim, nesse processo de desprendimento, faz-se uma retomada da navegação até este porto. Pesquisa que partiu de um desejo em falar de certo desconforto, também denominado mal-estar docente, que sentia nas palavras e postura dos professores em que poderiam desencadear queixas. Na ocasião, recorri a alguns filósofos que criticavam esses conceitos, inclusive Spinoza que escrevia sobre bons e maus encontros.

Migrei para os conceitos de saúde e doença, por considerar que havia uma distinção entre ambos, a qual precisava me apropriar. Após inúmeras leituras, passei a falar de saúde, pela associação do conceito à vida, e conseqüentemente o conceito de doença próximo de morte. Até então eram conceitos antagônicos e logo não poderiam funcionar maquinicamente ao mesmo tempo, a possibilidade de um não abria espaço para o outro. A cada mudança de rota neste território investigativo, o título da pesquisa também se alterava.

A compreensão que se tinha, até então, era de que se poderia estar num estado doente ou num estado saudável. Ou seja, se eu estou com uma virose, por exemplo, mesmo estando numa praia de frente para o mar, com todas as pessoas que eu amo, em paz, ainda assim, estaria doente. Porque teria dor, poderia estar sendo medicada, e tudo mais que envolve um corpo doente.

No dia seguinte, os sintomas teriam desaparecido deste corpo e então, estaria saudável. Para os sofrimentos psíquicos, o mesmo entendimento. Se me sinto depressiva, por exemplo, estou doente, embora não seja doente. Mesmo tratando-se de uma depressão pontual.

Assim, mesmo sem perceber, já picada pela esquizoanálise, apaixonada pela ideia de sair do lugar de saber/poder do psicólogo que dá o diagnóstico e, junto ao paciente, encontra a verdade, a cura, deparei-me inicialmente impregnada de um olhar julgador. Principalmente no momento em que se realiza uma distinção entre os dois conceitos: saúde e doença, e demarca-se uma linha divisória neste território.

Talvez, naquele momento, essa sensibilidade já poderia estar mais aguçada frente a todas as leituras realizadas e, principalmente, depois de ter lido Spinoza argumentando sobre o mau e o bom encontro. Ou ainda com Nietzsche falando sobre a importância da alegria e da tristeza na construção do homem, ou melhor, de um bem-estar que aprendemos a chamar de saúde como conceito oposto a um mal-estar, dentre outros intercessores. Após muitos mares

navegados, a minha máquina de guerra funcionou e os conceitos foram surgindo, sendo criados, questionados, resignificados e compreendidos.

O tear de fuxicos fictícios proporcionou momentos riquíssimos e também de grande perplexidade. Considerando que a única condição para participar da pesquisa era ser professor, muitas vezes não se tinha nenhuma informação a priori sobre o estado de saúde do mesmo. E a proposta era exatamente essa: nenhuma ou pouca informação prévia. Alguns foram escrevendo, ao longo do tear, que eram portadores de diagnóstico de doenças sérias, outros acrescentaram que estavam muito afastados do trabalho ou usando medicação constante. As descobertas foram acontecimentos ao longo do percurso.

Situações que provocaram, no mínimo, curiosidade sobre as dores escondidas ou camufladas e que, naquele momento de conversa, afloraram como se a pessoa não tivesse nunca antes disso, tido contato consigo ou negava o sofrimento. Talvez se tenha encontrado mais sofrimento em pessoas consideradas saudáveis, no senso comum, do que naquelas que resolveram, por opção ou por teimosia, viver a tragédia, ir lá no fundo e cuspir a serpente.

Mesmo considerando que este cuspir tenha deixado marcas ou tenha um preço temporário ou permanente. Como exemplo dessa situação, citam-se as pessoas que desenvolveram doenças crônicas e que hoje, mesmo com a presença da dor, passaram a cuidar de si e a viver a vida. E ainda temos aquelas que tem prazer na dor, e que a medicina considera desvio, mas há prazer. O prazer no/pelo sofrimento. Talvez se retirarmos as mesmas daquela situação elas morram logo depois.

Houve algumas surpresas como o caso do jovem professor que, após uma vida de orgia e concluindo estudos em cursinhos, de indiferença com a existência, resolveu escrever uma vida diferente e hoje tem uma excelente carreira como pesquisador acadêmico, uma família estável e presente. Enfim, aparentemente saudável, tranquilo. Informou, inicialmente, que há muito tempo não fica doente.

Durante a conversa, de repente, começa a falar de uma busca desenfreada pelo saber, e também pelo poder, pinçados como biografemas de suas falas. Demonstrou um excesso de cobranças com ele mesmo e entre um tear e outro, falou a respeito de crises constantes de pânico, que o tem impedido de sair de casa, ir ao trabalho, dentre outras atividades cotidianas.

Ao reler Spinoza por Deleuze (1978), quando fala sobre afecção, de encontrar com a alegria e ficar bem, mas, logo depois encontrar com a tristeza e ficar mal, nota-se que viver ou sofrer é uma questão de encontros e desencontros e dos efeitos destes sobre a pessoa.

Uma percepção é um certo tipo de ideia [...]. Há pouco minha cabeça estava voltada para aí, eu via tal canto da sala, eu me viro, é uma outra ideia; eu passeio numa rua onde há

pessoas conhecidas, eu digo "Bom dia, Pedro", depois me viro e então digo "Bom dia, Paulo".

Ou então, são as coisas que mudam: eu olho o sol, e o sol pouco a pouco desaparece e eu me encontro em plena noite; trata-se, pois, de uma série de sucessões, de coexistências de ideias, sucessões de ideias. Existe outra coisa, a saber: alguma coisa em mim não cessa de variar [...]. O que é essa variação?

Eu retomo o meu exemplo: eu cruzo na rua com Pedro, com quem antipatizo, e depois passo por ele, e digo "Bom dia, Pedro", ou então sinto medo e depois, subitamente, vejo Paulo, que é tremendamente encantador, e eu digo "Bom dia, Paulo", tranquilizado e contente.

Bem. O que acontece? Por um lado, sucessão de duas ideias, ideia de Pedro e ideia de Paulo; mas há outra coisa: também se operou em mim uma variação - e aqui as palavras de Spinoza são muito precisas, vou citá-las: "(variação) de minha força de existir", ou outra palavra que ele emprega como sinônimo, "vis existendi", a força de existir, ou "potentia agendi", a potência de agir - e essas variações são perpétuas, segundo Deleuze (1978).

Para Spinoza, existir é uma variação contínua da força de existir ou da potência de agir, ou seja, minha potência é aumentada ou diminuída de acordo com a variação de encontros que despertam afetos e podem acontecer em frações de segundos de diferença. O filósofo define a afecção, como o estado de um corpo sofrendo a ação de um outro corpo. Portanto, se o sol ou a chuva pousam em você, é uma afecção do seu corpo. Não é o sol, mas a ação de um corpo sobre aquele corpo. A afecção é uma mistura de corpos. Afetar e deixar se afetado. "O sol faz a cera fundir-se e faz a argila endurecer." (DELEUZE, 1978, s/p).

Portanto, tudo é uma questão de encontros, bons ou maus encontros, encontros que podem potencializar-me e levar à vida, produzindo um bem-estar. Encontros que podem enfraquecer-me e levar à morte, causando mal-estar.

Assim, "salto dessa embarcação", certa que para escrever uma vida, ou melhor, uma vida docente, os encontros com as tragédias e as alegrias devem ser considerados como parte dessa vida. Não ousou mais definir associações para utilização dos conceitos saúde ou doença, mas prefiro falar sobre encontros desagradáveis do cotidiano, ou aleatórios.

Construir uma existência de maus encontros é uma questão de escolha de rotas ou do desejo de cuspir a serpente, de aceitar a dor e vivê-la, para poder abandoná-la e, no instante seguinte, viver alegrias ou tristezas. Mas tenho que considerar que elas irão acompanhar-me em todos os encontros. Posso ter um mau encontro na escola, na academia, com a família. Em cada território, posso vivenciar dores ou alegrias diferentes, no mesmo dia, na mesma noite e, podemos conviver durante muito tempo ou pouco tempo.

Depende de minhas escolhas. Posso concordar em ser um professor profeta e dar continuidade a um papel que esperam de mim. Posso continuar esperando agradar a todos e ganhar um espaço no céu ao lado esquerdo “dele”. Mas também posso viver tudo que desejo sem culpas, sem preocupar-me com os outros ou com o que esperam de mim. A queixa sem atitude alimenta a serpente do niilismo.

De qualquer forma, essa pesquisa se propõe a escrever um outro modo de olhar o mal-estar docente, a saúde ou a doença pela proposta de não criar nomes que discriminem, que separem, que dividam o homem. O homem é múltiplo porque carrega em si muitos e também porque continuamente encontra-se com esses muitos e com o entorno. A cada encontro e/retorno, uma possibilidade de transformação ou de suicídio. A cada encontro, novas sensações, novas percepções, novas marcas, novas escritas.

O mal-estar docente que se tornou uma constante entre os profissionais da categoria, pode estar falando de uma classe de profissionais acomodados quanto ao cuidado de si. Que talvez pudessem produzir novos encontros, não mais sob um estigma de ter uma profissão mal remunerada, não valorizada. Mas um encontro com a valorização de si, e enquanto profissional. Se cada docente, enquanto ilha, fizer este movimento de criação de si e criar agenciamentos, conexões com o continente e ampliar os territórios e as possibilidades de bons encontros, a educação será a maior privilegiada e conseqüentemente a sociedade se transforma.

Trata-se de uma categoria que tem a possibilidade de mudar o mundo pela posição dos profissionais enquanto educadores, da atual e das futuras gerações. Que tenham a coragem de romper com as barreiras de diferenciação, que foram criadas pelo sistema e absorvidas, aceitas, vivenciadas e transformadas em queixas. Sair desse niilismo e acreditar que é possível uma transformação efetiva pela criação de políticas públicas coerentes, discutidas com a participação dos professores engajados; e não por uma pequena classe dominante que se utiliza da educação como ferramenta de poder e aniquilamento.

Para promovermos encontros docentes com uma educação de qualidade, engajada com a transformação social, os professores precisam ter um encontro prévio com o desejo de vida e principalmente com suas tragédias. Para transvalorar uma vida. Novos encontros. Para compreender como e porque o docente se tornou o que é: novos encontros. Para um viver mesclado por alegrias e de tragédias, porém, abastecido de desejo, de afetos, de amor, de prazer e de tudo que lembre uma vida: um constante cuidar de si e muita coragem para velejar sem destino na busca de novos encontros, novas emoções, novos convites para saltar em embarcações à deriva, de apreciar os momentos de solidão e criação na ilha e os momentos de

chegada ao porto, ao continente, a velhos encontros que não são mais os mesmos e novos encontros.

Como, quando e de que forma os encontros poderão ocorrer é construído no trajeto que cada um irá percorrer. Cada percurso é único, pois não há previsão de quando as surpresas acontecerão, das correntes de vento, das tempestades que estarão ao longo desse caminhar. E que irão influenciar na mudança de rotas, em novos desenhos, novas descobertas, dos recuos, dos portos abarcados, dos encontros e desencontros possíveis. Esse trajeto se constrói no fazer e sem manuais ou pedrinhas deixadas ao longo do caminho para nortear um término, que não existe. Porque o movimento é constate como as ondas no mar.

“tornar os encontros especiais”, momentos em que a câmera, o diretor e as pessoas-personagens entram em uma “conversa” com possibilidades afetivas, de afetar e ser afetado, afloramentos de singularidades, deformando e formando o espaço entre os encontros dos corpos em relações composicionais (COUTINHO, 2006, p. 191 apud DELEUZE, 2008, s/p).

Neste porto desembarco para viverem novos encontros e, aos que estão embarcando: Boa viagem! Aos que ainda não tiveram coragem: Permitam-se.

Lua nova. Céu estrelado. Maré mansa. Esse é o cenário da trajetória de um navio que segue o seu percurso em direção a um porto qualquer. Numa próxima parada, possibilidade de desembarques e embarques, de chegadas e partidas, de marés altas ou desertos, de novos afetos. Nesse cenário imprevisível, que se constrói ao navegar, escreve-se uma vida.

Em algum momento, a escrita será depositada em uma garrafa, como um pergaminho, será lacrada e jogada ao mar. Se, um dia alguém encontrá-la. Que lhe seja útil enquanto provocação para criação de novos percursos investigativos. Que recorte o que lhe desperta o interesse. Devolva o restante à garrafa. Feche-a e jogue ao mar novamente. Eis, talvez o destino de uma escrita.

“Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
- depois, abri o mar com as mãos,
para o meu sonho naufragar.

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas,
e a cor que escorre de meus dedos
colore as areias desertas” [...]

(MEIRELLES, C. 2001, p.1978)

“tessitura criação escritura
criatura ilimitada indefinida
foge espreita dobra
corta explode continua
vida viva continuum
delir de um viver.”
(DE ARAUJO, 2007, p.138)

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Idéia da Prosa**. Trad. João Barrento. 1 ed. Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2013.

AGAMBEN, G. A potência do pensamento. In: **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**. Rio de Janeiro, nº. 18, Junho . 2006, p. 11-281. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010480232006000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18set. 2014.

ALBUQUERQUE, C. M. de S.; OLIVEIRA, C. P. F. de. Saúde e Doença: Significações e Perspectivas em Mudança. **Millenium - Revista do Instituto Superior Politécnico de Viseu**. Viseu, Portugal: , nº. 25, jan. 2002, p. 201-214.

A ALEGRIA e o Trágico em Nietzsche. Produção de Roberto Machado, 2009, Disponível em <<http://www.cpfcultura.com.br/wp/2009/02/26/a-alegria-e-tragico-em-nietzsche-roberto-machado/>>. Acesso em 10 jun. 2014.

ARAÚJO, R. A.. **½ dia ½ Noite**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

BANCO DE TESES- CAPES. <http://bancodeteses.capes.gov.br/> (acesso em 26/03/2013, 27/03/2013, 05/04/2013)

BAREMBLITT, G. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

_____. **Introdução à esquizoanálise**. Belo Horizonte: Biblioteca do Instituto Félix Guattari, 1998.

_____. **Psicoanálisis y esquizoanálisis: um ensayo de comparación crítica**. Buenos Aires: Madres de Plaza de Mayo, 2004.

BARROS, Manoel de. **O guardador de águas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Paris: Editions Du Seuil, 1975.

_____. **A câmara clara**. Sade, Fourier: Loyola, 1979.

_____. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **Crítica e Verdade**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. ed. 3. Ed. Perspectiva, São Paulo: 2009.

_____. **O Grau zero da escrita**. Editora: Martins Fontes, São Paulo, 2004.

_____. **A Preparação do romance**. Martins Fontes: São Paulo, 2005.

BATISTELLA, C. Abordagens contemporâneas do conceito de saúde. In: **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV, Fiocruz; 2007, p. 51-86.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Anais do VIII Conferência Nacional de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 1986. 429p.

BLANCHOT, M. **O livro do por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAPONI, S.; CANGUILHEM, G. **Y el estatuto epistemológico del concepto de Salud, História, Ciências e Saúde** Manguinhos, IV(2), jul-out., 1997, p. 287 - 307.

CASTRO, E. **Vocabulário e Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

COSTA, L. B. da. **Biografema como estratégia Biográfica escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller**. Tese de Doutorado. UFRGS, Porto Alegre, Agosto de 2010.

COSTA, L. B. **Pesquisa Biografemática como ato de criação de uma ida estrangeira em educação**. Revista do **Difere** - ISSN 2179 6505, v. 1, n. 1, jun/2011

_____. L. B. da. **O retorno em Deleuze-Guattari e as três éticas possíveis.** Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/005e2.pdf>>. Acesso em.11 out 2014.

COSTA, L. B.da. **O Retorno em Deleuze – Guattari e as três éticas possíveis.** p. 07, Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/005e2.pdf> (acesso em 04/04/2014)

CORAZZA, S. M. **Método Valéry- Deleuze:** um drama na comédia intelectual da educação. Educ. Real. vol.37, nº.3 Porto Alegre, sept./dec. 2012.

COSTA, L. B. da. **Biografema como estratégia Biográfica escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller.** Tese 180 f, (Programa de Pós-graduação Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

_____. **Estratégias biográficas:** O biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller. Porto Alegre: Sulina, 2011.

CRUZ, S. I. da. **Filosofia: criação de conceitos e planos de imanência.** Disponível em <<http://pensamentoextemporaneo.wordpress.com/2011/08/04/1533/>>. Aceso em 08 out. 2013.

DA COSTA, C. B. **Pesquisa Biografemática como ato de Criação de Uma vida estrangeira em educação.** In.: Revista do Difere, v. 1, n. 1, jun. 2011.

DA COSTA, Cristiano Bedinda. **Corpo em obra: palimpsestos, arquitetônicas.** 2012. 132 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DAVIDOVICK, L. **Einstein e a Física Quântica.** Rio de Janeiro: Instituto de Física – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1971.

DE ARAUJO, R. A. de. **½ dia ½ Noite.** 2007, 158 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

_____. Notas de Aula. **Seminário Cibercurricularidades: articulações possíveis das mediações**, 2º semestre/2012.

_____. **MÁQUINA-MÉTODO: ensaios de um devir-metodológico**. In: BARREIRO, Cristhianny; CASTRO, Beatriz Helena. **Narrativas de pesquisa em educação: teoria e prática**. Porto Alegre: Observatório da UFRGS, 2014.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução: Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Ed. Rio de Janeiro, 1976.

_____. **Diferença e repetição**. Tradução: Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **A Dobra: Leibniz e o Barroco**. São Paulo: Papyrus editorial, 1991.

_____. **O que é filosofia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter PalPelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução: António M. Magalhães. Porto, Portugal: Rés-Editora, 2001.

_____. **Diferença e repetição**. Trad. DeRoberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **A Ilha deserta**. Editora Iluminuras, 2008, São Paulo.

_____. **Diálogos**. Editora Escuta. São Paulo, 1998. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>> acesso em 12/11/2013.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrênia**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães Rio de Janeiro: Editora Imago, 2002.

_____. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. – São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia.** Vol. 1, Trad. de Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995-2011.

_____. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia.** Vol. 2, Trad. de Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Claudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995-2011

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol. 3; São Paulo: Editora 34, 1999-2011.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol. 3; tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Claudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997a.

_____. **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. **Como criar para si um corpo sem órgãos.** In Mil Platôs. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Ed. 34, 2008.

_____. **Diálogos.** São Paulo: Escuta, 1998. Disponível em:
<<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em 12/11/2013.

_____. **Como criar para si um corpo sem órgãos.** In.: Mil Platôs. vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Ed. 34, 2008.

_____. **O ato de criação.** Palestra de 1987. Folha de São Paulo, São Paulo, 26 jun. 1999.

_____. **Diferença e repetição.** Tradução: Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Diferença e repetição.** Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Conversações (1972-1990).** São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrênia**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. – São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2011.

_____. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães Rio de Janeiro: Editora Imago, 2002.

_____. **O que é a filosofia?** São Paulo: Ed.34, 2010a.

DUBOS, R. **Man adapting**. New Haven: Yale University Press, 1980.

DUQUE-ESTRADA, Elisabeth Muylaerr. **Devires Autobiográficos: A atualidade da escrita de si**. Rio de Janeiro: Nau/Editora PUC-Rio, 2009.

ESTEVE, J. S. **O Mal-estar Docente**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FREUD, S. **A Psicopatologia da Vida Cotidiana**. In.: Obras completas. V. VI. Edições alemãs. Berlim, karger, 1901.

FREUD, S. (1908[1907]) 1980. **Escritores criativos e devaneio**. Vol. IX. P. 152

_____. **O mal-estar na civilização**. 1930. Vol.XXI

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002a.

_____. **A arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT. M. **O que é um autor?** In: FOUCAULT. M. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 268-269. (col. Ditos e Escritos, v. III)

GARCIA, M. M. A. **O intelectual educacional e o professor crítico: o pastorado das consciências**. In.: Currículo sem Fronteiras. v.2, n.2, Jul/Dez 2002, p.53-78.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HERZLICH, C., **Health and Illness: a Social Psychological Analysis**. Academic Press, London: 1973. (Originally published in 1968.)

_____. **Health and Illness: A Social-Psychological Analysis**. New York: Academic Press. theoretical considerations. *Revue of Epidemiology et Santé Publique*, 1973.

JULIA, D. **La naissance du corps professoral: Actes de La Recherche en Sciences Sociales, Paris: Éditions Belin, 1981.**

KANT, I. **A metafísica dos costumes**. In: Livros que mudaram o mundo. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010. v. 8.

LAMEGO, V. **A farpa na lira: Cecília Meirelles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LEITE, M. P. de S.. **A noção de Real no último Lacan**. Ensino continuado: A letra · 10ª AULA. 1998.

LES cours de Gilles Deleuze. Deleuze / Spinoza Cours Vincennes, 24 jan. 1978.
Disponível em:

<<http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>>.

Acesso em 29 out. 2013.

LISPECTOR, C. **Um Sopro de vida**. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 3 ed. 1978.

LUZ, M.T. **Natureza e razão no tempo e no espaço mecânicos**. In.: Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna. São Paulo: Hucitec, 1988.

MACHADO, J. P. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 05 Volumes, Editora: Livros Horizontes, 2003.

MACHADO, L. A. D. **O desafio ético da escrita**. In.: Psicologia & Sociedade. Porto Alegre, n. 1, p. 146, 2004.

MACHADO, R; Deleuze, G. **A arte e a filosofia**. Jorge Zahar . Rio de Janeiro, RJ. 2009.

MARTINS, R. de A.. **Contágio: história da prevenção das doenças transmissíveis**. São Paulo: Moderna, 1997.

MYERS, S. & BENSON, H. **Psychological factors in healing: a new perspective on an old debate**. Durhan, North Caroline, Behavioral Medicine, 1992.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma Polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2012.

NÓVOA, A. Org. **Profissão Professor**. Porto Editora. 2ª Ed., 1992.

_____. **Profissão Professor**. Tradução de Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luisa Santos Gil. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.

_____. (Org). **Vidas de Professores**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2007.

NIETZSCHE, F. **Assim falava Zarathustra**. Disponível em <<http://www.eBooksBrasil.org>>.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, E. S. G. **Trabalho do Professor: trabalho do Sisifo? A heroica dimensão imaginária da Docência**. In.: VIELLA, M.A.L (org.) Tempos e Espaços de Formação. Chapecó: Editora Argos, 2003, p. 197 – 218.

OLIVEIRA, M. **ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades**. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859.

ONFRAY, M.. **A escultura de si: a moral estética**. Tradução de Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PARPINELLI, R..S. & SOUZA, E. W. F. **Pensando os fenômenos psicológicos: um ensaio esquizoanalítico**. In.: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 3, set./dez. 2005, p. 479-487.

PELBART, P. P. **Fala dos confins: o lugar da literatura na obra de Foucault**. In.:Revista Cult. São Paulo, ano 12, número 134, abril 2009, p. 51-53.

_____. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. 2 ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.

PERRONE-MOISÉS, L. **Barthes: o saber com sabor**. Brasiliense. São Paulo, 1983.

PIGNATARI, D. **Por uma semiótica da biografia**. em HISGAIL, F. (org). Biografia: sintoma da cultura. São Paulo, Hacker Editores: Cespuc, 1996.

RAMACCIOTTI, B. DELEUZE, L: "**como criar um corpo sem órgãos**"?
Psicanálise & Barroco em revista v.10, n.2 : 112-126, dez.2012.

RAZÃO inadequada. Disponível em: <<https://arazaoinadequada.wordpress.com/>>.

REVEL, J. **Foucault: Conceitos essenciais**. São Carlos: Clara Luz, 2005.

REZENDE, J. M. de. **Caminhos da medicina: O Uso da Tecnologia no diagnóstico e suas consequências**. Versão apresentada ao XIV Encontro Científico dos Acadêmicos de Medicina. Goiânia, 20/09/2002. Atualizado em 24/10/2008.

RODRIGUES, J. F. **Origem do Termo Diagnóstico**. Disponível em: <<http://profjuditerodrigues.blogspot.com>>. Acesso em 12 jul. 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. Tradução Paulo Neves: Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

SOARES, L. E. **Kafka e Guimarães Rosa: a sociedade do controle integrado**. In.: Perspectivas em Gestão & Conhecimento. João Pessoa, v. 3, n. 1, jan./jun. 2013, p. 71-97.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O Ofício de Professor**. Tradução de Lucy Magalhães. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RAMACCIOTTI, B. L. DELEUZE, G.: "**como criar um corpo sem órgãos**"? In.: Psicanálise & Barroco em revista. V.10, n.2, dez.2012, p. 112-126.

RAZÃO inadequada: uma postura inadequada é a nossa maneira de viver em uma cultura de adequação... Disponível em: <<http://arazaoinadequada.wordpress.com/series/esquizoanalise/>>.

ZARAGOZA, J. M. E. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru: EDUSC, 1999.

ANEXOS

ANEXO A- DE ARAUJO, Róger Albernaz. MÁQUINA-MÉTODO: ensaios de um devir-metodológico. In: BARREIRO, Cristhianny; CASTRO, Beatriz Helena. **Narrativas de pesquisa em educação: teoria e prática**. Porto Alegre: Observatório da UFRGS, 2014.

PERSPECTIVAS DE PESQUISA: orientação à resposta ou à problemática

As questões metodológicas fazem parte do contexto da pesquisa acadêmica, funcionando como condição de possibilidade, não somente de auxiliar o pesquisador, como também de conduzir a própria pesquisa, o que proporciona que os esforços produzidos assumam um modo determinado de organização.

Por esta perspectiva, ocorre a busca por uma garantia do sentido de rigor e de academicidade dos estudos realizados, o que possibilita que vários pesquisadores usufruam de um mesmo modelo de pesquisa, como forma para que possam garantir a aquisição dos resultados desejados. Tem-se um modelo disposto em uma série de etapas, as quais indicam ao pesquisador qual caminho deve ser tomado, quais inferências e interferências devem ser movimentadas.

De algum modo, o método funciona como o modo de pensamento da pesquisa, indicando a base do saber e o contexto das relações de poder, que se inscrevem no escopo da pesquisa e do pesquisador. Ou seja, por esta perspectiva, a escolha metodológica caracteriza e explicita a estética do ideal da pesquisa e do pesquisador, o que define, não somente, uma referência teórica, mas também um conjunto de valores e de posições, relações que vem a compor o regime de verdade da pesquisa e do pesquisador.

Por outra perspectiva, poder-se-ia inferir que, talvez, seja possível subverter esta lógica dominante que, de algum modo, exerce a expressão de verdade do que deve representar uma pesquisa no contexto acadêmico.

Problematiza-se o que se pode reverter da estética da pesquisa acadêmica contemporânea, em face do desejo de poder vir a compor um percurso de discussão desta temática, que não parta de questões a priori, mas preencha os espaços na medida em que as discussões se produzam, para que se possa expressar o contexto problemático que se puder encontrar. Para tanto, faz-se necessário abandonar a noção de uma possível neutralidade na relação da pesquisa e do pesquisador com o contexto pesquisado. Ou seja, o primeiro passo no desejo desta escrita tem-se na expressão de que assumir uma posição de pesquisa é algo

inevitável, o que implica que a pesquisa e o pesquisador produzirão uma expressão de verdade, a qual estará sustentada por um determinado “Plano de Referência”⁵³.

A função, na ciência, determina um estado de coisas, uma coisa ou um corpo que atualiza o virtual sobre um plano de referência e num sistema de coordenadas; o conceito na filosofia, exprime um acontecimento que dá ao virtual uma consistência sobre um plano de imanência e numa forma ordenada (DELEUZE; GUATTARI, 2010a, p. 158)

Neste caso, ocupa-se uma posição que pretende declinar à necessidade de respostas a questões previamente determinadas, decorrentes, muitas vezes, como efeito de discussões coletivas. Aqui, faz-se a escolha de poder compor um contexto metodológico que envolva um conjunto de procedimentos, pelos quais o pesquisador e a pesquisa orientam seu trajeto. Deste modo, não se indica aonde pesquisador e pesquisa devem ir, muito menos de que modo, mas aguça-se o desejo de que se coloquem e se percebam em movimento de pesquisa, o mais breve possível.

Colocar-se em movimento, como condição de possibilidade do esgotamento de um desejo de pesquisa, que transborde pelo que lhe sobra em potência, ao ponto de cortar o fluxo que lhe movimenta pela produção da marca que inaugura o ponto de entrada do ato de pesquisar. Ponto de entrada que dá a ver os primeiros movimentos que pesquisador e pesquisa realizam ao longo deste espaço-tempo⁵⁴ de relação com uma determinada temática. Procedimento que passa, então a compor uma problemática, pela qual se torna possível produzir os encontros com os prováveis achados da pesquisa, inclusive aqueles que se compõem pela afirmação de encontros inusitados.

[...] um *problema* em ciência ou em filosofia, não consiste em responder a uma questão, mas em adaptar, coadaptar, com um “gosto” superior, como faculdade problemática, os elementos correspondentes em curso de determinação (por exemplo, para a ciência, escolher boas variáveis independentes, instalar o observador parcial eficaz sobre um tal percurso, construir as melhores coordenadas de uma equação ou de uma função). Esta analogia impõe duas tarefas ainda. Como conceber as passagens práticas entre as duas espécies de problemas? Mas sobretudo,

⁵³ No contexto deste trabalho, um Plano de Referência excede o conceito do plano de referência produzido pela ciência, conforme expõe Deleuze e Guattari, principalmente em **O que é a filosofia?** Neste caso o Plano de Referência estabelece o desenho de um determinado território com o qual se deseja relação, compondo o que este território é diante das relações de saber e de poder que o constituem. A todo Plano de Referência corresponde um Plano de Criação, ambos funcionando de modo duplamente articulado.

⁵⁴ Foi Pierre Boulez quem primeiro desenvolveu um conjunto de oposições simples e de diferenças complexas, mas também de correlações recíprocas não-simétricas, entre espaço liso e espaço estriado. Criou esses conceitos e esses termos no campo musical, e os definiu justamente em diversos níveis, a fim de dar conta ao mesmo tempo da distinção abstrata e das misturas concretas. No nível mais simples, Boulez diz que um espaço-tempo liso ocupa-se sem contar, ao passo que num espaço-tempo criado conta-se a fim de ocupar. Desse modo, ele torna sensível ou perceptível a diferença entre multiplicidades não métricas e multiplicidades métricas, entre espaços direcionais e espaços dimensionais. Torna-os sonoros e musicais. Sua obra pessoal sem dúvida é feita com essas relações criadas, recriadas musicalmente. (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 183).

teoricamente, as instâncias de oposição impedem qualquer uniformização, e mesmo qualquer redução de conceitos aos functivos ou o inverso? E, se toda redução é impossível, como pensa um conjunto de relações positivas entre as duas? (DELEUZE; GUATTARI, 2010a, p. 158-159).

De algum modo, a escolha metodológica está sujeita a um determinado desejo da pesquisa e do pesquisador, o que acaba por produzir a posição que estes sujeitos assumem ante a necessidade da escolha do método de pesquisa. Talvez, o que se encontra em uma primeira análise como uma questão, qual seja, qual metodologia adotar na pesquisa, compõe já de antemão, uma inevitável problemática. Ou seja, escolher o modo como se deseja proceder com as atividades inerentes ao ato de pesquisar, também se compõe como uma problemática de pesquisa que necessita cumprir um espaço-tempo de problematização.

Pela primeira perspectiva apresentada, o método funciona como um orientador de caminho, indicando as vias necessárias para que um determinado resultado possa ser alcançado, qual seja a resposta a uma determinada questão posta como origem do movimento de pesquisa. Pela segunda perspectiva, o método funciona como orientador de um percurso, indicando por onde a pesquisa e o pesquisador passam, enquanto constituem-se pela implicação de intercessores⁵⁵ inseparáveis.

Pesquisador e pesquisa, por um processo de dupla articulação, produzem um modo de funcionamento, que possibilita a criação de uma potência de deslocamentos. Trajetos que são criados e trajetos que são encontrados. Composição de um percurso que se inscreve no corpo da pesquisa e no corpo do pesquisador. Relação que obtém um corpo de funcionamento da pesquisa e do pesquisador, pelo agenciamento⁵⁶ simultâneo, múltiplo e contínuo de um corpo-pesquisa e de um corpo-pesquisador, o que os torna indiscerníveis entre si, precisamente, pela potência de funcionamento produzida entre ambos.

O que ocorre, e produz a diferenciação entre as duas perspectivas de pesquisa em questão, constitui também uma perspectiva, um modo de relação com o ato de pesquisar. Ou seja, a escolha do modo como se produz a relação com a pesquisa: por uma orientação à

⁵⁵ O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro (DELEUZE, 2010, p. 160).

⁵⁶ Conforme Deleuze e Guattari, “Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um *agenciamento*” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11-12).

obtenção de um resultado na aplicação de um determinado método ou pela composição de uma problemática na criação de um programa de procedimentos.

De um modo e de outro, a escolha da metodologia que será adotada pela pesquisa já se constitui, enquanto movimentação de um método, visto que indica o modo como se deseja produzir o olhar da pesquisa e do pesquisador. Uma escolha de qual porta se deseja abrir. Neste caso, poder-se-ia inferir que a questão metodológica compõe um corpo de desejo, que permeia o percurso da pesquisa fornecendo o ritmo de cada movimento, antes mesmo do primeiro movimento visível e dizível.

PONTO DE ENTRADA: um desejo

Da necessidade da escolha de uma perspectiva para compor um corpo de pesquisa, emerge o desejo que impõe uma escolha. Seja um trabalho de cunho acadêmico, de cunho técnico, ou de outra natureza. Necessita-se escolher quais os modos de relação e de intercessão com a pesquisa serão postos em jogo. Isso implica inclusive, questões referentes à trajetória acadêmica e profissional que acompanha aquele que pesquisa, e compõe o modo de como se irá proceder aos movimentos de pesquisa.

O desejo que acontece, enquanto elemento que inaugura o processo de pesquisa tem-se como efeito, por um lado, do percurso percorrido pelo pesquisador e, por outro, pelo território da temática de pesquisa que se compõe. Um encontro que acontece em um determinado tempo e em um determinado espaço. Isso pressupõe que pesquisador e pesquisa compõem-se por um processo de datamento que agencia a ambos, o que inaugura uma possibilidade de relação em que o território da pesquisa produz-se entre um e outro, ou seja, pela articulação do corpo-pesquisa e do corpo-pesquisador, em uma contínua política maquínica⁵⁷ de relações, produz-se a tessitura de um território de pesquisa.

Em termos gerais, ao longo das trajetórias acadêmicas e das vivências profissionais, tem-se contato com várias abordagens de pesquisa, praticamente todas indicando um caminho no sentido da formulação de uma questão de pesquisa que, pela aplicação de um determinado método, alcança um determinado resultado, uma determinada conclusão. Aliás, esta perspectiva pode ser considerada a hegemônica no contexto acadêmico, o que de algum

⁵⁷ Em cada agenciamento é preciso encontrar o conteúdo e a expressão, avaliar sua distinção real, sua pressuposição recíproca, suas inserções fragmento por fragmento. Mas, se o agenciamento não se reduz aos estratos, é porque nele a expressão torna-se um sistema semiótico, um regime de signos, e o conteúdo, um sistema pragmático, ações e paixões. É a dupla articulação rosto-mão, gesto-fala, e a pressuposição recíproca entre ambos. Eis, portanto, a primeira divisão de todo agenciamento: por um lado, agenciamento maquínico, por outro, e ao mesmo tempo, agenciamento de enunciação (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 218-219).

modo, coloca a perspectiva da fuga deste modelo, como um movimento menor, porquanto se movimenta marginalmente em relação a muitos espaços historicamente instituídos, principalmente no campo da educação. Mas, isso se tem apenas como um movimento de generalização, que requer ser mais bem contornado, o que aqui, também compõe um corpo de desejo.

Na tentativa de uma aproximação com as referências do que pode ser uma pesquisa, encontram-se algumas iniciativas, que buscam fugir a este modelo instituído como hegemônico e, neste caso faz-se necessário explicitar que esta escrita assume uma perspectiva de relação com o contexto acadêmico da educação. Neste escopo, as iniciativas singulares que podem ser encontradas, inserem-se em um segmento aonde as pesquisas abarcam um hibridismo temático e teórico, na composição de uma mistura entre corpos temáticos e corpos teóricos. Assim, pelo atravessamento de visões díspares, provenientes de áreas distintas do saber, inclusive algumas que detém constituições territoriais próprias, criam-se novas perspectivas de pesquisa.

Desde a filosofia, até a arte, passando pela linguística e, inclusive, pelas tecnologias da informação e comunicação, têm-se notícias de relações novas que produzem; novas experimentações e alguns resultados; alguns, no mínimo, interessantes; outros, inclusive, instigantes. Pesquisas que tornam em ato o desejo de articular um modo que não sucumba ao método; desejo explícito da criação de um percurso de pesquisa, que possa descobrir seu trajeto a cada novo movimento. Talvez, uma possibilidade de jogar o jogo que se cria. Ato de tentar diluir a necessidade de ter que chegar a um fim estabelecido a priori, e de relegar o início previamente traçado, como modo possível de potencializar uma necessidade de ir além, de produzir um novo encontro, de criar um caminho.

Ocorre que, mesmo que não se deseje negar a necessidade de uma metodologia e, por conseguinte, de um método, necessita-se de um distanciamento do sentido que este conceito assume, principalmente, pela estética representacional produzida em relação àquilo que um método deve ser. Distanciamento, em um procedimento que desloca a perspectiva inerente ao conceito de funcionamento que um método produz, e não no que é método, no sentido da criação de possibilidades de aquisição de uma outra perspectiva de funcionamento, que pode vir a produzir um novo modo de operar com o método. Deslocamento na direção de poder encontrar aquilo que um método pode vir a ser enquanto composto que se cria pelo próprio movimento de composição.

Um método composto por procedimentos. Pela relação de procedimentos que se compõem pela instauração de uma determinada necessidade e, pelo ato, pela inserção da mão

do pesquisador, que produz sua marca no Plano de Pesquisa que se compõe. Fluxo de pesquisa cortado por uma diferenciação do pesquisador, que faz fluir uma nova possibilidade, que altera, simultaneamente, a composição e o composto, modificando pesquisa e pesquisador.

Uma metodologia que contribua na minoração da imposição de um padrão de pesquisa, o qual, adotado a priori, assegura a operacionalização de um determinado método. Método que, organizado e validado por uma sequência fechada de etapas, cada qual com seus conjuntos de normas de validação, acaba por julgar o certo e o errado do movimento de uma pesquisa. Método que impõe um modo de uso; o que faz da metodologia uma ferramenta a serviço da pesquisa e do pesquisador. Posição que coloca a pesquisa como um aparato tecnológico a ser configurado pelo pesquisador através do método. Método que bem aplicado, que em conformidade com as regras de uso, garante à pesquisa o caráter de fidedignidade factível e indiscutível e, por conseguinte, seu regime de verdade, imposto como elemento concreto da expressão da verdade que a pesquisa deve ter.

UM ATO DE RESISTÊNCIA: Programa de Procedimentos de Pesquisa

“O ato de resistência possui duas faces. Ele é humano e é também um ato de arte. Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta entre os homens” (DELEUZE, 1999, p. 14).

O que se deseja aqui se produz pela ocupação de uma posição em uma pesquisa que já se encontra em movimento. Ou seja, diz respeito à escolha de qual dentre as perspectivas abordadas de pesquisa deseja-se escolher. Neste caso, esta escrita deseja investir na possibilidade de uma metodologia que acontece pela movimentação de um método que acolhe conjuntos de procedimentos, os quais podem relacionar-se com outros conjuntos de procedimentos, na composição de programas de procedimentos, que em funcionamento fornecem uma forma de relação a um sistema aberto.

Um método que só pode nomear-se como tal, pelos modos de funcionamento que consegue articular a cada nova série de procedimentos que o compõe, sem uma imposição de prevalência, de continuidade e de validações prévias. Uma aposta no ato de colocar-se em percurso de pesquisa, afirmando os procedimentos que acontecem enquanto busca-se encontrar com os intercessores possíveis do ato de pesquisar.

Assim, um conjunto de procedimentos de pesquisa pode criar um programa de pesquisa, cujo funcionamento produz uma determinada ação, que por sua vez, passa a fazer

parte de uma composição com outras ações que se encontram em funcionamento, ou podem vir a entrar em funcionamento; por este encontro compõe-se a imanência de um Plano de Pesquisa que acontece.

Um procedimento, neste caso, compõe a possibilidade de uma ação, de um ato, efeito de uma condição de possibilidade de relações, que se efetivam em um composto afirmativo, que diante de um corpo de potências encontrado, atualiza uma determinada realidade. Um procedimento que funciona como corte de um determinado fluxo de potência, aonde o ato do pesquisador e da pesquisa, produz a possibilidade de novos trajetos no percurso da pesquisa. Um procedimento, necessariamente não compõe o acréscimo de algo a uma realidade dada, podendo, inclusive, funcionar como um elemento supressor, desviante e deformante de uma realidade. Isso toma efeito pela composição da qualidade das forças que entram em relação para produzir a estética do procedimento.

Um procedimento não funciona como a unidade fundante de um programa de procedimentos, do mesmo modo que um programa não detém procedimentos; ambas as abordagens estabelecem uma relação hierarquizada de atos específicos, os quais, devidamente combinados, cumpririam uma função esperada. A relação entre programas e procedimentos foge à relação sujeito e objeto, pelo desejo de uma produção maquínica, ou seja, programas e procedimentos funcionam como “máquinas desejanter”⁵⁸, em um sistema contínuo, múltiplo e simultâneo de “produção de produção”⁵⁹.

O acoplamento da síntese conectiva, objeto parcial-fluxo tem, portanto, uma outra forma também: produto-produzir. “O produzir está sempre inserido no produto, razão pela qual a produção desejanter é produção de produção, assim como toda máquina é máquina de máquina” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 17)

Um procedimento produz instâncias de funcionamento, que acopladas a outras instâncias de funcionamento, produzem um programa, que por sua ordem, também produz um funcionamento, podendo um procedimento, inclusive, emergir como efeito da efetivação da relação de múltiplos programas. Isso, produz uma outra instância de funcionamento que, por sua vez, pode compor com outros procedimentos e com outros programas.

⁵⁸ “As máquinas desejanter são máquinas binárias, com regra binária ou regime associativo; sempre uma máquina acoplada outra. A síntese produtiva, a produção de produção, tem uma forma conectiva: “e”, “e depois” ... É que a sempre uma máquina produtora de um fluxo, e uma outra que lhe está conectada, operando um corte, uma extração de fluxo (o seio – a boca).” [...] “O desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos e de objetos parciais fragmentários e fragmentados. O desejo faz correr, flui e corta” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 16).

⁵⁹ Conforme Deleuze e Guattari, no **Anti-édipo**, a partir da primeira síntese da produção desejanter: síntese conectiva ou produção de produção (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 17).

A distinção entre um procedimento e um programa pode ser aproximada pela tipologia da composição de forças que se alternam ao longo do percurso de pesquisa. Procedimentos produzem programas e programas podem produzir procedimentos, o que aufere à máquina-método o atributo de poder dobrar-se sobre o espaço-tempo que lhe compõe, ainda em linha de composição, funcionando ao ritmo das alternâncias que puder produzir.

Neste caso, o conceito de máquina-método produz-se a partir do agenciamento do conceito de máquina, presente em “O anti-Édipo”, pelo qual Deleuze e Guattari tornam imanente a composição de um desejo de produção de vida; um desejo que possa vir a transpor às questões da falta neurótica e apostar em um movimento de afirmação daquilo que sobra em potência de vida. Uma máquina-método que se apropria do percurso metodológico possível, pela afirmação do ato de pesquisar, efeito da composição de uma política de relações, pela qual o pesquisador, a pesquisa, os intercessores e o próprio percurso se encontram em um espaço-tempo de criação que acontece. Uma máquina-método que prefere não resolver problemas e, sim, produzir problemáticas, em um continuum em que a cada entrada e cada saída possível, compõem-se a tessitura da pesquisa que acontece. Uma máquina-método que devém.

Assim, tem-se uma pesquisa que se cria por entre ritmos e meios possíveis, por uma política que deseja exprimir uma necessidade de criar-se em ato. E, isso, implica e envolve o pesquisar com a pesquisa, pelo ato de pesquisar. O desejo impõe o ato da criação de procedimentos, e a pesquisa torna-se uma possibilidade que, a partir da articulação com seus intercessores pode vir a acontecer.

O desejo de criação da pesquisa transcende em ato e passa pela escolha do conjunto de procedimentos que se deseja investir. Uma aposta na composição de planos, que funcionem pelo agenciamento de procedimentos, que possam atravessar um determinado território instituído, abrir brechas e trazer à superfície a estética do que acontece em termos de atualidade em uma área de pesquisa, com quem se intenciona uma relação. Isso abre uma possibilidade, também, para a criação de procedimentos que possam investir no desejo de transformação daquilo que está instituído. Ou seja, inferir naquilo que é pela possibilidade de um vir a ser, que se produza em um modo de diferenciação.

A continuidade de colocar-se em jogo a cada instância de relação tem-se pelo retorno possível a qualquer ponto de funcionamento da máquina-método, pela criação de uma linha de recursividade, que pode cortar o plano de procedimentos, produzindo suas marcas, desfiando procedimentos, aniquilando programas, instituindo e destituindo intercessores. A simultaneidade provém à máquina-método a propriedade de aceitar a limitada condição que se

tem de apreensão de tudo que ocorre em um determinado tempo e, por efeito, o caráter de parcialidade inerente a cada enunciação de uma verdade. A multiplicidade invade a estabilidade do eu, detentor de posição definida e de discurso único, e traz à superfície todo um conjunto de vozes que já ocupam um eu.

Encontra-se, então, um Programa de Procedimentos de Pesquisa, um Plano de Pesquisa; uma máquina-método que deseja funcionar pelo acoplamento e pela conexão entre planos. Neste caso, dois planos: um de referência e um de criação; ambos abertos a atravessamentos intempestivos pela composição de uma linha de recursividade, que insiste em romper a linearidade em qualquer ponto e a qualquer tempo. Planos conectados em uma relação de simultaneidade, de multiplicidade e de continuidade de funcionamento. Planos que se ocupam e ocupam o caos.

Composição maquínica de um modo de relação que, pela escolha de uma tipologia de acoplamento, dispõe à pesquisa a uma possibilidade de um ritmo de movimento, de uma velocidade; modo de acoplamento que pode colocar a pesquisa e o pesquisador em movimento contínuo de criação e de recriação das palavras e das coisas, em múltiplas dimensões e em simultâneos encontros. Continuidade na relação com um continuum de acontecimentos⁶⁰, os quais dobram os espaços-tempos, uns por sobre os outros, trazendo à superfície o tom e o sabor do desejo de uma diferença.

Por esta estratégia de criação da pesquisa, não são caminhos que são traçados a partir de um ideal que se estabelece enquanto origem, e sim, um percurso que acontece, no/pelo desejo do primeiro passo de um trajeto, em que a cada encontro torna-se possível afirmar um novo trajeto. Trajetos traçados ao longo e por entre um território posto, instituído e preenchido por toda uma geografia minuciosamente significada e valorada. Não se pode estabelecer um trajeto de pesquisa sem que haja um território, pelo qual, precisamente a pesquisa necessita passar.

Ou seja, colocar-se em percurso de pesquisa, inevitavelmente implica e envolve uma relação com um Plano de Referência, que estabelece os modos de composição de um território e, por efeito, a possibilidade do encontro com seus fluxos e seus cortes. Pelo Plano de Referência pode-se conhecer a geografia de um território, mapear seus pontos de

⁶⁰Os princípios característicos das multipheidades concernem a seus elementos, que são *singularidades*; a suas relações, que são *devires*; a seus acontecimentos, que são *hecceidades* (quer dizer, individualizações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos *livres*; a seu modelo de realização, que é o *rizoma* (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui *platôs* (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem *territórios* e graus de *desterritorialização* (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 8).

desterritorialização⁶¹ e de reterritorialização⁶² e, assim, quem sabe, arriscar alguma iniciativa de criação.

PLANO DE REFERÊNCIA: por onde passar?

Neste contexto teórico, um Plano de Referência pode ser burilado, a partir do conceito de “Genealogia dos Modos de Subjetivação”⁶³, criado por Michael Foucault. Ou seja, os modos de subjetivação funcionam como um procedimento de inferência em um determinado território. Este procedimento, em consonância com o pensamento de Michel Foucault, busca pinçar os processos vivenciados; processos de subjetivação que produzem as maneiras de ser, de pensar e de agir, ou seja, subjetividades que, por efeito, produzem o que se é em um determinado corte histórico.

Para tanto, em um traçado genealógico de análise, um Plano de Referência emerge da costura de um processo ético de como e por que algo/alguém se torna o que é. Isso, em uma relação de cuidado de si, a qual só pode ser afirmada pela produção de um saber em meio aos modos de relação consigo e com o entorno. Ou seja, o cuidado de si, neste caso, envolve quaisquer relações em que se intervém/intervenha em uma determinada realidade, como forma de mudar um caminho previamente traçado, o qual deixa de fazer sentido, ou produz outro sentido do percurso que se deseja experimentar.

Cuidar de si movimenta a necessidade de mais bem poder entender como se produz o que se sabe de um território. Cuidado de si, pela possibilidade de poder inferir no que se sabe

⁶¹O pior não é permanecer estratificado — organizado, significado, sujeito — mas precipitar os estratos numa queda suicida ou demente, que os faz recair sobre nós, mais pesados do que nunca. Eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 23-24).

⁶²Jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo com dois termos: mão-objeto de uso, boca-seio, rosto-paisagem. E cada um dos dois termos se reterritorializa sobre o outro. De forma que não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua. Daí todo um sistema de reterritorializações horizontais e complementares, entre a mão e a ferramenta, a boca e o seio, o rosto e a paisagem (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 40-41).

⁶³Com efeito, os modos de subjetivação e de objetivação, não são independentes uns dos outros; seu desenvolvimento é mútuo. Se, como Foucault, chamamos “pensamento” ao ato que instaura, segundo diferentes relações possíveis, um sujeito e um objeto, uma história do pensamento seria a análise das condições em que se formaram e se modificaram as relações entre o sujeito e o objeto para tornar possível uma forma de saber. Essas condições, para Foucault, não são nem formais nem empíricas; elas devem estabelecer, por exemplo, a que deve submeter-se o sujeito, que estatuto deve ter, que posição deve ocupar para poder ser sujeito legítimo de conhecimento, sob que condições algo pode converter-se em objeto de conhecimento, como é problematizado, a que delimitações está submetido. Estas condições estabelecem os jogos de verdade, as regras segundo as quais o que um sujeito pode dizer inscreve-se no campo do verdadeiro e do falso (CASTRO, 2009, p. 408).

e no que se nomeia que se sabe, como modo de aproximação dos saberes que balizam o olhar que se produz. Cuidado de si pela possibilidade de tensionar o modo como se estabelecem as relações individuais e coletivas, a partir do que se sabe e do que se nomeia que sabe. Cuidado de si como possibilidade da conquista de uma ética de si. Cuidado que produz uma estética de um determinado território, a partir das relações de poder-saber que se possa mapear. Cuidado de si como possibilidade da percepção do movimento ético implicado na produção de um plano do possível.

Deslocando a pesquisa para a corporificação de um si, cria-se a possibilidade de produção de um cuidado para esta pesquisa, em um trajeto que amálgama o pesquisador e a pesquisa em um determinado momento e em um determinado espaço, como forma de mais bem cuidar do que acontece neste espaço-tempo de relação. Dito de outra maneira, pela movimentação genealógica dos modos de subjetivação, por entre as articulações das relações de saber, de poder e de ética, pode-se perceber o como e o porquê uma pesquisa se torna o que é. Para tanto, necessita-se problematizar: dentre as relações de saber, o que se sabe sobre o território o qual se pretende ocupar em percurso; como e por que este território sabe o que sabe, e, a partir disto, talvez, poder-se-á nomear o que se vê em cada encontro; pelo que se sabe, nomeia-se aquilo que se sabe, e, pelo que se sabe, é que se estabelecem as relações em um território, e mesmo as relações entre territórios.

Um Plano de Referência produz o contexto com o qual a pesquisa estabelece relação, representando um determinado domínio produzido por efeito das relações que o compõe. O Plano de Referência determina o que é um território, guardando-se a premissa de que a representação do que é tem-se subtraída da incapacidade da totalização do que é um território, o que implica a parcialidade do que é. Ou seja, o Plano de Referência produz a cada instância de relação, um espaço-tempo possível de apreensão de uma determinada realidade, que é uma apreensão parcial de algo não totalizável. Por efeito, o que o Plano de Referência produz, o que ele encontra, não é a verdade sobre um território, mas uma verdade de um território, determinada pela instância de relação estabelecida, que apreende uma imagem parcial do que acontece. Assim, o Plano de Referência expressa o regime de verdade de um determinado território, em um processo de datamento, que posiciona a enunciação de verdade na referência de um determinado espaço, em um determinado tempo, sob a égide de uma determinada perspectiva relacional.

Ocorre que o Plano de Referência torna-se imprescindível para que se transcenda o desejo e se possa afirmar o ato de criação. Um Plano de Criação funciona acoplado a um Plano de Referência, em uma relação de dupla articulação na qual, pela movimentação dos

intercessores, produzem-se linhas de recursividade, as quais funcionam como possibilidade de retorno sobre o Plano de Referência. Uma linha de recursividade congrega um conjunto de “linhas de fuga”⁶⁴ em um movimento que deseja a produção de uma diferença em um determinado território. Uma linha de recursividade torna possível o processo de diferenciação, que vai ocorrer quando o conjunto de linhas de fuga agregar qualidade suficiente para produzir uma diferença, a qual retorna ao território produzindo um processo de desterritorialização, seguido de um processo de reterritorialização que rearranja o território afirmando a diferença produzida.

Quando as linhas de fuga não possuem qualidade suficiente para a produção da diferença, sucede um processo de flexibilização destas linhas, que permanecem como potência de diferença, ou seja, não há a produção de um processo de desterritorialização e a reterritorialização se produz automaticamente, mantendo o território sem modificações. Ou seja, o que retorna ao território pela linha de recursividade é a diferença, que desterritorializa o que é, e reterritorializa o que vem a ser. Por este movimento, atualiza-se uma realidade. Por esta sistemática, retorna somente a diferença, quando esta se tem produzida, caso contrário o território permanece inalterado, reafirmando seu estado de similitude.

PLANO DE CRIAÇÃO: possibilidade de diferenciação

Pelo traçado de um Plano de Referência, em que programas de procedimentos de subjetivação funcionam ao longo do plano, pode-se encontrar intercessores que venham a funcionar como personagens conceituais e/ou figuras estéticas no acoplamento a um Plano de Criação. Isso produz um processo de transposição de uma atitude oposicionista ao Plano de Referência, que autentica uma realidade e, simultaneamente, produz uma brecha, no sentido

⁶⁴ Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter uma às outras. É por isto que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito — tudo o que se quiser, desde as ressurgências edipianas até as concreções fascistas. Os grupos e os indivíduos contêm microfascismos sempre à espera de cristalização. Sim, a grama é também rizoma. O bom o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 18).

da possibilidade de preencher um Plano de Criação, em uma atitude de resistência a uma realidade dada.

Os modos de subjetivação funcionam como estratégia de relação com o Plano de Referência em dupla articulação simultânea com um Plano de Criação. Neste caso, não se tem a preocupação de refletir sobre o Plano de Referência em si, visto que isto não transporia uma atitude crítica sobre uma realidade, não inferindo na aproximação com as possibilidades com/nesta realidade. Deseja-se, sim, mapear os movimentos de constituição do Plano de Referência, criando uma estratégia pela qual se possa articular uma profissão, uma vida, uma sensação, um sentido; interceder em intensidades possíveis e colocar em movimento forças intercessoras na composição de um Plano de Criação.

Plano que movimenta programas de procedimentos, programas e procedimentos, por entre o Plano de Referência, em um acoplamento maquínico que deseja a produção de uma resistência; resistir à reflexão sobre o plano e apostar no lance dos dados que afirma a criação possível. Talvez, inclusive, se possa nomear o Plano de Criação como um Plano de Resistência, mas isso pouco importa; visto que a afirmação da resistência implica e envolve a criação da diferença. O ato de criação compõe um percurso pelo desejo de resistir. Resistir, como atitude afirmativa de uma vida, que a cada retorno sobre si, torna possível a produção da diferença.

Ao questionar-se o como e o porquê das palavras e das coisas; como estas se tornam o que são, procede-se um caminho genealógico, que declina da necessidade de saber o que é algo, alguma coisa, alguém; para tentar perceber como isso que é se tornou o que é. Uma problematização do processo de produção das relações de produção das palavras e das coisas e não uma questão em relação às palavras e as coisas em si. Isso, como forma de tentar fugir da representação que o verbo ser cria. Uma problematização que remete para além de um pensamento humanístico: que cuidado eu tenho, que cuidado se tem, ou poder-se-ia ter com a pesquisa, com aquilo que se produz neste entorno da pesquisa e do pesquisador? Como e por que isso acontece? Por este programa de procedimentos de subjetivação das referências, na relação com as subjetividades referenciais, pode-se colocar em funcionamento instâncias de subjetivação, que podem permitir pensar em um cuidado para a pesquisa, para o pesquisador e para o entorno destes acontecimentos.

Criando possibilidades de saber de si, pode-se mais bem cuidar de si, e isso acontece pela criação de composições genealógicas de processos de subjetivação, a partir dos seus entrelaçamentos, suas tramas e linhas; em processos que não cessam em produzir novos/outros acontecimentos. Pelo funcionamento desses processos a pesquisa torna-se o que

é; algo em movimento, em deslocamento, corpo onde se produz e se inscreve cortes e fluxos, reflexões e pensamentos, causas e efeitos, similitudes e diferenças. O ato de pesquisar, como um cuidado de si, torna-se efeito dos processos de subjetivação e dos entrelaçamentos feitos no decorrer do percurso proposto pelo desejo e afirmado pela atitude de criação.

Um Plano de Criação funciona como elemento constitutivo de uma formação. Aqui, tem-se a escolha de não prover uma separação entre O plano de Imanência⁶⁵ e O Plano de Composição⁶⁶, como faz Deleuze em “O que é a Filosofia?” Prefere-se a abordagem produzida em “Conversações”, que anuncia o caráter de inseparabilidade entre os meios da arte, da filosofia e da ciência, principalmente em um trajeto que deseja a criação, aliás, ato de exaustiva dificuldade, seja em que meio ou entrelaçamento de meios sua vida seja proposta.

O plano de composição da arte e o plano de imanência da filosofia podem deslizar um no outro, a tal ponto que certas extensões de um sejam ocupadas por entidades do outro. Em cada caso, com efeito, o plano e o que o ocupa são como duas partes relativamente distintas, relativamente heterogêneas. Um pensador pode, portanto, modificar de maneira decisiva o que significa pensar, traçar uma nova imagem do pensamento, instaurar um novo plano de imanência, mas, em lugar de criar novos conceitos que o ocupam, ele o povoa com outras instâncias, outras entidades, poéticas, romanescas, ou mesmo pictóricas ou musicais. E o inverso também. Igitur é precisamente um desses casos, personagem conceitual transportado sobre o plano de composição, figura estética transportada sobre um plano de imanência: seu nome próprio é uma conjunção. Esses pensadores são filósofos “pela metade”, mas são também bem mais que filósofos, embora não sejam sábios. Que força nestas obras com pés desequilibrados, Hölderlin, Kleist, Rim-baud, Mallarmé, Kafka, Michaux, Pessoa, Artaud, muitos romancistas ingleses e americanos, de Melville a Lawrence ou Miller, nos quais o leitor descobre com admiração que escreveram o romance do espinosismo. Certamente, eles não fazem uma síntese de arte e de filosofia. Eles bifurcam e não param de bifurcar. São

⁶⁵ “O plano de imanência não é um conceito, nem o conceito de todos os conceitos. Se estes fossem confundíveis, nada impediria os conceitos de se unificarem, ou de tornarem-se universais e de perderem sua singularidade, mas também nada impediria o plano de perder sua abertura. A filosofia é um construtivismo, e o construtivismo tem dois aspectos complementares, que diferem em natureza: criar conceitos e traçar um plano. Os conceitos são como as vagas múltiplas que se erguem e que se abaixam, mas o plano de imanência é a vaga única que os enrola e os desenrola. O plano envolve movimentos infinitos que o percorrem e retornam, mas os conceitos são velocidades infinitas de movimentos finitos, que percorrem cada vez somente seus próprios componentes” (DELEUZE; GUATTARI, F., 2010a, p. 45).

⁶⁶ “A sensação está pois sobre um outro plano diferente daquele dos mecanismos, dos dinamismos e das finalidades: é um plano de composição, em que a sensação se forma contraindo o que a compõe, e compondo-se com outras sensações que ela contrai por sua vez. A sensação é contemplação pura, pois e pela contemplação que se contrai, contemplando-se a si mesma a medida que se contempla os elementos de que se procede. Contemplar e criar, mistério da criação passiva, sensação. A sensação preenche o plano de composição, e preenche a si mesma preenchendo-se com aquilo que ela contempla” (DELEUZE; GUATTARI, 2010a, p. 249-250).

gênios híbridos, que não apagam a diferença de natureza, nem a ultrapassam, mas, ao contrário, empenham todos os recursos de seu "atletismo" para instalarem-se na própria diferença, acrobatas esartejados num malabarismo perpétuo (DELEUZE; GUATTARI, 2010 a, p. 81-82).

Neste caso, o conceito de Plano de Criação que se pretende compor funciona pelo agenciamento de dois conceitos produzidos por Deleuze e por Guattari: o conceito de Plano de Imanência e o conceito de Plano de Composição. O Plano de Composição revolve potências, intensidades sensíveis, "affectos e perceptos"⁶⁷, que transbordam em afecções e percepções ordinárias. Pode ser considerado o plano da arte, o plano de composição da arte, no qual as potências intensivas, affectos e perceptos, produzem transbordamentos de afecções e de percepções ordinárias. No caso do Plano de Imanência os conceitos transbordam e produzem os conceitos.

Ou seja, o Plano de Criação abarca uma relação efetiva entre a arte e a filosofia, como condição de possibilidade de prover à pesquisa e ao ato de pesquisar, uma necessidade e uma possibilidade de tecer suas próprias linhas, por entre os perceptos, affectos e conceitos, pelo menos entre àqueles que se puder encontrar. Trata-se de uma problemática de funcionamento simultâneo da sensibilidade e do sentido, acionada pelo desejo de criação. Isso produz uma relação de mútua intercessão no pensamento criativo, pela qual a figura estética e o personagem conceitual interagem em tal medida, que se torna inviável a identificação de uma determinada natureza e de uma determinada ordem de relação, e o que sobressai ressoa na/pela pesquisa enquanto potência de criação, donde o meio torna-se o composto relacional possível.

O Plano de Criação não impõe um caminho, e sim, provê a possibilidade do desafio de composição de um percurso, disposto/composto em um conjunto de coordenadas por onde as intensidades criativas passam, traçando linhas conceituais e estéticas, produzidas por personagens e figuras, misturando filosofia e arte. Um percurso que, por obra do desejo, escolhe pensar com a educação por entre as possibilidades de composição com a filosofia e a arte. Uma pesquisa e um ato de pesquisar que percorrem um trajeto pela necessidade de encontros, por entre os rastros que escorrem da ressonância entre os conceitos, os affectos e os perceptos que sobrevivem.

⁶⁷ Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os affectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e affectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele e fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, e ele próprio um composto de perceptos e de affectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si (DELEUZE; GUATTARI, 2010a, p. 193-194).

Assim, o Plano de Composição da arte e o Plano de Imanência da filosofia podem deslizar um sobre o outro, imiscuindo-se em atravessamentos inusitados. Isso possibilita que algumas extensões sejam ocupadas por algumas intensidades, o que coloca o pensamento da pesquisa e do pesquisador, em ato contínuo de diferenciação de si e do entorno. Deste modo, um pesquisador e uma pesquisa podem, continuamente, diferir do que pensam, instaurando a cada retorno uma nova imanência do pensamento. Isso pode não significar que se esteja criando novos conceitos, mas pode possibilitar que se povoe um espaço-tempo com outras instâncias.

Pelo Plano de Criação, têm-se entrelaçamentos entre intensidades sensíveis e pensáveis, entre um Plano de Composição e um Plano de Imanência, cujo funcionamento indissociável traça um Plano de Criação, que acontece no/pelo percurso trilhado, em uma costura de afectos, de perceptos e de conceptos, que se agenciam na possibilidade de diferenciação do que se sabe e o que se nomeia que se sabe da pesquisa e do pesquisador.

Todavia, o Plano de Criação não se produz alheio às referências de um território, e necessita de um Plano de Referência correspondente, como forma de prover a relação de resistência necessária. De algum modo, isso coloca em evidência uma estética de resistência, efeito de um desejo de diferenciação e de criação. O Plano de Criação tensiona o Plano de Referência, em um jogo entre o que é e o que pode vir a ser, no qual aquilo que não é, passa a ocupar o espaço-tempo possível de potência de criação. O que não é abandona a ideia de vazio, de inexistente, de impossível e aposta seu lance na potência daquilo que se pode preencher em percurso, daquilo que se pode tornar possível em meio às impossibilidades. Um jogo de múltiplos, simultâneos e contínuos lances, cada qual aproximando um ponto possível de diferenciação pela afirmação de uma instância de desejo de diferença.

LINHA DE RECURSIVIDADE: continuum de um inevitável retorno

O continuum tem-se como inevitável, estabelecendo a duração que o tempo produz na relação com as passagens pelo tempo que os encontros produzem. Ou seja, o tempo funciona como constante em uma relação em que os encontros funcionam como variáveis que marcam o espaço que percorrem. Assim, um acontecimento que se torna referente, funciona como a representação de um acontecimento do qual se pode obter algumas marcas, algumas coordenadas. Representação de um acontecimento que já não é o que representa, mas pode vir

a ser outra coisa. Neste caso, o conceito de "eterno retorno" ⁶⁸, de Nietzsche, possibilita um regresso do olhar sobre o que há, sobre o plano de referência, e que produz a significação do que se tem como existente.

E quando Nietzsche apresenta o eterno retorno como a expressão imediata da vontade de potência, de modo algum vontade de potência significa “querer potências”, mas, ao contrário: seja o que se queira elevar, o que se quer à enésima potência, isto é, extrair sua forma superior graças à operação seletiva do pensamento no eterno retorno, graças à singularidade da repetição no próprio eterno retorno. Forma superior de tudo o que é, eis a identidade imediata do eterno retorno e do super-homem (DELEUZE, 2006, p. 28).

E, com a possibilidade de múltiplos olhares busca-se a diferença nas maneiras de poder pensar com as percepções que tomam a superfície, e proporcionar uma tentativa de fuga à representação ⁶⁹ do que é do contexto pronto, dado e acabado, precisamente pela aposta no lance da diferença de um porvir.

MÁQUINA-MÉTODO: por uma pesquisa em devir⁷⁰

O que se deseja tornar possível aqui adquire potência na necessidade de se poder desenhar o funcionamento de uma máquina-método de pesquisa, que pelo acoplamento, duplamente articulado, de uma máquina-referência e uma máquina-criação, ambas tecendo

⁶⁸ “Uma preguiça que desejasse seu eterno retorno, uma tolice, uma baixeza, uma covardia, uma maldade que desejasse seu eterno retorno, não seria mais a mesma preguiça, não seria mais a mesma tolice... Vejamos melhor como o eterno retorno opera aqui a seleção. É o pensamento do eterno retorno que seleciona. Faz querer algo de completo. O pensamento do eterno retorno elimina do querer tudo o que cai fora do eterno retorno, faz do querer uma criação, efetua a equação querer = criar” (DELEUZE, 1976, p.33).

⁶⁹ “Dizíamos, anteriormente, que a representação se definia por certos elementos: a identidade no conceito, a oposição na determinação do conceito, a analogia no juízo, a semelhança no objeto. A identidade do conceito qualquer constitui a forma do Mesmo na reconhecimento. A determinação do conceito implica a comparação dos predicados possíveis com seus opostos, numa dupla série regressiva e progressiva, percorrida, de um lado, pela rememoração e, de outro, por uma imaginação que tem o objetivo de reencontrar, recriar (reprodução memorial-imaginativa).” [...] “O *Eu* penso é o princípio mais geral da representação, isto é, a fonte destes elementos e a unidade de todas estas faculdades: eu concebo, eu julgo, eu imagino e me recordo, eu percebo – como os quatro ramos do cogito” (DELEUZE, 2006, p. 200-201).

⁷⁰ “[...] a maioria, na medida em que é analiticamente compreendida no padrão abstrato, não é nunca alguém, é sempre Ninguém — Ulisses —, ao passo que a minoria é o devir de todo o mundo, seu devir potencial por desviar do modelo. Há um "fato" majoritário, mas é o fato analítico de Ninguém que se opõe ao devir-minoritário de todo o mundo. É por isso que devemos distinguir: o majoritário como sistema homogêneo e constante, as minorias como subsistemas, e o minoritário como devir potencial e criado, criativo. O problema não é nunca o de obter a maioria, mesmo instaurando uma nova constante. Não existe devir majoritário, maioria não é nunca um devir. Só existe devir minoritário. [...] Certamente as minorias são estados que podem ser definidos objetivamente, estados de língua, de etnia, e sexo, com suas territorialidades de gueto; mas devem ser consideradas também como germes, cristais de devir, que só valem enquanto detonadores de movimentos incontrolláveis e de desterritorializações da média ou da maioria” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p. 44).

suas linhas por entre os encontros possíveis de um Plano de Referência e de um Plano de Criação; isso, ainda em meio aos atravessamentos intempestivos das linhas de recursividade, possa vir a produzir fissuras no território produzido, marcas de diferenciação que desterritorializam e reterritorializam, múltipla e sucessivamente, o território que envolve as relações.

A máquina-método propõe uma atitude de criação, que mistura a pesquisa e o pesquisador, em procedimentos que vivificam o ato de pesquisar, o que faz do retorno uma nova possibilidade de olhar, em um desejo que esquece o caminho bem definido, àquele que explica e que indica todo um trajeto a ser percorrido. Aposta-se em procedimentos que, pela experimentação do preenchimento de um percurso pelos encontros possíveis, reverta a lógica produtivista da pesquisa em série. Neste caso, a pesquisa ocupa-se de envolver e implicar o que acontece na experimentação da pesquisa e do pesquisador, mesmo que não haja o entendimento de por aonde ir, mesmo que não haja uma definição de onde chegar, e mesmo que não haja garantia de uma chegada.

Afinal, uma máquina-método de pesquisa deseja acionar um acontecimento; e isso não define uma resposta, e sim, desenha uma problemática. Uma máquina-método de pesquisa deseja-se artesã do seu olhar e da sua voz, valendo-se de toques sutis, de um roer tímido e suave que, de algum modo, possa vir a desfilar as amarras que prendem as subjetividades em meio aos processos de subjetivação hegemônicos e repetitivos. Artesã que tece com os conceitos, os afectos e os perceptos possíveis de encontro, um preenchimento de planos que possam efetivar-se em conceitos, em afecções e em percepções. E, que haja um contínuo enredamento da tessitura para mais um lance, para mais um retorno na busca à diferença.

Assim a pesquisa acontece, nas possibilidades de se poder retornar e pensar novamente, de sentir novamente, não como forma de atualizar uma forma; mas como um modo de modificar um modo; um vir a ser sempre possível, a cada momento; variáveis em uma variação contínua, em uma alternância de estados em que a cada rabisco se possa traçar a diferença que for possível que se crie. Investimento em um olhar de cuidado com a pesquisa e com o pesquisador, no sentido de aproximar como estes se tornam o que são a cada instância de relação; e como e por que uma mudança acontece?

PROCEDIMENTOS POSSÍVEIS: o ato de pesquisa

Os procedimentos de pesquisa funcionam como os fios que tecem a trama que deseja produzir o corpo de pesquisa. Podem ser criados, apropriados de outros domínios, traduzidos, transduzidos e, inclusive transvalorados.

Procedimentos criados pela relação entre intercessores os quais, em seus trajetos pelo percurso da pesquisa, podem prover composições com intensidades afirmativas de uma diferença, e por efeito produzir um novo procedimento. Procedimentos apropriados na medida em que os movimentos de criação também podem funcionar como máquinas de captura de procedimentos que sustentam um plano de referência hegemônico em um determinado território, subvertendo-os, como forma de produzir uma linha de diferenciação, que possa vir a provocar um movimento de desterritorialização e de reterritorialização deste território.

Procedimentos traduzidos, no sentido de que as máquinas de criação necessitam imiscuir-se por entre os procedimentos referenciais, como forma de mapear seus modos de constituição e de significação, para aí, inferir um modo de resistência. Procedimentos transduzidos por processos tradutórios sucessivos e contínuos, os quais acabam por produzir outra natureza de procedimentos, transvalorados em si.

Os procedimentos são a possibilidade de ultrapassar o confinamento do pensamento sujeito a uma crítica metafísica. Os procedimentos não derivam da máquina-método, mas são imanentes às relações que a produz. Deste modo, pode-se usufruir de procedimentos cartográficos, de procedimentos biografemáticos, de procedimentos de narrativa de si e do entorno, conforme a necessidade que emane do processo de criação. Ou seja, a máquina-método pode compor com métodos pré-existentes, pode (re)configurá-los, (res)significá-los, conquanto que isso implique e envolva um ato de criação.

Deste modo, a máquina-método deseja exercer uma atitude de experimentação de uma criação coletiva, uma política de criação. Pelo funcionamento da máquina-método, pode-se declinar das leis que dizem e garantem o que a pesquisa deve ser, e investir nas relações que compõem a experiência de pesquisar. A máquina método aposta no devir, na possibilidade de uma obra aberta, no rompimento com o discurso do rigor empírico, pela simples condição de possibilidade de afirmar a jurisprudência de poder deslocar-se das relações de direito às relações políticas, deslocar-se das relações de controle às relações da experiência criativa.

A máquina-método torna possível que se criem intercessores da/para pesquisa, enquanto se produzem os trajetos que compõem o ato de pesquisar. São os intercessores que

acionam os procedimentos, que se valem deles em seus deslocamentos, que criam o ritmo da criação. Pesquisar passa a funcionar como uma tentativa sempre possível de se colocar em uma posição de experimentar o encontro com a criação de algo. Deste modo, a máquina-método torna-se corpo de resistência de uma pesquisa que se cria e se recria continuamente. A composição de uma pesquisa que funciona por um processo de povoamento, e não se bem sabe o povo que se irá encontrar, de onde virão as interferências, que desvios se irão provocar; isso coloca o ato de pesquisar em devir, e a pesquisa em um contínuo “porvir”⁷¹.

Que cada um opere a sua máquina-método, que possa configurá-la na relação com os seus desejos, com a sua necessidade, com o ritmo e a política que lhe aprouver, afinal a máquina-método possui apenas uma propriedade, qual seja, do desejo de funcionar. Então como provoca Deleuze, mexa-se e crie a sua! “O importante nunca foi acompanhar o movimento do vizinho, mas fazer seu próprio movimento. Se ninguém começa, ninguém se mexe. As interferências também não são trocas: tudo acontece por dom ou captura” (DELEUZE, 2010, p.160).

Existe toda uma problemática da expressão da pesquisa que não pode ser relegada a uma função secundária. Pesquisar, pela perspectiva da construção de uma máquina-método, com seus programas e seus procedimentos de pesquisa, articulados e manuseados pelos intercessores possíveis, implica um movimento de fabulação. Fabulação de uma expressão de verdade que em uma determinada data, em um determinado ritmo, pela qual a pesquisa possa expressar uma problemática, que as questões diretas poderiam querer encobrir.

Essa ideia de que a verdade não é algo preexistente, a ser descoberto, mas que deve ser criada em cada domínio, é evidente nas ciências, por exemplo. Até na Física, não há verdade que não suponha algum sistema simbólico, mesmo que sejam só coordenadas. Não existe verdade que não “falseie” ideias preestabelecidas. Dizer “a verdade é uma criação”, implica que a produção da verdade passa por uma série de operações que consistem em trabalhar uma matéria, uma série de falsificações no sentido literal. “[...] Essas potências do falso é que vão produzir o verdadeiro, é isso os intercessores [...]” (DELEUZE, 2010, p.161).

Uma máquina-método não pertence ao aparelho acadêmico, não se opõe ao controle que é inerente à Academia, e funciona de modo subjacente, em um espaço-tempo externo e

⁷¹ A presença da poesia está por vir: ela vem para além do futuro e não cessa de vir quando está ali. Uma outra dimensão temporal, diferente daquela de que o tempo do mundo nos fez mestres, está em jogo em suas palavras, quando estas põem a descoberto, pela escansão rítmica do ser, o espaço de seu desdobramento. Nada de certo aí se anuncia. Aquele que se apega à certeza, ou mesmo às formas inferiores da probabilidade, não está caminhando em direção ao “horizonte”, assim como não é o companheiro de viagem do pensamento cantante, cujas cinco maneiras de se jogar se jogam na intimidade do acaso. A obra é a espera da obra. Somente nessa espera se concentra a atenção impessoal que tem por vias e por lugar o espaço próprio da linguagem. Um lance de dados é o livro por vir (BLANCHOT, 2005, p.352).

marginal às relações de saber-poder instituídas. Uma máquina-método deseja subverter o desejo do método de controlar da pesquisa, pelo investimento em um cuidado de pesquisar que deseja afirmar um devir; entrar e reentrar a qualquer tempo, em qualquer espaço, cada movimento funcionando como a possibilidade de um traço criativo no ato de criação da pesquisa e do pesquisador.